



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

y. S. 564

VINGANÇA.

© Arthur Lima

VINGANÇA.

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Este successo passò en nuestros tiempos, del qual he tenido noticia de los mismos a quien sucedió, y yo me he animado a escribirle, para que cada uno mire lo que haze, pues al fin se paga todo.

DONA MARIA DE ZAYES Y SOTOMAIOR. (*Novelas Amorasas*)



PORTO,
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, n.º 14 e 15.

1858.

LOAN STACK

**PORTO — NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,
Largo do Laranjal n.º 4.**

PQ92.61
C3V45
1858

A ANTONIO FERREIRA QUIQUES,

OFFERECE

© author.

2019 10 10 10:00:00

VINGANÇA.



I.

. *El hombre tiene
Cosas bien estafalarias.*
MORATIN (El Viejo y la Niña.)

EM Agosto de 1850, á mesa-redonda dos *Irmãos-Unidos*, em Lisboa, no largo do Rocio, jantavam dez ou doze pessoas que se não conheciam.

Um dos convivas, escriptor provinciano, e tagarello expansivo, escolhera aquella hospedaria para ter um auditorio certo. Nos primeiros dias sorrira-lhe a fortuna. Alcançara, em vespas de partida, alguns deputados mi-nhotos, que se desforravam, de tarde, com as belfas rubicundas e palito nos dentes, do silencio religioso com que assistiam, de manhã, aos mysterios eleuzinos do parlamento.

A eloquencia do escriptor portuense não se acanhava em presença dos Ciceros e Hortensios sertanejos, mormente depois que o afoitou o convencimento de que não eram elles homens que lh'a podessem desdenhar. Algum d'esses lhe assoprara tanto as basofias da loquacidade que o audacioso jornalista chegou a impôr as suas doutrinas economicas aos ouvintes, e estes aceitaram-lh'as como novidade. E' certo que, na immediata legislatura com grande pasmo dos oradores notaveis, os procuradores reeleitos do Minho, disseram, com desassombro, algumas sandices, cuja originalidade pertence de direito ao litterato que os iniciara.

Evacuada a hospedaria de deputados, o escriptor achou-se com personagens estranhos, chegados recentemente de varias direcções. Se dirigia a palayra ao visinho da esquerda, offerecendo-lhe uma colher d'arroz, o commensal aceitava o arroz e pedia-lhe uma perna de gallinha; se pedia ao da direita o pote da conserva, acompanhando o requerimento com attestados medicinaes da virtude estomachica do pimentão, o visinho grunhia um arrote approvador, e atoicinhava a fêbra triturando silenciosamente, e envesgando um olho famélico sobre cada iguaria que vinha entrando.

O escriptor estava fulo, e mal podia já conter o insulto aos glotões taciturnos que, apenas devorado o podim, apertavam os botões dos colletes, e debandavam ca-

da um para o seu quarto , com as palpebras descabidas para roufinharem em beatifica digestão.

Um dia , porém , justamente n'esse jantar por que principia esta historia , Roberto Soares , que assim se chamava o jornalista do Porto , repleto de indignação , ergue a voz quando todas as atenções se concentravam n'um pentágono de boi assado , e diz :

« Corre em Lisboa que está hospedado n'esta casa um principe da Etiopia. Eu já disse que nenhum dos meus companheiros era negro , mas redarguiram-me que o principe é mulato branco e só pela falla se denuncia. Qual dos senhores é o principe, que quero beber á sua saude?

Os convivas encararam-se com serio reparo, suspenderam por instantes o rugido da deglutição ; mas não preferiram um monossyllabo. Passado o momento da surpresa, cahiram, unidos como um só homem , sobre as talhadas do boi , e Roberto Soares desceu lentamente o braço que erguera o copo para brindar o principe.

« Pelo que vejo — tornou elle, rufando no prato com duas facas — pelo que vejo , os senhores são todos principes da Etiopia disfarçados. Declaro que heide hoje commetter um regicidio. Qual dos senhores tem a cabeça mais vasia de intelligencia que lhe quero introduzir tres onças de chumbo?

— Eu aceito o favor , se nenhum d'estes senhores

*

quizer — disse um homem magro e trigueiro que estava defronte de Soares, procurando o cerebro no craneo d'uma pescada. E proseguiu : — Aqui estava eu agora procurando a intelligencia d'esta pescada, e acho uma cavidade ôca, a qual offereço ao exame de v. s.^a que, ao que parece, costuma fazer na especie humana os estudos que eu faço no peixe cozido.

Roberto Soares fez uma cortezia ao interlocutor, e disse com gravidade :

« Vejo que seria uma barbaridade matar um principe que promette reinar ilustradamente. Pois o senhor sabe dizer cousas d'essas, e tem-me, ha quatro dias, privado do seu espirito ? ! Está o meu amigo convidado para conversar hoje comigo quatro horas, e então discutiremos qual dos nossos companheiros é o principe disfarçado.

Os hospedes soltaram um frouxo de riso, olhando-se com ar palerma. O convidado para discutir a identidade do monarcha africano, fez uma visagem intelligente, que muito aprouve ao escriptor. Os dous trocaram-se um olhar sympathico, fazendo assim tacita alliança e convenção para explorarem o « ridiculo » dos seus commensaes.

Acabado o jantar, ergueram-se todos, excepto Roberto Soares, e o observador de craneos de peixe.

« Como se chama v. s.^a ? — perguntou o escriptor.

— O menino não vê que eu sou um homem velho ? !

Essas perguntas fazem-se com mais respeito. . . — disse,

sorrindo, com o calix de genebra ao pé dos beiços, o hospede.

« O senhor não é velho... o mais que pôdeter são quarenta annos.

— Quarenta e nove. Estou direito e rijo, porque participo do temperamento physico de dom Quichote, e do temperamento moral de Sancho-Pança. Tenho duas naturas, não acha ?

« O que eu acho é que o senhor tem fina chalaça, e não sei como se pôde estar, com tanto espirito, calado, quatro dias, sem corresponder ao desafio da gente. Eu pensei que o meu caro senhor era um requerente de provincia, uma especie de mestre-escôla...

— Mestre-escôla ! ... — atalhou, franzindo o sobr'ollo, e alongando os beiços, o galhofeiro quinquagenario. — Ora essa ! E eu cuidava que a minha figura inculcava um morgado de aldêa, no terceiro periodo d'uma pthysica de algibeira ! ... Nem se quer me fez barão ! E' preciso que tenha uma cara muito desusada o infeliz que tão pouco se recommenda ! Então em que ficamos ? O que acha o senhor que eu sou ?

« Não sei ; estou quasi a perguntar-lh'o.

— Pois eu lhe digo : sou um cavalheiro de industria. Se v. s.^a fosse esperto, tinha-me já adivinhado.

« E que industria é a sua ? — disse Roberto Soares, no mesmo tom de familiaridade.

— A minha industria é tudo que me forra ao trabalho e me abona mais faceis recursos de subsistencia. Actualmente exerço a industria de caloteiro de hospedaria: é a mais innocente de quantas sei, e tambem a menos engenhosa. Reduz-se a minha habilidade: a estar tres mezes em Lisboa com soffrivel mesa e soffrivel cama gratuitamente. Em algumas republicas gregas sustentavam-se, assim, a expensas do estado, os meninos; bom é que em Portugal se estenda até aos velhos esta salutar providencia.

« Está bom ! . . . — disse Roberto, torcendo o bigode — O senhor é o homem mais franco que eu tenho visto.

— Por uma razão muito simples. Eu não costumo ser assim franco com o primeiro que me pergunta o meu officio. Sou-o com v. s.^a por que o reconheço uma pessoa que não pôde ser explorada por algum ramo da minha industria. O senhor, economicamente fallando, é improductivo. Averigui quem o senhor era, e disseram-me, cá na hospedaria, que o meu amavel companheiro era litterato. Não nasceu ainda o engenho industrial que soubesse entrar nas algibeiras d'um litterato portuguez. Entendeu bem a explicação da minha franqueza ?

« O senhor está caçoando comigo. . . Não creio o que me tem dito. Acha-me indigno de ser tractado seriamente ?

— Não, senhor; pelo contrario. Se me não mere-

casse tão bom conceito de rapaz sisudo, é natural que lhe escondesse a minha profissão, receoso de que prevenisse contra mim o dono da hospedaria... Disseram-me que v. s.^a era da provincia, e creio que se chama Roberto Soares. Eu não lhe posso dizer d'onde sou, por que não sei onde nasci, nem tenho a certeza de ter nascido em alguma parte ; se, porém, interessa em saber o meu nome, saberá que me chamo, em Lisboa, Macario Afonso da Costa Penha ; e, se me encontrar, de hoje a um mez, no Porto ou em Coimbra, terá o incommodo de perguntar-me o meu nome. Que faz o senhor em Lisboa ?

« Ando atraz d'um ministro pedindo um emprego.

— Sem esperança de o alcançar ?

« Quasi.

— Porque não hade o senhor empregar-se sem depender dos ministros ?

« Em que ? O escriptor não se sustenta em Portugal.

— Quebre o tinteiro na cara d'um credor, e ini-cie-se no meu officio.

« Na industria cavalheirosa ?

— Está claro.

« O senhor começa a fazer-me...

— Cavalheiro de industria ?

« Não, senhor, começa a fazer-me nojo.

— E' que o seu estomago tem sarro : tome alguns chás amargos... Vejo que o molesta este novo conhecimento... Aqui tem o que lucrou com a sua curiosidade! Que lhe importava ao snr. Soãres saber quem eu era? Não o impaciente o mêdo das minbas relações. De hora em diante conviveremos como se nunca nos tractassemos.

Macario Affonso ergueu-se, voltou as costas ao escriptor, e sahiu da sala.

Ao escurecer desse dia, estava Roberto no café Suisso, e viu entrar o seu homem, bem trajado de preto, sentar-se a uma banca, tomar café, e fumar por um bello cachimbo , com gentis maneiras.

« Lá está o excentrico » disse um amigo de Soares.

— Quem é o excentrico ? — perguntou este.

« Aquelle homem do cachimbo.

— Conheces?

« De vista : é um millionario.

— Estás enganado : o que elle é... sei-o eu — disse Roberto , sustando a tempo uma indiscreta revelação.

« Pois que é ?! Não consentes que elle seja millionario?!

— Não tem geito d'isso ; é meu companheiro de hospedaria... e...

« E que? Forte razão ser teu companheiro de hospedaria! Se eu te provar que este homem , ha menos de

quarenta e oito horas , apresentou letras de cento e vinte contos, sacadas em Londres , sobre dous negociantes de Lisboa ! . . .

— E' impossivel . . . essas letras, se existem, são falsas . . .

O interlocutor de Roberto riu extraordinariamente , e o millionario discutido, chamado pelo ruido da risada , encontrou o olhar penetrante do escriptor.

Sem desconceituarmos a nobre altivez de Soares , diremos que elle estava olhando com um certo ar de acatamento, que não se esconde , o supposto cavalheiro de industria, á maneira que o seu amigo guarda-livros lhe ia destruindo a má impressão com que sahira do hotel, horas antes.

Macario Affonso, se é que era Macario Affonso, sahio do « café » ; e, passando perto da mesa do escriptor, cumprimentou-o de cabeça ligeiramente.

« Isto é um grande celebração ! — proseguiu o guarda-livros — Contam-se muitas anedoctas deste homem . . .

— D'onde é elle ?

« Não sei : disseram-me que teve um grande estabelecimento em Buenos-Ayres, e alguém me disse que o conhecera no trafico de negros. Penso que foi negreiro.

— Como se chama, sabes ?

« Ouvi-lhe chamar commendador Penha . . .

— E' isso . . . *Penha* . . .

« Por que dizes tu *é isso* ?

— Por que elle me disse o seu nome ; mas não me disse que era commendador...

« De uma ordem brasileira... creio que do Cruzeiro...

— Nada , não.

« Que importa ! segue-se que é modesto... Ahi vai uma exquiritice deste homem. Quando chegou , ha mezes, a Lisboa, para se livrar d'um cautelleiro importuno, comprou um bilhete da loteria, que foi premiado. Chegando ao « largo das Duas Igrejas » ouviu uma conversação de duas senhoras modestamente vestidas, caminhando a par com elle. Era uma filha censurando asperamente a mãe por que empregara metade do seu monte-pio na compra de um bilhete da loteria que sahira branco. A mãe dizia que fôra, com o desejo de a fazer feliz, arriscar metade do seu pão. A filha redarguia-lhe que ella estava demente. O commendador metteu-se na contenda, e disse : Ha pessoas muito infelizes nas loterias, minhas senhoras. Eu tambem sou teimoso, e ninguam como eu tem sido tão cruelmente tractado pela Santa Casa da Misericordia. Aqui tenho eu na algibeira um bilhete, com um numero de palpite: — 777 — Está branco ? — atalhou a velha. « Não sei, minha senhora ; mas tanta certeza tenho de que está branco, que o vou rasgar. — Sem vêr a lista ? ! — acudiu a moça — « Sim , menina , sem vêr a lista... Se o quer, faço-lhe presente d'ella:

« A velha aceitou o bilhete com soffreguidão; e chegando ao Rocio, já apartadas do homem que ellas imaginaram um original desfrutador, viram o numero 777 premiado com dous contos de reis, em uma lista de casa de cambio.

« Conheço estas senhoras : a velha é viuva d'um capitão, e a filha é uma costureira muito honesta. Foram ellas as que me mostraram este homem no Passeio-Publico, e acrescentaram que, dirigindo-se a elle um dia para lhe restituirem parte ou todo o premio, o commendador, depois de ouvil-as mui cortezmente, lhes diçsera que não tivera nunca a honra de fallar com ellas.

— Isso é verdade ? ! interrompeu Roberto — Então o homem esteve a mangar comigo !

« Pois que te disse elle ?

— Fez-me uma confidencia extravagante. . . Disse-me que era. . . Desculpa-me a reserva. . . Eu não devo contar a mais estranha das suas excentricidades. . .

Roberto sahio do « café » com a intenção de procurar o commendador na hospedaria, e perguntar-lhe terminantemente o que queria dizer o embuste com que elle quizera deshonnar-se, sem precisão.

Macario Affonso passeava no Rocio de braço dado com um caixa do tabaco, homem que recommenda aos respeitos publicos todo aquelle a quem concede a honra do seu braço. Novas provas para Roberto, que, ao passar por

ellé, machinalmente lhe fez uma grave cortezia de chapéo.

Mal posto adverbio é este *machinalmente* ! Ninguem corteja, em distracção, um homem que apresenta letras de cento e vinte contos. A presença d'um millionario ensina mais cortezia que um compendio de civilidade. Para me não dar ao enfadonho vézo de fazer maximas, vamos ao capitulo segundo.



II.

Che sia il disegno suo, ben io comprendo
E dirollo anco a voi, ma in altro loco.

ARIOSO (*Orlando Furioso.*)

Anoitecera, e Macario Affonso entrou no hospedaria , onde Roberto Soares o esperava.

Facto incomprehensivel! O escriptor queria apresentar-se ao millionario, gracejando ; mas dominava-o certo acanhamento , timidez ou consciencia de inferioridade. Esta baixeza de espirito não deslustra o character de Soares : é fraqueza em que se abastardaram os animos, desde que o dinheiro usurpou as venias que, n'outros tempos , nóbilitavam o individuo rico d'outras especies. A degeneração é commum. Os que basofeam pureza, independencia, e isempção são actores, n'outro genero , da comedia

humana. O que salva o poeta de prostituir o seu espirito á materia, honorificada com a primasia do dinheiro, não é a independencia, é o pejo, é o receio da mofa publica, receio protector que tem salvado muito talento de divulgar a ignominia do coração.

Soares chegara irresoluto á porta do excentrico hospede, e disse em tom serio :

« O cavalheiro dá licença ?

— Entre quem é.

Estava-se barbeando o commendador, e, voltando a face, exclamou :

— O'lé ! por aqui ? ! eu já o recebo, cavalheiro. Deixe-me dar o ultimo gilvaz nestes ossos descarnados. Está o meu nobre amigo—proseguiu elle com a face quasi encostada ao espelho— admirado de me ver barbeiro de mim mesmo como Luiz XVI, e como o ultimo dos maltrapilhos, não é verdade ?

« Gabo-lhe a paciencia. . .

— Paciencia e cautella. Quem é o homem notavel que confia o seu pescoço a uma navalha em mão estranha ? O que v. s.^a talvez me não conceda é a notabilidade que faz o perigo dos pescoços. . .

« Pelo contrario — disse Soares reanimado — Sei que v. s.^a é uma pessoa qualificada, com o defeito de zombar da credulidade dos provincianos, e ultrajar as suas proprias virtudes, se quer escarnecer a boa fé dos outros.

— O meu amigo—redarguiu o commendador voltando-se todo gravemente para o escriptor — o meu amigo disse agora ahí solemnissimas palavras ! — E proseguindo o escanhoamento , acrescentou : — Com que então , meu caro snr. Soares, diz v. s.^a que eu escarneço a boa fé dos outros. . . Essa confissão já eu lh'a fiz, quando confessei o que sou. Um cavalheiro de industria de que vive, se não de lograr a boa fé dos incautos ?

« Não profira v. s.^a mais essas palavras que lhe ficam pessimamente. O senhor é uma pessoa de bem. Um cavalheiro de industria não dá esmolos de dous contos de reis, nem dispõe de capitaes que só a honrada industria accumula.

— V. s.^a dá-me licença — interrompen , lavando a face, o risinho millionario — dá-me licença que lhe diga que é um innocente, por não lhe dar uma qualificação mais acertada ?

« Quer dizer que eu sou um tolo ?

— Roubou-me o pensamento ; mas a descoberta fica sendo propriedade de nós ambos. Deixe-me vestir um chambre , e eu lhe fallo com a sisudeza que o caso pede.

Tudo isto era dito pausadamente, sem affectação, nem ambições de parecer desusado. Vestido o chambre, o commendador abriu uma caixa de « havanos » que offereceu ao escriptor, dizendo :

— Isto é contrabando... A sua discrição não me hade indispor com o contracto...

« Onde v. s.^a tem poderosos defensores, se eu o denunciar... — atalhou, sorrindo, Roberto — Aquelle que ha pouco lhe dava o braço...

— Ah! sim, conhece aquelle cavalheiro? Quer o meu amigo dizer com isso que eu sou um homem importante... Não tire conclusões tão seguras de principios tão incertos. Bem pôde ser que eu, na minha consciencia, me sentisse deshonrado pelo contacto daquelle sujeito, a quem v. s.^a, na sua ignorancia da sociedade, concede o poder de nobilitar as pessoas que o tractam hombro a hombro... Ora diga-me: foi informar-se de mim?

« Não, senhor; soube casualmente que v. s.^a era uma pessoa distincta pela sua fortuna, e pelas suas boas qualidades. Senti que me quizesse afastar de si, fingindo-se um homem repellente; lembrou-me que o tractei com desabrimto...

— E vem agora pedir-me desculpa?

« Não direi tanto; venho... entendo que... depois de...

— Não gagueje, snr. Soares. V. s.^a vem offercer ao millionario as considerações que negava ao velhaco, ao cavalheiro de industria. Isso é um erro. Entende que o millionario é sempre digno da veneração negada ao velhaco? O senhor está corrupto, se me dá licença.

« Corrupto !... corrupto , não...

— Pois transigir com a corrupção o que é?

« V. s.^a — respondeu, enleado, o escriptor — rebateme d'um modo tal que me tolhe a liberdade de responder...

— Essa é boa !

« Acho uma novidade tal no seu character, que me parece estar lendo um romance dos que se não podem fazer neste paiz onde tudo é trivial.

— Outro erro seu. Ha muitos caracteres de romance na nossa terra. Nenhum paiz tem tão rica mina que explorar de scenas tragicas e comicas. Á superficie da nossa sociedade dos ultimos vinte annos rebenta , todos os dias, um romance. Não ha familia cahida e familia levantada que não tenha um. Os senhores, que professam as letras , é que não sabem , nem estudam na natureza os quadros acabados que ella lhe offerece.

Que fez Vernet para pintar uma tempestade? fez-se atar ao mastro d'um navio batido pela tormenta. Que fez Plinio para vêr de perto a natureza? despenhou-se nas lavas d'uma cratera. Que fez o anathomico Bichat para estudar os orgãos da vida? morreu da putrefacção d'um cadaver.

Sem observação não ha verdade; sem bases verdadeiras a mais rica imaginação perde-se no inverosimil. Os escriptores portuguezes não conhecem da sua terra se não o poetico céo , as saudosas tardes do estio , e as afeições

amorosas que a meiguice desta natureza lhes inspira. Isto dá-o o coração sem estudo; e o que convem estudar, para fielmente descrever esta sociedade, é tudo o que está fóra do coração, é tudo o que póde filiar-se ao materialismo das paixões, á cubiça dos gosos corporeos, á ambição desenfreada de sacudir os farrapos e a lama com que por ahí se entra na carreira da fortuna. Estou-o impacientando?

« Não, senhor. Ouço-o com religiosa attenção.

— Disse o meu amavel escriptor que eu lhe pareço um homem de romance. Sou. Tenho uma historia biographica, com que podia fazer-se a reputação d'um talento mediocre, por que as scenas da minha vida estão dispostas, acabadas, e atadas, por um casual maravilhoso, umas ás outras. O que faria a desesperação do meu historiador são os poucos quadros amorosos que eu tenho na minha vida. Ha nella uma só paixão doce, um só oasis de sentimentos ternos. O mais são tudo reminiscencias torvas, abysmos evocando abysmos, uma genealogia de desgraças e crimes, que perderia a unidade da acção, se o meu historiador as quizesse intermear de paragens agradaveis ao espirito fatigado do leitor.

Não cuide que lhe vou contar a minha vida. Seria engraçada cousa um homem de cincoenta annos, fazendo seu confidente um moço de... Quantos annos tem o senhor?

« Vinte e quatro.

— Pois ahí tem : ha incompatibilidade nos nossos espiritos. Não nos poderíamos entender ; nem . . . por que não heide eu ser franco ? nem o senhor exerce em mim a acção poderosa que obriga o coração a abrir-se.

« Nem eu de tal presumia — atalhou Roberto Soares — Como hade merecer-lhe confiança um rapaz que v. s.^a tractou como rapaz ? Muito lhe devo eu já pela seriedade com que , talvez sem o querer , v. s.^a me tem dito o que realmente creio que sente. A sua estima hade ser difficil de grãngear-se ; e , se eu lh'a não merecer pela sympathia da intelligencia , não tenho esperanças de alcançal-a com outros merecimentos. Sou ao menos digno de saber o seu verdadeiro nome ?

— O meu verdadeiro nome ! Todos os nomes são verdadeiros , logo que a sociedade nos reconhece por elles. Chamam-me , já lh'o disse , Macario Affonso.

« V. s.^a é commendador d'uma ordem brasileira.

— Sou ; mas isso creio que não é nome ; tambem sou commendador de duas ordens portuguezas ; e , ainda mais , chamam-me barão. Já vê — acrescentou elle baixando o sobr'olho , e pousando a mão no hombro de Soares — já vê que me tem dado umas *senhorias* pouco lisongeiras , e que o seu informador não está ao par das graças que S. Magestade faz aos benemeritos. Tenho , pois , a honra de lhe apresentar o meu *alter ego* , e desculpe o latim , o meu barão da Penha , rogando-lhe que me não

*

apresente como tal aos nossos companheiros da mesa redonda, que naturalmente serão todos barões, e eu não quero camaradagem, nem os quero ouvir, para me não arrepende da igualdade ignobil, que me custou não sei quanto.

O cavalheiro de industria methamorphoseou-se. Mostrei-lhe o que se póde ser antes de ser-se barão; quiz de-ver-lhe uma hora de recreio, por que, em verdade, estive divertido em quanto tractei o meu joven amigo com a mesma galhofa com que o senhor se quiz relacionar com os seus commensaes. Não sei se está contente com a satisfação...

« Mais do que devia esperar... Foi uma das excen-tricidades de v. exc.ª...

— Agora vou vestir-me. Tenho o sarão do visconde de Villa-Secca. Não sei quem é o visconde de Villa-Secca; mas fui apresentado hontem á viscondessa em casa d'um meu amigo, e hoje recebi um cartão. Quer que eu o apre-sente? Vá preparar-se.

« Se v. exc.ª me quer dar essa honra, irei.

— O senhor não está relacionado?

« Vim a Lisboa como pretendente. Conheço algumas notabilidades que me promettem protecção; mas não me convidam para sua casa.

— O senhor que pretende?

« Um emprego n'uma repartição qualquer.

— E' pobre?

« Tenho vivido escassamente do meu trabalho litterario.

— Tem familia?

« Tenho mãe.

— Que vive da sua protecção?

« Eu não podia dar-lh'a. Minha mãe é sustentada por uma irmã que está em pouco melhores circumstancias. Ha dez annos que está paralytica.

— Pobre senhora! Está bom; fallaremos muito. Vá vestir-se, que já ahi está a sege.



III.

...Nuit de mystère !
V. HUGO. (*Le Roi s'amuse.*)

O visconde de Villa-Secca era um fidalgo das ultimas rebentações da provincia: Tinha casa no Porto, e achava-se em Lisboa para contentar os caprichos da viscondessa, que se queixava de morrer de aborrecimento na sua terra.

O visconde chamava-se Antonio José, e a viscondessa Maria do Rozario. Orçavam pela idade um do outro, de cincoenta e cinco a sessenta annos, pouco mais ou menos.

Maria do Rozario servira no convento de Monchique desde 1804 até 1808. A invasão franceza, no Porto, mudou-lhe o destino de vida. Fugindo com a freira, sua ama, teve o apparente infortunio de ser prisioneira d'um official

francez, que, tambem captivo dos agrados, e condoído das lagrimas da môça, a levou comsigo na retirada. A ama foi menos feliz, porque, desinfectado o Porto da peste franceza, entrou no seu convento, onde morreu em cheiro de santidade. Os contemporaneos desta esposa do cordeiro dizem ser ella a authora das « Cartas d'uma religiosa portugueza » traduzidas pelo presbytero Francisco Manoel do Nascimento. Isto não está averiguado.

Vamos á Mariquinhas, que é o essencial.

O francez morreu em Waterloo, e a moça achou-se desamparada. Um cirurgião portuguez, empregado nas ambulancias do exercito invasor, tomou conta da formosa patricia. Feita a paz geral, o cirurgião voltou á patria, e tão affeiçoado vinha á moça que a fez sua mulher, em Lisboa. D. Maria do Rozario enviuvou em-1818. Era ainda bella nos seus vinte e oito annos; mas ficara pobre. Anunciou-se como mestra de francez em casa particular, e foi logo assoldada para educar as filhas de um fidalgo.

O fidalgo era viuvo. Namorou-se da mestra, tentou-lhe a virtude, e apaixonou-se com a resistencia. Antes de enlouquecer, resolveu casar-se. Pediu perdão da ignominia aos indignados avoengos de lona, que o encaravam severos na sala dos retratos, e declarou-se á inflexivel mestra. D. Maria preparava e esperava este desfecho. Aceitou com desdem, dizendo que a sua unica ambição era a virtude.

Souberam-no os parentes do fidalgo , e tramaram estorvos de modo que o casamento foi dilatado.

Entre tanto fizeram saber a D. Maria do Rozario que o fidalgo tinha uma perna pôdre. A ênojada viuva inspecionou o quarto , e effectivamente descobriu vestigios de podridão nos unguentos e fios que o noivo escondia. Isto desanimou-a.

Os parentes conheceram a mudança , e applaudiram-se do expediente ; mas a viuva do cirurgião dava ares de querer transigir com a perna lazara. Os interessados no desmancho do casamento urdiram nova intriga. Offereceram á noiva alguns contos de reis para sahir da casa , acompanhando a proposta de razões que a convenceram de que ficaria pobre , por morte do marido , e seria sempre repellida da convivencia dos herdeiros. Venceram. D. Maria do Rozario , inexoravel ás lagrimas do fidalgo , sahio com alguns mil cruzados , e foi para o Porto , onde tinha parentes.

No Porto , informou-se dos parentes , e soube que tinha uma irmã casada com um guarda da alfandega , um irmão anspeçada na policia , e outro barqueiro no Douro.

Envergonhou-se da parentella , e não se apresentou a nenhum.

Em doze annos de ausencia , as feições da creada de Monchique estavam desfiguradas , posto que bellas ainda. Os seus parentes , se a vissem , trajada senhorilmente ,

não a conheceriam. Não obstante, Maria foi morar nos arrabaldes. Alugou uma casa na Ramada-Alta, pouco depois comprou uma quinta nos campos de Cedofeita, e deu que soffrer á curiosidade dos vizinhos.

Antonio José, ahí por 1827, casou-se com D. Maria do Rozario.

Quem era, porém, Antonio José que venceu a resistencia da dama mysteriosa, perseguida pelos leões distinctos daquella época, Alcoforados, Corréas, Cirnes, Leites e outros cujos descendentes cederam a liça aos filhos dos seus escudeiros?

E' o que havemos de saber, quando fôr tempo, e póde ser que seja logo.

O barão da Penha apresentou-se á viscondessa de Villa-Secca, dizendo:

« V. exc.^a vai honrar-me com o conhecimento do snr. visconde, e eu lhe rogo que aproveite o ensejo para duas apresentações: é o snr. Roberto Soares, que eu tenho a honra de collocar no numero dos admiradores das qualidades de v. exc.^a »

— Não é do Porto este senhor? — disse a viscondessa.

« Sim, minha senhora — respondeu o escriptor.

— Eu conhecia-o já de nome pelos seus chistosos folhetins, e bonitos versos. Desejava conhecê-lo pessoalmente, e pedi a alguns amigos do Porto que m'o apresentassem; mas, talvez por inveja ou antipathia, disseram-me

que v. s.^a além de ser muito satyrico , era extremamente soberbo.

« Calumniaram-me , snr.^a viscondessa. A casa de v. exc.^a não podia inspirar-me satyras , e a sua reconhecida amabilidade com as pessoas inferiores não provocaria a minha soberba.

— Assim m'ò disseram — redarguiu a viscondessa — e eu temi-o. D'onde se conhecem ? — continuou, voltando-se para o barão da Penha.

« E' meu parente — disse o barão.

— Sim ? Pois v. exc.^a tem parentes no Porto ?

« Sim , minha senhora.

Roberto Soares pasmou da excentricidade , mas van-gloriou-se do improvisado parentesco. O visconde, que passava , abrindo caminho aos charões da neve , recebeu os dous apresentados , fazendo uma profunda reverencia ao barão , e reparando com visivel desagrado em Roberto Soares. Os grupos intermearam-se , separando o dono da casa. O barão disse ao escriptor :

« Fica na intelligencia de que é meu sobrinho ?

— Esse titulo é mais lisongeiro que o de amigo. Parece que sinto o coração de v. exc.^a Vê-me sem nome, no meio desta gente , e quer dar-me um nome.

Um outro litterato veio apertar a mão de Roberto Soares : era um homem, que vós conheceis, leitores, se tendes lido duas chronicas de infortunies que vos dei com os titu-

los « Onde está a felicidade ? » e « Um homem de brios » : era o amigo de Guilherme do Amaral e da viscondessa de Amares.

Roberto devia favores a este môço, que o tirára da obscuridade, inculcando os seus ensaios litterarios, e o remediara na penuria, franqueando-lhe metade dos seus pequenos recursos. Roberto Soares era grato, e quiz dar ao seu amigo o amigo que o trouxera alli. Em poucas palavras preveniu o barão, e ambos procuraram o litterato para o fazerem do seu grupo.

O character franco deste ultimo agradou ao millionario. Travaram larga conversação em que predominava o colorido local, e vieram á critica, logo que o poeta conheceu que fallava a um homem que a fazia destramente, applicando causticos epigrammas a todos e a tudo com uma seriedade que revelava um homem de boa roda e fino espirito.

« E' licito syndicar a vida do dono da casa ? — perguntou o barão.

— E' — respondeu o poeta — por que o dono da casa é o primeiro cidadão nesta republica.

« O senhor conhece este visconde ?

— Tenho impressos na memoria os apontamentos da biographia do snr. Antonio José.

« Antonio José ! — interrompeu, como surpreendido, o barão — Conheci um homem com esse nome economico.

— Será elle. Veja lá v. exc.^a Confronte as suas reminiscências com os meus apontamentos. Antonio José foi desde 1809 até 1823, pouco mais ou menos, creado d'um desembargador do Porto, cujo nome tinha nos meus apontamentos.

O barão da Penha deu um subito signal de profunda attenção; ia soltar uma palavra; mas susteve-se n'um *É...* em que o historiador não reparou, continuando:

— Este desembargador era rico. Sabia-se que elle escondera n'um falso um grande capital, quando os francezes invadiram o Porto. Em 1823 ou 24, morreu o desembargador, e os filhos, ou herdeiros não acharam um cruzado para lhe fazerem o enterro. Um amigo particular do defuncto disse que sabia onde estava o dinheiro: desceram ao falso, e encontraram téas de aranha, excepto no local onde se conhecia que estivera depositado um caixão. A justiça não tinha senão suspeitas para perseguir o ladrão.

Antonio José era d'uma aldêa do Douro. Foi para a sua terra, e negociou em vinhos, primeiro em pequena escala, depois como grande commerciante, denominando-se feitor d'um nome emprestado. Em 1827, o negociante de vinhos estava relacionado no Porto com os capitalistas, e representava na companhia um dos maiores accionistas. Dizia-se a meia-voz que era um ladrão descarado, mas ninguém ousava dizer-lh'o de frente.

Em 1827... Está v. exc.^a espantado da minha memoria de datas?

« Estou , de certo ! E' admiravel...

— A minha paciencia , ou a minha curiosidade ?

« Tudo.

— Isto tem-me custado muito , sr. barão. E' um trabalho sem recompensa. Os contemporaneos são sempre ingratos ; mas a posteridade abençoará o homem laborioso , que vai gastando a sua mocidade na inspecção das torpezas do seu tempo , para poder , como Rousseau , estampar na face d'um livro : *J'ai vu les meurs de mon temps*. E , depois , meu caro senhor , é preciso dar desforra ao talento. Sinto não o ter para arrastar estes homens em vida pela lama d'onde sahiram ; mas o que posso fazer , faço-o : vou delineando no romance , embora imperfeito , os traços essenciaes dos retratos , que um genio por vir aperfeiçoará , desenliçado das conveniencias de sociedade , que são o freio indecoroso do talento servil e envilecido.

Dizia eu...

« Que em 1827... — lembrou o barão.

— Em 1827 , Antonio José comprou uma quinta em Ramalde , nos suburbios do Porto , chamada « Villa-Seca. » Passando amiudadas vezes para a quinta , viu na Ramada-Alta esta mulher , com quem casou. Não pude até hoje colher noticias exactas ácerca della. Sei , porém , quem as possui , e espero , mais tarde , se houver de his-

toriar esta gente , poder decifrar quem era Maria do Rozario.

Está discutido o dono da casa.

« Agora — disse o barão erguendo-se — vamos vê-lo ao pé : a plastica é uma sciencia auxiliar da esthetica. Quero vêr a cara do ladrão rehabilitado. Os senhores não imaginam quanto este homem me interessa !

E d'alli foram em cata do visconde de Villa-Secca. O barão da Penha parou em frente delle , encarando-o immovel, penetrante, terrivel. Roberto Soares viu nos olhos do seu recente amigo uma expressão sinistra , e segredou algumas palavras ao ouvido do poeta.

O visconde dirigiu-se ao hospede que o fixava, e disse :

« Então v. exc.^a está satisfeito ?

— Muito satisfeito. Esperava occasião opportuna de perguntar a v. exc.^a a que horas amanhã o encontro em sua casa, com vagar para uma entrevista de alguns minutos.

Isto foi dito de modo que os dous litteratos o não ouviram.

« Do meio dia para a uma hora , querendo v. exc.^a — respondeu o visconde.

— Serei pontual á hora que me indica — e voltou-lhe as costas , logo que alguém o distrahiu.

Em seguida , disse a Roberto Soares :

— O senhor, se está bem , deixe-se ficar ; eu retiro.

« Vamos — disse Soares — Está incommodado ?

— Não : estou aborrecido. Um baile aos cinquenta annos é uma violencia á natureza caduca. Meu caro senhor — proseguiu elle , dirigindo-se ao amigo de Roberto — eu não offereço a minha amisade por delicadesa. Aperte esta mão de amigo , e houre o meu quarto nos « Irmãos- Unidos » quando não tiver cousa melhor em que se empregue. Eu andaria toda a minha vida a procural-o , se soubesse que v. s.^a me contaria a historia de Antonio José.

O litterato seguiu-o até á sege , sem mais lhe ouvir uma só palavra. O mesmo aconteceu a Roberto até apearem na hospedaria. Querendo acompanhal-o ao quarto , Soares viu uma notavel alteração de feições no seu amigo. Ia tentar uma indagação , quando o barão lhe disse :

« Deixe-me agora , que preciso ficar só.

O escriptor sahio. O barão poz a face entre as mãos , pendeu-a sobre a mesa , e assim permaneceu longo tempo.

Quem o visse , depois , á luz amortecida d'uma véla , temel-o-hia. Parece que o fogo de dentro lhe resequir a epiderme ; que o inferno interior lhe chammejava nos olhos ; que , do trabalho afflictivo daquella hora de recolhimento , sahira uma resolução de homicidio.

IV.

Telles sont les fortunes qu'on peut appeler ridicules, et qui l'étoient encore plus autrefois qu'aujourd'hui par le contraste de la personne et du faste déplacé.

DUCLOS (*Mœurs.*)

Temos o barão da Penha na sala de espera do visconde de Villa-Secca. Passeia, como impaciente, d'uma extrema á outra, e vê-se que faz sobre si impotente esforço para affectar tranquillidade. Será a demora do antigo Antonio José, creado do desembargador, que lhe fere o amor proprio? Não póde ser tão pouco. O barão da Penha é modesto com grandes e pequenos. Aquelle phrenesi deve de ser uma dôr muito de dentro convertida em raiva. O homem, que elle espera, deve ser-lhe um ente muito odioso.

O visconde abriu a porta da sala immediata, culpan-

do-se e desculpando-se da demora, por que estava ainda recolhido.

« Sinto têt-o incommodado, snr. visconde — disse o barão simulando o sobresalto, e humedecendo com a lingua os labios que pareciam arados pela febre — mas v. exc.^a deu-me esta hora, e eu accusar-me-hia de pouco respeitador, sendo menos pontual. De mais,urgia a necessidade de fallar-lhe, por que a minha sahida de Lisboa está para breve.

— Pois vai-se? — atalhou ó visconde.

« Breve, meu caro senhor. Antes de cumprir a commissão que me fez cortar o somno de v. exc.^a, preciso lembrar-lhe que a nossa entrevista não deve ser interrompida. Rogo-lhe, por tanto, que providencie de modo que nos não estorvem, nem ouçam.

— Isso é facil; fecha-se esta porta, e diz-se que não estou em casa.

O visconde ordenou ao escudeiro que ninguem entrasse na sala, e fechou a porta.

O barão, depois de mudo intervallo em que revelava desordem ou guerra de pensamentos contrarios, fallou assim:

« A commissão é espinhosa, snr. visconde.

— Qual commissão?! — interrompeu o boçal, que tremia do resultado d'uma questão de papeis de credito commissionada a individuos da agiotagem.

« A commissão que me encarregou um homem que encontrei no Rio da Prata, onde fiz, ha poucos mezes, uma excursão commercial.

— E' algum plano de navegação entre Portugal e Brazil ? São negocios muito arriscados, snr. barão.

« Rogo-lhe o favor de me não quebrar o discurso, snr. visconde. Não se tracta de cousa mercantil.

— Ah ! eu pensei... faz favor de dizer...

« O homem que encontrei pediu-me uma esmola, favoreci-o por que era extrema a sua miseria, e ouvi-lhe a historia. Disse ser natural do Porto, filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima. »

O visconde descorou, empallideceu, desfigurou-se, e tremia. O barão fingiu-se estranho ao alvoroço, e proseguiu :

« Perguntei-lhe como descera á desgraça de mendigar. Respondeu-me que sahira de Portugal para cumprir degredo de vinte annos em Cabo-Verde. Cumprido o degredo, não quizera voltar á patria, disse elle, porque a patria é a familia, são os amigos, é o torrão que dá a subsistencia; e elle, só e pobre e repellido pelos que o amavam antes do seu crime, não tinha já agora patria nenhuma. Sahia de Cabo-Verde um navio para a America, e Constantino de Abreu e Lima — assim me disse chamar-se — foi como marujo. Enganaram-no as esperanças. Ninguem deu trabalho e pão ao condemnado de

*

Cabo-Verde, e o desgraçado chegou aos cincoenta annos , com a cabeça branca, e a decrepitude dos setenta, pedindo esmola.

Disse-me mais este homem que em casa de seu pai, ao tempo da sua morte, havia um creado, chamado Antonio José... Não descure, snr. visconde, por que bem vê que eu desço a voz, e o que entre nós se passa é um segredo. V. exc.^a empallidece talvez por compaixão do filho de seu amo... E' nobre essa commoção; gosto d'ella como prognostico de que me heide sahir bem do meu empenho.

O creado do desembargador, disse Constantino, era um fiel amigo d'aquella casa. Esta virtude de Antonio José honra muito o actual visconde de Villa-Secca. Tenha v. exc.^a um nobre orgulho de ter sido um fiel creado, e um amigo, que se faz lembrado, depois de vinte e tantos annos, a duas mil e quinhentas léguas de distancia.

Como Constantino de Abreu e Lima soube que v. exc.^a chegou a esta alta posição na sociedade, isso é que eu não sei: o certo é que elle o sabe, e duas vezes me disse que a base dos grandes haveres de v. exc.^a devia necessariamente ser a virtude, por quanto a probidade de seu animo era incapaz de consentir á cobiça bens de fortuna adquiridos pela deshonra. Depois que cheguei a Portugal, conheci que o amo de Antonio José fazia inteira justiça ao seu creado.

Quer v. exc.^a agora saber o que falta? Deve tel-o conjecturado. O filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima encarregou-me de solicitar de v. exc.^a uma esmola para elle, esmola com a qual possa vir morrer a Portugal, depois de abraçar os joelhos do seu bemfeitor.

O visconde estava fulminado. O pesadello era horri-vel. O homem queria convencer-se de que sonhava; mas o olhar penetrante do barão era atrozmente real. Fazia lastima o aniquilamento deste miseravel! A consciencia da prostração, que o estava delatando, dera-lhe coragem para fallar, quando o barão se anticipou:

« E' natural o espasmo em que o deixou a triste historia. V. exc.^a está a vêr o filho de seu amô, com todos os regalos da vida, ha vinte e tres annos, e imagina-o agora andrajoso, velho, estendendo a magra mão á caridade... O contraste destas duas situações faz-me doer o coração a mim, que não conheci Constantino na prosperidade, que fará a v. exc.^a que o viu crescer nos regalos de filho unico, esperançoso herdeiro d'um grande patrimonio, que se suppõe enterrado!? Diz elle que seu pai devia ter o melhor de quarenta contos, havidos de herança paterna e dos bons lugares que exercera na magistratura, é isto verdade, snr. visconde?

— Sim... elle dizia-se... que havia dinheiro... mas...

« Não appareceu... Nem alguem deu indicios de elle existir escondido?

— Parece-me que alguém disse... que o desembargador tinha dinheiro...

« Sim], n'um falso, desde a invasão dos francezes; mas...

— Não havia lá nada...

« E até foi necessario esmolar-lhe o enterro, e vender a livraria para pagar o aluguer da casa...

— E' verdade.

« E talvez o dinheiro exista... quem sabe?...

— Póde ser... ás vezes...

« Pois, snr. visconde, o que é certo é o infortunio de Constantino, e v. exc.^a vai dar-me uma prova de que tem pena deste homem.

— Em fim, o caso faz pena; e eu, se podesse fazel-o feliz...

« Pois não póde?

— Alguma cousa posso; mas não tanto como a minha vontade... Entretanto, alguma cousa darei... Posso pagar-lhe a passagem para cá, e depois... veremos o que se póde fazer.

« Depois, concorreremos ambos para lhe segurar a subsistencia com uma pensão, não acha?

— Sim... — disse, hesitando, o visconde — ou arranja-se-lhe um empreguito na camara; ou por ahi...

« E' verdade... a influencia de v. exc.^a de certo conseguirá empregal-o... n'uma alfandega, onde ha uns

lugares de doze vintens... acho que são guardas...

— Justamente...

« O filho do desembargador não terá de certo ambições de figurar...

— Pois elle... é o que faltava!... está claro...

« E' verdade que eu achei no homem espiritos elevados; até me pareceu ter tal ou qual instrução... V. exc.^a hade lembrar-se se elle se dava ao estudo...

— Sim, elle andou em Coimbra dous annos, e dizia o pai que havia de ser um sabio; mas era extravagantesito... Aquelle casamento...

« E' verdade... parece que houve ahí uma historia de casamento...

— Com uma rapariga pobre...

« Que elle não sabe se é viva ou morta...

— Nem eu... ella por lá ficou pelo Porto.

« A pedir esmola, talvez!

— Acho que sim... é o mais provavel.

« E v. exc.^a talvez a soccorresse...

— Nunca me appareceu... Se a visse, dava-lhe a minha esmola; mas cuido que não viveu muito depois que elle foi degradado.

« Muito bem. Consegui apiedar a sua generosidade. Eu dou ordem ao meu correspondente de Buenos-Ayres para fazer procurar Constantino, e agenciar o transporte delle para Portugal. A valiosa esmola que v. exc.^a se

dignou offerecer , aceital-a-hei quando lhe aprouver...

— Quanto será necessario ?

« Cem mil reis , creio eu.

— Acho de mais ! Por trinta a quarenta mil reis...
do Rio ao Porto... ou Lisboa...

« Mas eu tomo a liberdade de lembrar a v. exc.^a o transporte de Buenos-Ayres ao Rio , a necessidade de o vestir , porque o vi quasi nú , *et cætera*...

— Sim, sim; pois, se o snr. barão quer agora receber, eu dou-lhe ordem para o meu guarda-livros...

« Como queira , snr. visconde.

— E vou pedir-lhe um favor.

« Queira mandar.

— Segredo a este respeito.

« Então v. exc.^a segue em rigor a maxima do divino Mestre : que a mão esquerda não saiba o que dá a direita?... E' a excellencia da caridade a sua recommendação.

— E outra cousa... Não quero que elle me venha agradecer... O que poder fazer , faço-lh'o ; mas nada de agradecimentos.

« Sendo a gratidão o prazer que o homem caridoso tem neste mundo , o snr. visconde , com os olhos postos em Deus , dispensa esse acto de humildade... E' o refinamento da grande virtude christã. Tudo se fará como v. exc.^a quer.

O visconde sahiu a escrever a ordem. O barão da Pe-

nha, só, comprimindo a fronte com as mãos, murmurou :

« Que grande força tem o homem ! . . . Não me abandones, minha coragem !

E sentou-se convulsivo, levando á cabeça a mão direita fechada, e arrepellando com a esquerda um feixe de cabellos brancos. Era a reacção d'uma idéa feroz, que se manifestou em toda a sua furia, quando a prudencia e o calculo se gloriavam d'um triumpho sobre o odio.

E que odio ! que laceração dolorosa a daquelle dialogo !

Já se ouviam os passos do visconde ao pé da sala, quando o barão proferiu estas palavras :

« Este homem está condemnado ! . . . as agonias da morte d'elle principiam hoje. »

— Aqui está, snr. barão — disse o visconde, com mal disfarçado agastamento.

« Esta esmola é das que rendem cento por um — respondeu o barão, mudando prodigiosamente o semblante.

— A minha fortuna não é tão grande, como se diz . . .

« Se-lo-ha, shr. visconde.

— O negocio tem revezes . . .

« Não importa . . . Aquelle que foi levantado pela virtude não póde ser abatido pela fortuna.



V.

Oh! não sabe o que é tormento, o que é inferno neste mundo, o que não soffre destas angustias!

GARRETT (*Viagens na minha terra.*)

Agora me levantarei, diz o SENHOR, para acudir aos gemidos dos pobres, *

Psalmo 11,113.

Na rua da Murtha, na cidade do Porto, mora em uma casa, pobre no exterior, e pobre na mobilia, Jorge Ribeiro, que fôra empregado na Companhia dos Vinhos, e agora não tem emprego, porque cegou. Figura cincoenta e tantos annos; e é casado com uma irmã de Leonor Soares, mãe de Roberto Soares.

Jorge Ribeiro economisara alguns sobejos do seu bom ordenado para a velhice; mas a necessidade anticipou-se com a cegueira. Ao cabo de tres annos de inactividade e desamparo, Jorge vendeu as joias de sua mulher, vendeu o faqueiro, vendeu o bragal, vendeu os melhores moveis,

e principia a vender as camisas, quando o senhorio da casa, desembolsado do quartel de dous annos, lhe envia um mandado de despejo e outro de penhora.

O cego recebe serenamente esta noticia; estende a mão descarnada á mulher que lh'a dá, chorando, e murmura:

« Não chores, Elena. Morrer debaixo do céo ou debaixo das cortinas d'um leito rico, é sempre morrer. Deus, que nos reduziu a isto, nos dê o destino que fôr de sua divina vontade.

— E a nossa pobre irmã?

« A nossa pobre irmã irá para onde nós formos.

— E para onde vamos nós?

« E para onde vão as avesinhas que Deus alimenta? Destino certo, nesta vida, ha um só: é o da sepultura. Iremos ao acaso. Se os meus antigos amigos me não negarem a primeira esmola que lhes peço, viveremos da caridade... pouco tempo será. Nem eu nem tu temos coraçaõ para este golpe. A nossa Leonor, se a podermos alimentar no seu leito, dividiremos ao meio o nosso pão esmolado; se não podermos, vamos á Misericórdia pedir que lhe deem uma cama, e um esquite, pouco depois. Entretanto póde ser que o nosso sobrinho alcance um emprego; e o pobre rapaz hade ser grato aos sacrificios que temos feito para a sua educação litteraria, que de tão pouco tem valido a elle e a nós. O dinheiro, que lhe arranjamos

para ir a Lisboa, remediar-nos-hia agora... Oxalá que elle o aproveite... Nada de lagrimas, filha. Estão abi já os officiaes de justiça? que vão tomando conta de tudo, e nós sahiremos depois...

— Oh! que situação tão desgraçada a nossa! — exclamou, suffocada, D. Elena — Ao que nós chegamos, Jorge!

« Tens razão, Elena, chegamos á desnudez e á fome; mas vem aqui ao pé de mim, dá-me a tua mão... ainda não esgotamos o calix do infortunio, minha pobre mulher. Tens a tua vista para me guiares á porta dos bemfeitores. Se Deus te cegasse, ainda assim, esperaríamos que a mão de justiça nos fosse tambem a mão da misericordia... »

Um homem de aspecto duro entrou na sala, quasi núa, onde se passava este lance, e disse que « era necessario despachar » que estava o depositario á espera, e os louvados tinham que fazer.

« Pois então façam a penhora — disse Jorge Ribeiro com tranquillidade — Está neste quarto proximo uma senhora entrevada, e queria eu saber se lhe hãode levar tambem a cama, para a passarmos para o sobrado.

— Isso é lá com o senhorio — respondeu rudemente o official de diligencias — Mande-lh'o perguntar.

« Não ha por quem; se o senhor tivesse a caridade... »

— De lá ir? não posso, que o senhorio mora longe; mas o que póde fazer-se é avaliar-se o leito, e depois

eu digo ao homem o que ha, e elle fará o que quizer.

« Pois sim; mas deixe-me ir prevenir a doente, antes de lá entrarem. Podem ir tomando conta do resto, e oxalá que tudo, chegasse para o embolso do senhorio. . . Elena, vamos ao quarto de tua irmã.

Jorge, conduzido pela mulher, entrou no quarto de Leonor. Estava a enferma sentada em um pobre leito, sem coberta, com o velho cobertor aconchegado á barba.

— Já sei tudo — disse Leonor — Eu tenho mais animo que a nossa Elena, mano Jorge. Deus parece que dá aos mais desgraçados a maior paciencia. Arranjai-me um lugar no hospital; irei d'aqui para lá. Ireis lá vêr-me todos os dias, e depois nos veremos todos na bemaventurada casa dos que choram. Vêde se podeis salvar os poucos livros de meu filho, que são os utensilios do seu officio, e tanto vos custaram a vós, e a elle; pelo menos, escondi aquelle livro, que elle estima tanto, por ser o unico objecto que tem de seu pai. Dai-m'o para aqui, andai, que eu escondo-o entre a roupa. O mano Jorge bem sabe qual era; tem um letreiro por fóra que diz: ANNAES DE TACITO. Vai tu busca-o, Elena, vai depressa, que eu tenho muito amor áquelle livro; foi o unico que elle não vendeu, porque o tinha emprestado.

Elena entrou n'uma pequena alcôya, onde, além d'um velho leito de pau preto, havia uma mesa de jogo aberta, com um tinteiro de louça, alguns papeis escriptos,

e duas duzias, ao muito, de livros, sobre a mesa, e uma cadeira que servia, ao mesmo tempo, de lavatorio.

Procurando o livro não o encontrou; veio dizel-o á irmã, que exclamou com alegria :

— Ainda bem que o levou meu filho ! Não vos disse eu que elle soffreria muito se lhe tirassem aquelle livro ? Os outros, se lh'os levarem, paciencia. Deus o ajudará a comprar mais. Arranjará elle o emprego ? Hoje é dia de correio, e, se houver carta, não póde tardar. Nosso Senhor se compadeça de todos nós, e toque em favor do meu filho o coração do ministro.

Correio! foi uma palavra que fez estremecer os corações destes tres infelizes.

— 'Vai, vai, depressa, Elena ! — exclamou a mãe de Roberto Soares — Tendes vós com que pagar o porte da carta ?

Elena tinha sahido sem indagar esta circumstancia. Jorge não respondera á pergunta. E' que todos estavam em jejum, á espera que uma adeleira lhes trouxesse o importe d'um lençol, para comprarem o pão do almoço. A mulher de Jorge voltou, dizendo que a carta vinha já paga.

— Bemdito seja o Senhor ! — disse Jorge.

« E é volumosa !... — disse Leonor, abrindo-a, tremula, como se receasse uma infausta nova — E traz outra dentro...

— Para quem ? — perguntou o cego.

« Para... para... o ill.^{mo} snr. Manoel José da Costa Guimarães, rua da Torrinha.

— E' um negociante — disse Jorge — LÊ, Leonor.

A enferma passou a carta a Elena, que leu o seguinte :

« Minha querida mãe.

« Lisboa 10 de Setembro de 1850.

« Escrevo-lhe cheio de contentamento. Posso dizer que é este o primeiro dia de completa felicidade na minha vida.

« Quando poucas esperanças me restavam já de alcançar um emprego, depois de dous mezes de despezas incomparavelmente maiores que as minhas forças, encontrei por um feliz acaso um protector, um amigo, um pai, uma providencia.

« Este anjo da nossa ventura é o barão da Penha, um homem excepcional por isso que é para mim o que eu nunca pensei que se podesse encontrar neste mundo egoista, e despresador de tudo que se não faz representar pelo dinheiro.

« Não contente com apresentar-me como seu amigo, chama-me seu sobrinho; e, apenas coñheu a noticia de que eu era sobrinho d'um millionario solteiro, tenho encontrado nestes oito dias considerações que me fazem nojo.

« O lugar que eu requeria já o não quero, por conselho do meu protector. Diz elle que me hade fazer despa-

char para outro mais importante, e aconselha-me que siga a vida-diplomatica. Tenho um futuro, minha querida mãe ! Abrace meus caros tios, já que eu não posso. . . . »

A carta foi aqui interrompida pelos soluços da leitora, e exclamações expansivas da enferma. Duas a duas deslisavam as lagrimas na face do cego, que estendeu os braços á cunhada, tateando-lhe a testa, para lhe dar um beijo de arrebatada alegria. E não proferiam uma palavra. Leonor parecia querer resuscitar da paralyxia das pernas para ajoelhar sobre o leito. Elena enxugava, umas apoz outras, as lagrimas teimosas para continuar a leitura da carta. Na sala proxima, a este tempo, revolviam-se os moveis.

Elena proseguiu, lendo :

« A generosidade deste enviado do céo estende-se até á minha pobre familia. Disse-lhe que minha mãe vivia ás sopas d'uma irmã tão pobre como ella, e o nosso amigo, que pareceu ouvir-me friamente, acaba de me dar duzentos mil reis, para eu mandar immediatamente á minha familia. A ordem inclusa é para os irem receber. »

— Louvado seja o Senhor!—exclamou Leonor, agitando-se na cama, e fazendo pasmar a irmã do grande esforço que fizera — Vai, Elena, vai dizer a esses homens, que já temos dinheiro para pagar ao senhorio. Depressa, depressa !

Elena foi á sala, e disse que não levassem nada, por que naquelle mesmo dia seria paga a divida. Os officiaes hesitaram ; vendo, porém, que os objectos penhorados

mal chegariam para o pagamento das custas, resolveram ir participar ao credor o que se passara.

Terminava assim a carta :

« Esta quantia pôde melhorar a situação da nossa casa. Em breve com os meus proprios recursos viveremos commodamente. Minha mãe e meus tios terão dias alegres e fartos na velhice. Eu farei sempre por ter na memoria que muitas vezes me deram para um livro o dinheiro que estava destinado para pão.

« Adeus, minha santa mãe. Diga ao meu bom tio, ao meu verdadeiro pai, que concebo hoje esperanças de ir com elle a Pariz aos oculistas mais celebres; que tenha esperanças de vêr ainda o bemfeitor de todos nós, que me promette ir ao Porto.

Seu filho

Roberto. »

O cego ergueu as mãos, e disse :

« Misericordia divina, acolhe as nossas primeiras lagrimas de felicidade, depois de tantas de amargura em que provaste a nossa constancia.

« Fazei, Senhor, que as nossas desventuras continuem ; se a luz de alegria que hoje nos dais, pôde um dia desencaminhar-nos a senda da justiça. »

As duas irmãs, recolhidas em fervorosa oração, tinham os olhos postos na veneranda face do cego, que parecia radiar o fulgor do contentamento puro dos anjos.

VI.

Ha muito tempo que o mundo perdeu a innocencia, estamos na corrupção dos seculos, na idade caduca da natureza, tudo é malicia e enfermidade no concurso dos homens.

De Balzac — (Aristippo — Versão de Duarte R. de Macedo.)

Em poucos dias, as relações do barão da Penha e visconde de Villa-Secca tocaram a intimidade. Era o barão que diligenciava insinuar-se na confiança desta familia: as solicitações, as deferencias, os agrados eram todos delles. Roberto Soares e o amigo de Guilherme do Amaral maravilhavam-se desta sympathia. O segundo alguma vez tentou conhecer o iman desta attracção: perguntava que conformidade de genios havia entre o barão da Penha e Antonio José. O barão respondia com um sorriso, que tanto podia exprimir o sarcasmo como a ferocidade.

« Ha naquelle riso — disse o poeta a Soares — algu-

*

ma cousa sanguinaria que faz lembrar o franzir de beijo do cão que ameaça.

— A mim — disse Roberto — nunca me falla em tal homem , nem me convida a acompanhal-o lá, levando-me a todas as casas. E , com tudo , sei que elle tem feito valiosos presentes á viscondessa. Ha um segredo aqui. Desconfio que o barão não gosta que lhe falles em Antonio José. Poupa-lhe aquelle sorriso , que lhe deve ser muito doloroso a elle.

« Pois sim... outro assumpto... Haverá romance n'isto? Sabes tu, Soares, que as cousas e as pessoas são as mesmas em toda a parte?! Ha quatro annos , conheci Guilhermé do Amaral, que entrou no Porto com reputação de rico. As mulheres de lá interrogavam-me a respeito delle. As phrases dellas eram estas das mulheres de cá, das que hoje me interrogam a teu respeito. Quer-se por ahi saber se tu és o presumptivo herdeiro do barão da Penha; a quem amas; quem é que te ama; com que intenções amarás; se já amaste; se amarias uma burguezia rica, ou uma mulher de sangue azul pobre: fazem-te auxiliar do verbo amar , e conjugam-te em todos os tempos. Eu , na tua posição duvidosa...

— Duvidosa !

« Sim — duvidosa. O barão da Penha é um exquisto , em que ninguem deve fiar o seu futuro. Chamou-te sobrinho? Se elle morresse hoje , os herdeiros pediam-te

ámanhã as habilitações do parentesco. A imaginação romanesca tem caprichos sobre os quaes a vida real não póde contar.

— Duvidas que o barão me protege?

« Não : já beneficiou a tua familia , e ha-de fazer-te despachar melhor do que deseavas ; mas o que eu faria , sendo o que tu és , era inspeccionar as mulheres que estão na feira , e apaixonar-me seriamente por aquella que me segurasse um bom futuro, independente dos favores incertos deste homem singular. A' sombra do barão, pódés agarrar a fortuna pelos cabellos. A primeira lição que elle te deu, tem um sentido mystico e allegorico, que tu não comprehendeste , porque te faltam seis annos de sociedade. Dizer-te elle que era cavalheiro de industria foi um elogio figurado que elle fez á industria dos « cavalheiros. »

O barão tocou a extrema do conhecimento do mundo, e, quando aconselha , não póde sustentar a mascara da hypocrisia.

— Pois crês — interrompeu , agastado, Roberto Soares — crês que este homem seja um velhaco ? !

« Eu sei cá o que elle foi e o que elle é !

— Não conheces , como eu , as acções que provam a nobre alma do barão ?

« Eu distingo entre causas e effeitos. Aqui tenho eu na minha carteira uma maxima , que copiei d'um livro francez : *Il ne faut par mesurer les hommes par leurs ac-*

tions, qui sont trop dependantes de leur fortune, mais par leurs sentiments et leur genie. Ora , eu não conheço a indole e os sentimentos do barão melhor do que tu. Uma dadia de duzentos mil reis a uma familia pobre, uma esmola de dous contos de reis a uma costureira que se encontra na rua ralhando com a mãe por gastar o monte-pio na loteria , isto não são as virtudes difficeis d'onde sahe incendiado o puro ouro da virtude. Se o barão tem , como dizem , um milhão , ou dous milhões , ou não sei quanto , essas liberalidades não devem servir de recommendação para aquelle que dá a um pobre os ultimos seis vintens com que devia almoçar. Nada de idolatrias intempestivas , meu caro Soares. Conta-me a historia da riqueza deste homem , traz-m'a até nós pelo trilho da honra , e depois eu lançarei no teu thuribulo um grão do meu incenso.

Entre nós — proseguiu o poeta com o seu humor pessimista — o homem , que vem rico de longe, tem duas existencias , que se separam, logo que elle salta em terra. A patria para elle é uma especie de ilha de Venus, como a imaginou Camões. No poema, os cançadbs navegadores refocillam-se nos braços deleitosos das nimphas, saboream-se nas mais exquisitas sensualidades que o peccado póde inventar, e, para cumulo de delicias, ouvem no fim o canto prophetico da deusa libidinosa que lhes assegura a immortalidade.

Os bem-vindos do paiz do ouro — os nossos irmãos de

alem-mar — apoz os perigos e sustos com que as riquezas rapidas se grangeiam , aportam ás praias natalicias. Abi lhes vão as nimphas de todos os rios e riachos de Portugal ao encontro, e rara se esquivava como a Efire do Leonardo,

*A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fóra delle maltratado.*

Quem pergunta onde tal homem teve feitoria de escravos ? quem lhe pede contas das colonias que mandou comprar nos mercados da sua terra ?

Ninguem tem a crueldade de ferir com suspeitas, ou ainda com allusões certoiras, a reputação d'um homem, que estreou o seu amor á patria, esmolando para um asylo de caridade as migalhas que os jornaes, trombetas dos modernos phariseus, annunciaram hontem. *Enxuga muitas lagrimas*, dizem elles; e as de sangue, que elles fizeram chorar, quem as enxuga ? O soro das glandulas lacrimaes do preto não é pranto de homem; o azorrague que avergôa as espaldas do escravo faz espirrar sangue, e não lagrimas. . .

Em sangue é amassado o pão que ahi se come nos hospitaes. Não importa. Venham de lá do novo mundo para este paiz envilecido os capitaes, tudo se perdoa aos portadores; com tanto que elles abram uma sala para os sevandijas da escola de Petronio, miseraveis que toteram com vil paciencia o sobreceño do dinheiro, abjectos vendilhões de cortezias que pensam ter respondido ao escar-

neo d'algum estoico, dizendo que é preciso aceitar a sociedade como ella está.

E o progresso moral o que é, Soares? Estamos cantando, com Juvenal, o *obscena pecunia*, ou é exacto ter apparecido ha mil oitocentos e cincoenta annos, um homem divino, chamado Jesus, que apostolava a redempção do branco e do negro?

— Quem está aqui a pregar missões?! — perguntou o barão da Penha, que appareceu á porta do quarto de Roberto, onde o poeta proferira o estirado monologo.

« Era eu, snr. barão, que estava ensaiando um discurso que tenciono fazer em camaras, quando fôr deputado, pedindo um pantheon para todos os bemfeitores de hospitaes, recolhimentos, e confrarias, ainda quando se prove que os legados caritativos foram adquiridos na escravatura. Dê-me v. exc.^a sobre o thema a sua valiosa opinião.

— A minha opinião não é valiosa; mas será sincera. Eu tenho lido e ouvido o que se diz em Portugal acerca das « fortunas » vindas do Brazil, e por isso entendo a satyra do seu thema, não obstante a gravidade com que v. s.^a o propoz. Os folhetinistas, os romancistas, os dramaturgos, e ainda os philosophos moralistas de botequim são injustos e ingratos nas vaias e chocarrices com que ridiculisam os chamados brazileiros. A primeira alcunha com que os mimoseam é a de estupidos.

« Não o são ? — interrompeu o poeta.

— Se m'o pergunta, digo que sim, e são-o duas vezes, por duas razões : primeira — são estúpidos porque a patria lançou-os de si, não lhes dando pão para o corpo, nem instrução para a alma ; estúpidos foram ; por lá andaram labutando vida de negros, lá ganharam o pouco ou o muito que possuem, e de lá vieram, estúpidos sim mas cansados de fadigas, trazendo á madrasta, que lhes não deu trabalho nem instrução, o capital que faz as indústrias, o capital que os governos afagam com as barçatas considerações dos titulos honorificos, o capital que levantou o preço da propriedade, o capital que sustenta a vida mercantil d'um paiz atrazado que as nações da Europa repellem com irrisão dos seus mercados. Segunda razão : são segunda vez estúpidos por que tem o baixo espirito de se deixarem entusiasmar por amor de patria ; de nunca desprenderem o coração e a saudade do torrão que lhes foi sáfaro para elles ; estúpidos, sim, por que tem a ineptia de trazerem a um paiz, sem vida, o capital que arriscam nas burlas do estado aos particulares ; por que renunciam os gosos que o seu dinheiro lhes proporciona nos paizes, onde o brasileiro não é synonymo de mercador de pretos ; estúpidos, finalmente, por que subscrevem com avultadas quantias á manutenção dos estabelecimentos pios ; e a opinião dos illuminados, dos expertos, dos syndicos das consciencias, é que essas esmolas são, aqui, uma

reparação á humanidade soffredora das angustias que lhe fizeram soffrer n'outro ponto do mundo.

« Se me dá licença. . . — atalhou o jornalista.

— Queira dizer , mas não me replique com alguma facecia. Seja serio nesta argumentação, se vê que ella merece a seriedade.

« Eu ia dizer que os brazileiros vem para Portugal, por que Portugal, além de ser um excellente clima, é o unico paiz, depois do Brazil, onde se falla o portuguez.

— E' séria a sua contradicta, cavalheiro?

« Muito séria : equivale a dizer que. . .

— Não precisa dizer-me a equivalente : eu tenho, se me dá licença, a penetração necessaria para entender a sua idéa sem commentarios ; quer dizer que os filhos de Portugal vem para Portugal por que em Londres, Belgica, ôu Pariz se não falla o portuguez. Não lhe aceito a replica na intenção ajuizada que y. s.^a lhe deu. Isso é uma jocosidade de folhetim, meu caro senhor. Diga-me antes que em Portugal uma duzia de contos é uma « fortuna » : cincoenta contos fazem um capitalista que tracta face a face os regedores da republica ; que cem contos nobilitam o possuidor, com tanto que se façam representar á bôca do cofre das graças pelo dinheiro, sendo certo que a individualidade do agraciado é uma cousa nulla nessa mercadoria torpe e vil em que os culpados são os governos, e não os agraciados. E' um barão, que lhe falla, senhor.

Qual de nós é o ridículo : eu, que dei uma esmola ao estado e recebi uma mercê ; ou o estado que me enviou um seu agente, pedindo-me a gratificação que foi repartida entre alguns miseráveis que nunca foram ao Brazil ?

« A delicadeza manda-me calar — respondeu o amigo de Roberto Soares.

— Pois o senhor tem necessidade de ser grosseiro para me responder ?

« O governo foi immoral vendendo-lhe um titulo ; v. exc.^a foi vulgar comprando-o.

— E, por ventura, lhe disse eu que era distincto ? ! Quando quiz eu evadir-me da esphera vulgar ?

« Não o adulo ; considero-o superior ao titulo.

— Obrigado ; mas crê que o meu titulo fosse comprado com o valor de seis negros ?

« Não ousou indagar a vida de v. exc.^a Conheço-o ha quinze dias, e difficultosamente me decido por uma de duas conjecturas.

— Posso ser um negreiro, e ser um honrado commerciante.

« Ao mesmo tempo, não.

— Uma das profissões.

« Se eu aceitasse alguma das hypotheses, sem mais reflexão, seria a segunda. V. exc.^a é homem de intelligencia ; hade sê-lo forçosamente de coração. O homem de coração não vende, resgata infelizes.

— Se me concede que eu me tenha enriquecido sem deshonra, por que não hade conceder esse favor aos bemfeitores dos hospitaes, recolhimentos e confrarias para os quaes v. s.^a quer pedir um ridiculo pantheon ás camaras? Convença-se, meu caro senhor, que ha no Brazil muito portuguez honrado, encontrei-os de grande *coação*, e intelligencia nenhuma, a duas mil leguas d'aqui, onde um homem que diz : « sou portuguez » aperta a mão caridosa que se estende até aos hospitaes da patria. E' que a intelligencia atrophia a sensibilidade do coração? Não sei. O que sei é que na patria, onde ha uma phalange de homens lucidos, e escriptores de todos os feitios; o homem sem trabalho, não acha salario, as fabricas das nascentes industrias definham em estúpido atrazo; e os mancebos letrados, como o seu amigo Roberto Soares, desanimam á porta das secretarias pedindo humildemente um lugar n'uma alfandega. Que fazem os talentos desdenhosos desta terra que não dispensam o seu paiz dos auxilios que todos os dias pedem ao braço do commercio brasileiro? Pois o genio em Portugal só serve para afiar chocarrices contra os analphabetos, que só são culpados em não lerem romances ao mesmo tempo que transportavam fardos ás costas, ou consumiram vinte annos ao pé d'uma balança? O meu paciente amigo vai-me responder triumphantemente: parece-me que lhe estou ouvindo argumentos sobrepostos para me provar cousas horriveis. Se o seu fim é

aniquilar-me, declaro-me aniquilado sem o ouvir, e faço votos por que a maioria das camaras, de que v. s.^a hade ser um digno ornamento, vote na sua proposta d'um pantheon para os testadores em beneficio das misericordias.

Eu vou passar fóra a noite. . . e não me quero furtar momentos deliciosos d'uma bella companhia. Estes meus cincoenta annos rejuvenescem. Dom Quichote domina agora Sancho Pança. Estou namorado d'uma idéa, que veste de encarnado, côr de sangue, como as visões dos atacados de gottá-serena. Os meus indulgentes litteratos não censuram a *toilette* escarlata da minha idéa, não? Ora, fiquem discutindo se ha idéas nuas, e idéas vestidas, e deixem-me ir galantear a minha idéa encarnada.

O poeta argumentador sahio apoz o barão. Roberto escreveu uma longa carta a sua mãe, e tirou do bahú o seu livro precioso, o TACITO, em que estava escripto o nome de seu pai.

Ainda lia, quando o barão entrou, á meia noite.



VII.

Quelquefois. . . la passion ne fait que
s'ajourner, comme un feu qui couve sous
la cendre.

JULES SIMON (*Le Devoir.*)

De que estás alvoroçado?
Que alegria tens no peito?

F. RODRIGUES LOBO (*Eclogas.*)

« Assim é que se passa bem uma noite. . . — disse o
barão a Soares — Cuidéi que iria com o seu amigo passar
a noite fóra.

— Não, senhor. Tinha saudades do meu *Tacito*, que
não abri, desde que sahi do Porto.

« Gosta do *Tacito*? E' admiravel esse gosto n'um es-
criptor romantico. Achava mais natural que se dêsse á
leitura de Sue e Dumas. . . Eu tambem li o *Tacito* na mi-
nha mocidade; mas as educações litterarias desse tempo
faziam-se com leituras mais substanciosas que as de hoje.
Traduziam-se então uma ou duas novellas cada anno, e

ninguem as lia. As mulheres eram mais ignorantes que as de agora. Trastejavam e moirejavam na casa, como boas mãis de familia, e as solteiras não cuidavam nada de se dotarem espiritualmente, por que os noivos da época não conheciam esta cousa que se chama « espirito » no vasconço dos salões, onde hoje mais que então, reina o absolutismo illuminado da materia. Vejamos o seu Tacito... Ainda me lembra o principio dos Annaes: *Urbem Romam a principio reges habuere...*

O barão tomou o livro de sobre a banca, abriu-o na primeira pagina, e estremeceu. Esta agitação foi estranha a Soares, que accendia o charuto, ficando de perfil para o barão.

« Quem é este Constantino de Abreu e Lima que escreveu aqui o seu nome ?

— Foi meu paj.

O barão desceu rapidamente sobre o livro os olhos que fixara um momento com pasmo no rosto de Soares.

« Mas... o senhor... — tartamudeou o barão mordendo o charuto para disfarçar o turbamento — não tem algum... dos appellidos de seu pai ? !

— Os meus appellidos são Soares de Abreu e Lima...

O barão depez o livro, ergueu-se, deu alguns passeios no quarto, encostou-se ao parapeito da janella, e disse

palavras banaes a respeito do colorido luminoso que a lua dava ás rimas de mozaico com que se estava fazendo o pavimento do Rocío.

Depois, como vencido no violento esforço que fazia á ancia ou á curiosidade, perguntou de subito :

« O snr. Roberto conheceu... seu pai ?

— Não, senhor. Eu nasci quando meu pai sahiu de Portugal.

« Já me disse que tinha vinte e seis annos... nasceu em... 1824, por consequencia. Como se chama sua mãe ?

— Leonor Soares.

« Se o não importuna a minha curiosidade, diga-me onde está seu pai... morreu ?

— Meu pai é uma historia que eu não sei bem ; o que sei, porém, é uma desgraça das que são seguidas da ignominia para um filho. Quando v. exc.^a quizer, dir-lhe-hei o que sei. Será o primeiro homem a quem o diga.

« Mereço-lhe essa estima ? Conte-me agora a historia de seu pai.

— Eu tinha dezoito annos, quando minha mãe me fallou, pela primeira vez, como se falla a um homem.

Pouco mais ou menos, foi isto o que ella me disse :
« Sei que perguntaste a tua tia Elena que razão tivera teu pai para me deixar desamparada, quando tu nasceste. A tia Elena disse-te que teu pai fôra ganbar a vida no Brazil, e lá morrera. E' tempo de saberes, da bôca de tua mãe o

5

que póde ser que saibas d'algum estranho que te queira mal. O que vais saber de mim não humilha, por que ambos nós somos igualmente esmagados pela mesma vergonha.

Teu pai era filho d'uma pessoa illustre, e eu fui a principal origem da desgraça de teu pai. Conhecemo-nos, e desde esse momento a nossa vida foi cortada por todos os golpes que podem ferir o coração e a alma.

Interrompeu elle a carreira dos seus estudos, e abandonou a casa do pai para ser meu marido. Eu não tinha se não um coração extremoso para dar-lhe. Minha mãe era uma pobre viuva com quatro filhas, que trabalhavam, dia e noite, para serem boas e virtuosas.

Teu pai foi lançar-se aos pés do delle, pedindo-lhe perdão e alimentos. Não conseguiu amizade nem compaixão. O pai repelliu-o furioso, e o meu pobre marido voltou dizendo que a dureza do velho era demencia e não crueldade.

A desgraça fizera nascer espinhos no coração de teu pai. Viu-se privado de tudo, desconhecido a todos, limitado aos meus carinhos, que lhe eram enfadonhos. Desculpei-o; mas elle já não queria desculpar as minhas lagrimas. — O que precisamos é pão, não é lamentações, dizia elle; se choras, por que me não resigno á necessidade, é escusado chorar; se entendes que o teu amor é bastante para satisfazer as minhas precisões, eu digo-te que não, e direi mais que me atormentam choradeiras.

Teu pai, ao terceiro mês de casado, resolveu sair do Porto, e estabelecer, em Braga, uma aula de latim, esperando que a dura alma de meu sogro amollecasse, vendo que o filho se dava ao trabalho para viver com honra.

Foi uma esperança enganosa. Não concorreram estudantes á aula. Os pais achavam moço de mais o mestre para poder ensinar. Os padres de Braga fizeram-lhe guerra, e o meu desesperado marido viu-se obrigado a mudar d'alli para outra parte, quando chegou a noticia de que meu sogro estava em artigo de morte.

Vimos a toda a pressa. Teu pai apresentou-se ao moribundo, que o recebeu com ar de alegria, deixando beijar-se a mão. No dia seguinte morreu teu avô, e teu pai mandou-me chamar.

Tractou-se do funeral, procurou-se dinheiro nas gavetas, achou-se uma insignificante quantia, que não chegava a nada.

As pessoas, que se acharam presentes a esta busca, e viram que a situação de meu marido não melhorava, fugiram ao medo de serem importunadas. Fez-se um pobre enterro ao homem que todos suppunham ser rico; e, dias depois, venderam-se os livros para pagar a renda da casa; e d'ahi em diante começamos a vender os trastes para ir subsistindo.

Estava teu pai mais infeliz do que nunca estivera.

*

Agora nem já a esperança lhe restava. Praticou muitas humilhações para arranjar um emprego; mas em vão. No Porto, as pessoas mais poderosas aborreciam-no por elle ser filho d'um constitucional.

« Esta gente faz-me ladrão »! disse-me um dia teu pai; eu chorei muito; estas palavras feriram-me o coração; ajoelhei-me aos pés d'elle, rogando-lhe que não dissesse tal cousa; que não pensasse se quer n'uma infamia de que elle era incapaz.

Tractou-me com aspereza, prohibindo-me, com termos asperos, de me intrometter nas suas acções.

Um dia foi teu pai procurado por um homem estranho. Fechou-se com elle n'um quarto, e lá estiveram muito tempo. Quando o homem sahiu, teu pai cahiu sobre uma cadeira, com a face entre as mãos, e proferiu esta unica palavra: « Conseguiram. » O que? exclamei eu. « Sou ladrão! » disse elle, lançando-me um olhar de demente. Tremiam-me os cabellos; abracei-o como se o quizesse salvar de cahir n'um abysmo; desembaraçou-se de mim com desabrimento, e fechou-se no quarto. Espreitei a tremer, e vi que teu pai estava escrevendo.

No dia seguinte, veio o mesmo homem de maldição que ajuntára a desgraça á nossa miseria. Este homem entrou e sahiu com pequena demora. Teu pai, logo que elle sahiu, atirou-me ao regaço uma peça, e disse: « quero-me hoje embriagar; manda comprar o melhor vinho. »

Meu filho, chorei sangue. Senti-me tomada de frio; o olhar de teu pai aterrava-me; o rir violento que lhe vi, e vejo agora, era feroz. « Não queres que eu me embriague á tua vista? — tornou elle — Faça-se a tua vontade. » Quiz segural-o, e não pude. Sahiu arrebatadamente. A' meia noite trouxeram-no a casa sem accordo: fôra encontrado na alameda da Lapa, dizendo cousas inintelligiveis, e insultando quem encontrava.

Passci horas infernaes ao pé de teu pai, mergulhado em profundo torpor. De manhã, fitou-me espavorido, recordou-se, e chorou, em silencio. Eu nada tambem lhe disse. Em todo aquelle dia não pude arrancar-o á tristeza. Eram os ultimos lampejos da honra.

Passados dias, tornou o homem que deixara o dinheiro, e sabiu deixando uma quantia maior. Era muito dinheiro em ouro.

Quem te dá este dinheiro? exclamei eu. — E' a sociedade — disse elle — E' a sociedade a quem eu sou util. E' a sociedade a quem não posso ser util d'outro modo. Não tolero mais perguntas.

A nossa situação melhorou muito. Teu pai adquirira novas relações; recebiam-no todos sem lhe perguntarem onde houvera o dinheiro que lhe dava uma brilhante independencia. Alguns suppozeram que elle encontrára o perdido thesouro do pai.

Assim vivemos seis mezes. O dinheiro augmentava;

e teu pai parecia affeito á sua sorte. Eu não ousava indagar a causa da sua apparente felicidade, com medo de perturbar-lhe aquella alegria criminosa. Que era criminosa, adivinhava-o, mas, eu antes queria o contentamento del-le, do que a tristeza do remorso; antes, antes; só o co-ração de mulher que ama, e perdoa os vicios daquelle que ama, saberá perdoar-me esta preferencia.

Decorridos seis mezes, teu pai falta-me uma noite em casa. Na madrugada do dia seguinte, recebo um bilhete da cadêa. Teu pai estava preso. Ao tempo que recebia o bilhete, entram homens em minba casa, tofnam conta de todos os papeis, e dizem-me: « seu marido está preso por falsificador de firmas. »

Perdi os sentidos, filho. Quando os recuperei, fui á cadêa. Disseram-me que meu marido estava incommuni-cavel. Sentei-me á porta da Relação, esperei áquelle dia inutilmente; no outro, pude vê-lo. Atirei-me aos ferros a chorar; teu pobre pai chorava tambem; perdêra o ani-mo; era um coração que a vergonha queria regenerar... não era fraqueza aquelle chorar, não...

Esteve seis mezes em processo. Não te sei dizer miu-damente a particularidade dos crimes. Sei que foi condem-nado a degredo de vinte annos para Cabo-Verde.

Quando sube a sentença, pedi-lhe que me deixasse acompanhar-o. Não quiz; chegou a repellir as minhas suppli-cas com enfado, dizendo que tencionava suicidar-se no mar.

Nascestes então, meu filho, então quando teu pai morria para ti, para mim, para a sociedade, e para a honra. Estava eu moribunda no leito em que nasceras, em casa de minha mãe, quando teu pai partiu. Sei que um cirurgião lhe deu noticias da minha morte irremediavel, quando elle entrava na escolta. Teu pai chorou na presença do cirurgião, e perguntou se a creança tambem morreria. O cirurgião respondeu que devia estar morta no ventre. Teu pai só disse: « Ainda bem! »

Esta falsa nova, que oxalá fosse verdadeira, tinha-a o cirurgião augmentado da que lhe dera o meu assistente, que me julgou morta.

Escrevi para Cabo-Verde umas poucas de cartas: todas se perderam; ou mais certo foi teu pai morrer. Que se não suicidara sube-o eu do commandante do navio em que elle fôra; mas esse mesmo me disse que um terço dos degredados morrera das febres apenas saltara em terra.

Aqui tens a historia de teu pai, meu filho. »

Quando minha mãe concluiu esta triste historia, snr. barão, estava livida; não quiz exacerbar-lhe a agonia com outras perguntas. Tive compaixão de meu pai, e concebi um odio profundo á sociedade.

O barão ergueu-se, correu a mão pela frente, desceu-a ao longo da face, escondendo a alteração que Roberto julgara effeito da sensibilidade. Sentou-se de novo, já maravilhosamente demudado, e disse:

« Como viveu sua mãe até hoje ?

— Uma minha tia casou com um homem, que tinha alguns meios, e levou-nos para a sua companhia. Como já disse a v. exc.^a, minha mãe entreveceu, tendo apenas trinta e tres annos. Meu tio, bemfeitor de minha mãe, cegou, e desde então vivem todos tão opprimidos pela miseria, quanto eu quero que v. exc.^a veja nesta carta de minha mãe que hoje recebi, e que tencionava mostrar-lhe para que o nosso bemfeitor não desconheça o valor do beneficio.

O barão tomou com avidéz a carta da mão de Soares, e leu o seguinte mentalmente :

« Meu filho.

« Porto 5 de Setembro de 1850.

« Diz ao teu bemfeitor que a sua esmola chegou na occasião em que o senhorio da casa nos mandava penhorar estas pobres cousas, que nada valem ; mas sem ellas a nossa miseria era maior.

• O teu bemfeitor deu-nos casa, cama, pão, e honra. Se elle presenciasse as nossas lagrimas de alegria, agradeceria a Nosso Senhor ter-lhe dado meios com que valer a uma familia em extrema necessidade.

A paga lá a deve ter no bom coração ; mas uma cousa é dar uma esmola, e outra é ser testemunha dos effeitos della. Teu tio recobrou o semblante alegre que ha muitos annos lhe não viamos. Diz elle que o seu contentamento

não procede de ter o pão certo para o dia de amanhã ; mas sim de poder ir deste mundo com a certeza de se ter enganado, quando pensou que o homem rico destes tempos era insensível e duro, como uma barra d'ouro.

Tua tia comprou um vestidinho para ella, e preveniu-se para me agazalhar no inverno.

Tudo isto devemos ao snr. barão, á Providencia que o aproximou de ti. Diz-lhe que todos tres pedimos a Deus que a vida lhe seja tão aprazível quanto nos está sendo a nossa. Já nos parece supportavel a enfermidade.

Teu bom tio louva ao Senhor por lhe dar olhos para chorar de gratidão, já que os não tem para vêr o nosso bemfeitor. O santo velho espera beijar-lhe a mão um dia.

Meu filho, sê grato e honrado. Não te julgues humilde de mais beijando os pés ao nosso amigo. Tua mãe beijar-lhos-hia, se pudesse. Adeus, meu Roberto. Dá-nos noticias tuas, e diz-nos sempre que não esqueces um instante de louvar a Deus pelo amparo que te deu e á tua familia, que tanto te quer.

Tua mãe

Leonor. »

O barão dobrou vagarosamente a carta. Roberto viu-lhe os olhos aguados, e nos labios o tremor que faz a compuncção nas almas sensiveis. Achou natural o effeito.

A physionomia do barão mudou repentinamente para o jubilo, entregando a carta.

« Sinto uma estranha alegria, meu amigo! — disse elle — Não me cabe no coração este novo ser, que nasce em mim. Quero abraçal-o, como abraçaria a sua pobre mãe, entrevada, a sua boa tia com o vestidinho novo, e o velho cego, que me quer beijar as mãos.

E comprimia freneticamente ao seio o filho de Leonor.

« Impressiona-o esta alegria expansiva? — proseguiu elle — Ha um forte coração neste peito que sente. Eu amo a miseria da sua familia; estou a amal-a como se fosse minha... E' extraordinaria esta sensação!... Que fiz eu á sua familia? Nada, nada! uma esmola que apenas a remedeia nas primeiras necessidades... Roberto, consinta-me tractal-o com o desleixo da verdadeira estima... Roberto vai ao Porto, e hade ir ámanhã, sim?

— Cumprir as ordens de v. exc.ª?

« As minhas ordens, sim. Vai ao Porto, e hade cumpril-as rigorosamente. Leva uma ordem franca. Alugará uma casa em que eu possa hospedar-me, quando lá fôr. Essa casa hade trastejal-a o melhor que possa ser. Abundancia em tudo que sejam commodidades. A mais pequena falta, que eu depois achar, heide reprehendel-o por ella. Depois, a sua familia será transportada para essa casa. O meu correspondente irá levar-lhe mensalmente a mezada que lhe estabeleço. Feito isto, Roberto voltará

a Lisboa, se eu o chamar. O emprego dispense-o por em quanto. As occupações que lhe convem agora são todas domesticas. E' chefe da sua familia, e precisa estar com ella. Cumpre a minha vontade?

— Se cumpro a sua vontade! — disse Roberto, apertando e beijando a mão do barão.

No dia immediato, Soares partiu para o Porto, depois de receber novas recommendações do barão.



VIII.

Quem melhor conhece o fundo de
vossos corações é Deus.....

AL-KORAN.

Quando um homem vive em paz e
amisade com os outros, o metal mais
pesado — o ouro — é mais ligeiro, na
mão d'elle, que uma penna. Abre a bol-
sa, e olha em redor de si como buscando
alguem que lh'a queira quinhoar.

STERNE (*Viagem sentimental.*)

O visconde de Villa-Secca sahira para Cascaes, com a familia, a tomar banhos. O barão, que não queria perder de vista, um só dia, esta familia, pretextou a necessidade de banhos, e foi tambem. A viscondessa, querendo explicar a adhesão do capitalista á sua casa, suppoz que o barão projectava alliar-se por casamento com uma sobrinha do visconde.

E razão tinha ella para o julgar a assim. O barão tractava affectuosamente a menina, e esta dizia, sem rebuço, que o quinquagenario valia mais que muitos rapazes. O visconde dava publicidade a estes ditos, revelava-os ler-

damente ao seu collega, e o mais que conseguia do barão era um sorriso indecifrável, que a viscondessa dizia ser acanhamento ou desconfiança do amor da donzella.

Não alongaremos o episodio desta tentativa de mercadoria em que o comprador foi solicitado. A sobrinha não era herdeira, por que o visconde tinha um filho que viajava. Já se vê quanto desejado seria o casamento, e quantas negações faria a industriada moça ao impassível barão. Este caso é muito incidental na nossa chronica; por isso, e por que elle é d'uma nojenta vulgaridade, pospomol-o, ou reservamol-o para uma serie de ridicularias em que venha a pélo o estylo chocarreiro.

Diga-se aquí o que devia estar em prologo.

Este romance é serio, sério de mais para os nossos tempos, em que a verdade para captar o espirito do leitor de novellas, hade ser alindada, garrida, e exornada de seductoras mentiras.

Mente o romancista que dispõe as suas figuras ao geito da sua calida ou fria imaginativa. E' preciso palpar as differentes temperaturas da sociedade, que tem mais zonas que a geographia astronomica.

Mente o romancista que materialisa a sensação, ou espiritualisa a materia, creando sentinas fetidas, ou jardins olorosos: do muito poetisar cousas que o não valem, ou do muito descolorir o que por ahi ha com alguma poesia, é que se fazem as falsas pinturas. Uma imaginação

levantada passa por cima da verdade, sem lhe tocar; a outra, a imaginação rasteira, vai, a titulo de mera copista, achar o mais baixo que por ahí ha.

Por ahí ha de tudo, ponto é observar; mas o melhor é sentir, e experimentar.

E, havendo por ahí de tudo, não pude até agora, leitora de coração, dar-lhe os paineis de amores de que está cubiosa, como quem quer lh'os retracte da alma, ou lh'os ensine a passal-os para esta pintura descorada e despoetizada que os homens fazem.

Eu não tenho imaginação, tenho memoria, memoria do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descaro no as pinturas, se descrevo uma scena friamente, é por que assim os olhos, que a viram, a levaram á alma, que a imprimiu em si. Se me deixo ir nos arrobos de coração, que se ala para o imperceptivel, desesperado de incorporar na palavra o que só é do fôro intimo da alma, é por que, em tal situação, na presença de tal factó, ouvindo tal historia, vendo tal mulher ou homem, senti assim, comprehendí assim o que talvez outros olhos e outras almas vissem e entendessem de outro modo.

O certo é que não imagino, ou apenas imagino, se póde dizer-se imaginar, épocas, lugares, nomes, miudezas, generalidades. Não ha de meu outro lavor neste e nos outros romances.

Os que me chamam inventor cuidam que o viver des-

te paiz não pôde interessar, fóra do cauterio do folhetim e da satyra ridente de Tolentino. A « boa companhia » diz que lá no seu gremio sabem todos a vida uns dos outros, e, sendo tudo vulgar, o romance fidedigno é impossivel. Que o soalheiro existe, isso juro eu ; mas no soalheiro diz-se pouco ; os de fóra é que sabem o muito.

Na « baixa sociedade » diz-se que não ha nada a que se atenha o copista fiel : costumes rotineiros, vicios baixos, crimes que fazem asco, nada de coração nem de espirito, tudo plebeu, e nauzento para quem lê um romance, em cadeira de espaldar, debruçado sobre uma jardineira, ou com os pés no *fender* do fogão. O que faz os incredulos é a cadeira de espaldar, a jardineira, a othomana, o fogão, o circulo estreitissimo, embora magnificante, do seu viver.

A baixa sociedade, o vulgacho, mas o vulgacho que veste casaca e é eleitor e elegivel, o povo, essa classe de que todos se vão emancipando, de modo que, em breve, não haverá povo, só sabem o que elle é os que lá nasceram, ou lá vieram arribar, ainda bem, batidos pelas borrascas da vida.

A feição que individualisa o povo, nos ajuntamentos, nas praças, nas officinas constitucionaes onde se fabricam as formulas do governo representativo, essa feição não é a sua, é compostura que o desaira, é o velho cobre da velha moeda-com cunhos novos, abertos á pressa, despolti-

dos, e grosseiros. Ahi de certo não ha romance, não ha nada; é essa uma vida descaracterizada, rodando sempre no mesmo eixo, cuja manivella os utilitarios passam de mão para mão. A vida intima, porém, por issò mesmo que está em antagonismo com os costumes da vida exterior, tem muito que vêr e contar.

Quando nascerá o genio que nos conte devagar, phenomeno por phenomeno, as methamorphoses que temos visto? Que comedias e que tragedias desde o leme d'um barco de pipas até á vara d'uma presidencia municipal! desde a tripeça da palmilhadeira de aldêa até á banquetta-carmesim para a portinhola do *coupe* da viscondessa! . . .

Valha-nos Deus! Ha tanto romance que fazer, e eu, por pouco, me não ia esquecendo que estou fazendo um, e o leitor, mais esquecido que eu, está a dormir, talvez. . . Se acordar bem humorado, aqui tem o conto, onde m'o cortou a mettediça philosophia :

O barão da Penha aposentou-se em uma velha casa, contigua a um palacete delapidado, quasi ruinas, d'um fidalgo, o mais fidalgo de Cascaes, e um dos primeiros em Portugal, dizia o escudeiro.

O barão engraçou com este escudeiro, deu-lhe confiança, e constituiu-o seu mordomo tambem. O velho fidalgo, nas horas vagas, que eram quasi todas por motivos que, depois, se dirão, mandou offerecer a sua casa ao

inquilino, cousa, dizia o mordomo, que elle não fazia a banhista algum, desde 1833. O motivo desta abstenção de visitas é obvio: Bernardo da Veiga, o fidalgo, dissipara, quando moço, os sobejos de seu pai. Viera, depois, a constituição dar-lhe o ultimo golpe no fio de duas comendas de Christo e Conceição das quaes pendia a subsistencia decente do fidalgo.

Depois de 1833, Bernardo da Veiga vivia atido a um vinculo desharatado, de rendimento de quatrocentos mil reis, que lhe não chegaria para cêbo, se elle alumiasse todas as noites os seis enormes salões do palacete.

Aceitou o convite o barão, foi; e depois de accor- dar, no longo transitio, os eccos da soturna casa, parou n'um grande sobrado, salão, ou o quer que era, de pavimento carcomido como os rendilhados d'uma frontaria-renascença, com o tecto de castanho apainelado, ennegrecido de velho, e em algumas partes fendido, com as pranchas penduradas, e enredadas em grossas teias de aranhas.

Os trastes pareciam sentinellas perdidas. Eram dez ou doze cadeiras de couro lavrado, atauxiadas de chapas de bronze oxidado, com os pés recurvos em garras de abutre, e os assentos esburacados, se não pelo tempo nem pelo uso, naturalmente pelo dente roaz do rato, que devia viver n'aquella casa como em paiz neutral, e medrar, se não como rato cevado de alfandega, ao menos como se medra em plenissima liberdade.

Ao fundo, entre duas portas mal-tapadas por dous reposteiros brazonados, com franjas e requifes abertos pela mão do tempo, estava um alto oratorio de pau-brazil, coberto por uma cortina de damasco desbotado. A peanha do oratorio, ou talvez altar em outras épocas, era um masudo armario de sacristia, de pau preto, com seis gavetões, e fechaduras rendilhadas de bronze. As camadas do pó tinham-se-lhe embutido nos frisos, nas molduras, lavores, e contornos, dando-lhe uma crusta rija e compacta.

Neste exame estava o hospede, quando se levantou um dos reposteirós para dar passagem a Bernardo da Veiga.

Figurava setenta annos; era de mean estatura, descarnado, e ossudo. Lesto, direito, e apumado, mostrava ser de rija febra refractaria ao enervamento da velhice.

Vestia uma casaca de briche comprida de aba até abaixo do joelho. Era uma casaca das de 1829, casacas patriotas das fabricas-da Covilhã, usadas pelo snr. D. Miguel de Bragança, pela córte, e pelos fidalgos provincianos. Calcava sapato cordovão afivellado, e meia escura. A calva transluzia, branca e polida, atravez das malhas d'um barrete de retroz, com barbatanas appensas que lhe cobriam as orelhas.

O fidalgo alçara a orla do reposteiro com a mão esquerda, e, com a direita, indicou ao barão a entrada para a sala immediata, fazendo-lhe, na passagem, uma palaciana mezura.

*

« Eu tomei a liberdade — disse o velho — de oferecer ao meu visinho uma casa, que, n'outro tempo, era a mais concorrida de parentes e amigos, que vinham a banhos. Hoje, não conheço, nem me conhecem; mas, apesar da transformação dos homens e dos tempos, e da velhice, que tanto desfigura o corpo como a alma, o dono desta casa é ainda, na sua quasi pobreza e solidão, um homem da boa companhia.

— V. exc.^a dignou-se honrar uma pessoa estranha — disse o barão.

« Não tão estranha quanto cuida, snr. barão. Eu desejava conhecê-lo; d'onde vê que este desejo era já estima.

— Não sei que merecimentos. . .

« Será preciso eu lembrar-lhe a generosa acção que v. exc.^a acaba de praticar em Cascaes? . . .

Aqui está uma generosa acção de que o leitor me pede chronica. Foi uma virtude sem apparato. Se o fidalgo a não citasse, abster-me-hia eu de mencioná-la, por que não gosto de epysodios que são outras tantas acções, separadas da principal. Aristoteles reprova isto. Vá sem exemplo: O barão da Penha parou diante d'uma casa terrea, onde as raparigas da classe piscatoria dançavam a siranda, e a canna-verde. Encostou-se ao peitoril da baixa janella, e alli estava gosando o espectaculo, quando subitamente pararam as danças em meio, e algumas das moças, com vi-

sagens de enfado, começaram a sahir da casa, desatando a roda.

Perguntou o barão a um pescador, se era elle a causa daquella sahida. O pescador disse que não. O observador instou, e conseguiu saber que o motivo da sahida de algumas era ter entrado outra que não fôra chamada, por que tinha o seu erro. O erro era deixar-se enganar pelo amor do filho d'um capitão de hiate o qual conseguira perdela no conceito das outras. Que o caso — acrescentava o informador — era publico, e por isso ninguem queria fallar com ella.

A pobre moça sahira envergonhada, e chorosa. O pescador mostrou-a ao barão, e este seguiu-a: Vendo-a entrar n'uma casa terrea, chamou-a á porta, pediu-lhe fogo, accendeu o seu charuto, e pediu-lhe licença para lhe offerecer um pequeno favor. A rapariga pensou que o homem estranho lhe ia offerecer alguma prenda com má intenção. Quiz evadir-se á resposta, e disse-lhe que sahisse elle d'alli, por que seu pai estava dentro.

« Pois seu pai que nos escute » disse o barão. Surgiu por detraz da filha uma cabeça branca: era a do pai.

— O senhor quer alguma cousa? — disse o velho pescador.

« Queria dizer a sua filha...

— O que? — interrompeu tremulo o velho.

« Se a causa que a fez chorar, ha poucos minutos, tem remedio.

— Por que choraste tu, moça? — inquiriu o pai.

A rapariga põe no chão os olhos, e corou.

« Eu sei parte da sua historia — tornou o barão —
Querem contar-me o que me falta?

A moça, cada vez mais corrida, sahio da presença dos dous. Veria ella aproximar-se um terceiro? Não sabemos. O certo é que esse terceiro era o filho do capitão, um bello e rasgado moço, escarlata como a rbmã, mais escarlata agora pela colera, ao que parecia.

O pescador encarava-o como assombrado, e bradou-lhe: Que vem fazer aqui vossê? — Venho dizer-lhe, tio Luiz, que sua filha hade ser minha mulher, ou eu me atiro ao mar. Meu pai nada me dá; é o mesmo: virei trabalhar com as suas redes, aprenderei a labutação da pesca, e pão, querendo Deus, havemos têl-o.

« Pelo que vejo — acudiu o barão — este guapo moço não é seductor; o que o embaraça é a falta de meios, eim?

— Sim, senhor, assim me Deus salve, e a cego seja eu dos olhos ambos, se isto não é verdade.

« Chamem cá a moça — tornou o barão.

A rapariga veio entre risoa ha e chorosa.

« E' piloto vossê? — disse elle ao rapaz.

— Sim, senhor.

« Case-se com esta moça, e eu lhe asseguro a subsis-

tencia por algum tempo. Quando eu voltar a Lisboa, arranjar-lhe-hei navio. Mas hade ser breve. Eu heide vir á bôda, e as despesas sou eu que as faço.

Houveram muitas lagrimas de alegria. Abraçaram-se todos no bemfeitor; e o velho era o mais commovido. Alguns dias depois, estavam casados. A rapariga botou um bom vestido de tafetá; elle estreou casaca, collete, e calça, e chapéo tudo do melhor. Quem deu tudo foi o barão, padrinho do casamento, afóra outras prendas, e dinheiro. A's bodas assistiram o parochó, o juiz ordinario, o regedor, e algumas senhoras de meia-escudela parentas destes funcionarios ecclesiasticos e civis.

Aqui está a acção generosa que calou no coração do velho fidalgo, e que franqueou as difficeis portas daquelle solar ao barão da Penha.

Vamos achal-os em trocas de cortezans amabilidades no capitulo seguinte, em que se preparam os aditos para entrar em scena uma creatura, que faria vibrar no seio do meu leitor o coração indignado contra os sequazes do anexam: *A Cascaes, uma vez, e nunca mais.*



IX.

Les sots e les faquins se sont impudemment arrogé le haut du pavé.

ÉMILE MONTÉGÜT (*Études morales sur la société française.*)

Devia-se ter dito opportunamente alguma cousa da saleta onde o barão da Penha entrára, quando o velho fidalgo levantou o reposteiro. Sou avêssô ás descripções, e o leitor é bastante ajuizado para o ser tambem; mas por esta vez não o dispenso de relancear os olhos comigo pela decoração surprehendente da pequena sala.

Era um quadrado irregular com duas janellas sacadas. Da cornija interior de cada uma pendia de dourado cilindro uma sanefa com franjas de damasco e prata. Desta, descia uma cortina bicolor, branca e escarlata, de cassa da India lavrada, com seus cordões rematados em borlas de sêda

amarella. Entre as duas janellas estava uma mesa de tres pés, primorosamente lavrados, que dirieis ser de invento moderno, se não soubesseis que as mesas douradas e rendilhadas succederam, no reinado luxuoso de D. João V, aos graves e tristes bofetes de pau preto esculpturados com magnifico capricho. Sobre ella, pousadas em tapetes bordados por mão primorosa, viam-se duas jarras orientaes, bojudas como amphoras, e perfectissimas no resalto das tintas primitivas, como se, naquelle instante, sahisses das mãos do oleiro de Pekim. Dahlias, lagrimas, queuzas, martyrios, melindres, e açucenas encarnadas coroavam com matizada copa as jarras corpulentas.

Ao longo das paredes, quatro mesas iguaes áquella cortavam a monotonia das cadeiras baixas estofadas de sêda amarella, com pés e braços tambem dourados e uniformes com as mesas. Ao fundo estava um tremó de esmerado engenho, quasi tocando o tecto com os rendilhados da cupula, entre os quaes se via esculpido a côres um braço de familia. No centro, sobre uma banquetta de pé de galo, cem annos mais nova que as suas companheiras, via-se um livro aberto, um quarto de papel escripto a lapis, e uma pequena jarra de porcellana com um botão de camelia.

Enfastiou-vos a descripção? Mais longa m'a darieis vós, desdenhosos, se, depois do salão das cadeiras encouradas e daquelle oratorio negro e pulverulento, entrasseis na graciosa saleta, pisando, em vez de carunchoso casta-

nho, um molle tapete, e respirando já não a poeira levantada pelo pisar perigoso sobre taboas movediças, mas a frescura aromática da elegante salinha, onde só faltava uma mulher a lêr naquella livro para coroar o quadro.

O barão da Penha, embebido na suave impressão que recebera, quantos instantes podia furtrar á attenção do fidalgo, dava-os a olhares rapidos por tudo aquillo que o encantava.

Quando pôde, sem cortar descortezmente a agradável pratica do velho, mostrar-se maravilhado do que via, disse o barão :

« Ha nada mais bonito que esta sala? Eu penso que o espirito humano está sugeito em suas funcções de pensar e sentir ás impressões locaes que os olhos lhe transmittem. Quando vim daquella para esta sala senti uma desopressão de tristeza vaga, que eu não saberia explicar. Aqui respiram-se flores, alegrias, paz, e até não sei que espiritos que remoçam o coração.

— Tambem assim o diz a minha Izaura. . . . Fallo-lhe na minha Izaura, como se v. exc.^a a conhecesse.

« E' naturalmente uma filha de v. exc.^a?

— E' mais que filha, creio eu; é a minha amiga do coração, é a creança que me adoça as amarguras da ve-lhice, é a pomba dos antigos anachoretas que traz á minha Thebaida o cibo do conforto e da paciencia. Já pôde ir sabendo o que é a minha Izaura. Chamal-a-hia já para lh'a

mostrar, se ella estivesse em casa. Sahi de manhã para uma quinta que ahí tenho fóra: é tempo de colheitas, e ella vai assistir á arrecadação dos cereaes. Quando v. exc.^a me dér o prazer d'outra visita, conhecerá a minha Izaura, e dir-me-ha depois se é possível com aquelle rosto de anjo ter sómente o coração vulgar de uma mulher.

As palavras do velho tinham aquelle tremor nervoso da sensibilidade fina; os olhos, momentos antes desluzidos, mostravam agora o brilho das lagrimas melindrosas da velhice.

O barão da Penha, depois d'uma hora de conversação, julgou que era tempo de despedir-se; a custo o fez, e a custo foi despedido. De parte a parte,urgia o ceremonial d'uma primeira visita, que não póde prolongar-se além de uma hora. O moderno barão receava revelar, como se diz « falta de boa sociedade » ao neto dos barões antigos.

D'alli, o protector de Roberto Soares foi fazer a costumada visita ao visconde de Villa-Secca. Encontrou-o, sentado no canapé, adelgçando as callosidades d'um joanete importuno. O visconde pediu venia para continuar o desbaste das excrescencias, e proseguiu, bufando, na tarefa melindrosa. A viscondessa, de saia branca e penteador, enfeitava as reliquias do cabello com os recamos de folhos d'uma estapafurdia tôca, chegada de França, como ella dizia, da sua modista de infancia.

O barão contemplava-os. Esta contemplação era um

confronto, em que os objectos equiparados eram Bernardo da Veiga e Antonio José, eram o fidalgo obscurecido em Cascaes, e aquelle visconde de cuja bolsa algumas vezes pendera a conservação d'um ministerio, o triumpho d'uma revolução, e quem sabe até se o baque d'um throno!

O resultado deste confronto foi o barão envergonhar-se de o ser.

« Acabo de visitar — disse elle — o meu senhorio. E' uma amostra da velha fidalguia de Portugal. Crê-se no sangue distincto quando se encontram homens assim.

— Qual sangue nem meio sangue! — atalhou o visconde, erguendo o canivete de sobre o joanete, com medo de o ferir na cegueira da sua zanga democratica — Pois o senhor ainda é dos que creem na differença dos sangues?! Essa não esperava eu de si! O sangue é o dinheiro, meu amigo. Deixe-se de asneiras. Todos somos filhos de Adão e Eva. Os fidalgos antigos antes de serem fidalgos...

« Aparavam o seu callo — interrompeu o barão, sorrindo — e duvidavam de que os fidalgos mais antigos tivessem uns pés mais limpos de cotovellos que elles.

— Podéra não! — replicou o visconde — Vão para o diabo que os leve; trabalhem, se quizerem comer. E' ganhá-lo com o suor do rosto, como nós, não lhe parece?

« Como nós... V. exc.^a sabe como eu ganhei o que possuo?

— A trabalhar... pois então como havia de ser?

« **Podia ser sem trabalhar.**

— **Essa agora !**

« **Pois a riqueza é indicio seguro de trabalho ?**

— **Eu acho que sim. . . — tornou o visconde, voltando, mais serenamente, a desbastar o joanete.**

« **V. exc.^a acha o que acham os espiritos ingenuos e innocentes ; não imagina que a sociedade concede a posse legitima d'um roubo ; não conhece o contacto que ha entre vil ladrão e ladrão nobre.**

— **Explique lá isso, que não entendi bem.**

« **E' de facil entender o que eu disse: póde ser-se rico sem trabalhar, e eu posso muito bem estar na fileira dos ladrões tolerados, respeitados e ennobrecidos. . .**

— **Não diga tal, barão — atalhou a viscondessa, sem desviar a cara do espelho — O senhor diz ás vezes cousas, que parecem de doudo ! O que vale é nós não fazermos caso das suas singularidades, se não haviamos de pensar que o morde o remorso de ter mal adquirido a sua fortuna. . .**

« **Que lhe parece, snr. visconde ? — redarguiu o barão — será remorso que me morde isto que falla em mim contra a nossa classe ?**

— **Qual remorso nem qual carapuça ! — disse o visconde soltando uma gargalhada.**

— **A snr.^a viscondessa tem cousas ! O que é rêmorso ? — tornou o barão, fixando attentivamente o visconde, que apertava o nastro da celoura — Remorso teria eu**

se deixasse fugir a occasião de me enriquecer, ainda á custa de infamias e perversidades. A sociedade é que nos faz, minha senhora viscondessa. Se ella premiasse o honrado que nos pede esmola, doer-nos-hia o pesar de não sermos premiados como a virtude pobre; se ella, porém, lança de si com tédio e desprezo a consciencia vazia de remorsos, se a algibeira está tambem vazia, que remedio há se não passar para o lado dos que souberam comprehender a sua época? não digo bem, snr. visconde?

— Fallou! E' o que eu já tenho dito.

« V. exc.^a horrorisava-se, viscondessa, se eu lhe dissesse que adquirir a minha riqueza, espoliando um miseravel que se fiou da minha fidelidade?

— Credo! isso é cousa que se diga!? — acudiu ella, tregeitando visagens de pasmo.

« E' cousa que se diz e que se faz. Ainda não contamos um ao outro a nossa vida, visconde. Póde ser que um dia lancemos no seio um do outro as confissões das nossas culpas.

— Eú cá — disse o visconde, encolhendo os hombros, e fazendo com a bocca arqueada uma feia carantonha — eu cá não tenho culpas que confessar. A minha tal ou qual fortuna deu-m'a o negocio dos vinhos e aguardente. Fui feliz, graças a Deus, e levantei cabeça, por que andava no negocio com calculo, e sabia esperar-lhe a occasião.

« Pois, senhor — disse com damnada serenidade o

barão — eu não posso dizer de mim o mesmo. Enriqueci... enriqueci...

E susteve-se com impeto não menos violento para elle do que seria se lhe lançassem á garganta uma gonilha. A expressão suffocada, se assim póde dizer-se, abriu-lhe mais fundos os vincos da testa. Deu alguns passos machinaes na sala, pretextou uma razão para sahir, e felicitou-se, na rua, pela coragem com que represara em si o fel que lhe vinha aos beiços na vehemencia da ironia, ou do sarcasmo.

Quando entrava no pateo da sua casa, entrava Bernardo da Veiga, que ajuntou á visita de cumprimento o convite para tomar uma chavena de chá com elle e a sua Izaúra.



X.

Quem as divinas graças, que mostrava,
Contar quizer, mais facil lhe seria,
Contar as flores do lascivo Maio,
E do sol os cabellos raio a raio.

GABRIEL P. DE CASTRO (*Lisboa edificada.*)

Não me dispensam do retrato de Izaura? Violentam-me.

Se eu a não tivesse visto, imaginava-a. Facil me seria decompor uma duzia de formosas caras que conheço, colligir a feição primorosa de cada uma, e recompor do todo uma perfeição de que o leitor não ficaria fazendo idéa, que o mesmo me acontece a mim quando os outros pintam de phantasia.

Porém, eu vi-a, vejo-a, tenho-a de côr, quero pintal-a como ella é, e escrupuliso, se o desenho, infiel e profano, der longes d'outra imagem que não seja a della.

Não posso, não sei: o mais que sei e posso é alevant-

tar o estylo ás regiões da esthetica, figurar, idealisar, subtilisar em locuções euphonicas o retrato de Izaura. Queriam-no assim? Enfastiavam-se, logo, nos olhos.

Como se pintam estes olhos que eu vejo? Os novelheiros, com a bossa descriptiva, quando descrevem olhos assim, pintam quanto ha, menos olhos. Fazem o que podem, e o pincel pouco mais faz que elles. Para certos olhos sei eu que ha uma tela: é o coração; e só essa é digna.

E, por tanto, não descrevo Izaura; digo, como em conversação, singelamente, o que póde dizer-se, com naturalidade, se, assim mesmo, poder.

Izaura não é alta. Pertence áquella estatura que chamam mediana, a mais regular, a menos defeituosa, por que raras vezes as partes componentes do talhe geral se desconformam.

« A idade? — perguntou-me uma amiga minha a quem, pouco ha, fallei de Izaura.

— Teria dezoito annos para quem a não conhecesse; mas fa em vinte e quatro, quando a eu vi.

« Vamos ao rosto; mas não me falle em perfis gegos nem circassianos. A côr?

— Pallida, minha senhora.

« Logo vi... A mulher pallida é moda agora... Não me fallou um destes dias d'uma sua conhecida que não entrava n'um baile sem amarellecer a cara ao luar ou á luz froixa das estrellas?

— Fallei-lhe dessa tola ; mas agora tracta-se de Izaura, que não ia a bailes, nem sabia que o luar empallidece as caras grosseiramente vermelhas. Nada de confrontações impossiveis, minha amiga. Izaura nascera pallida.

« Vamos lá : e os cabellos ?

— Negros e luzentes, levemente ondedados, nus de enfeites e ataviados com commodidade, e gentileza. Duas grandes tranças lh'os dividiam, para se entrançarem de novo, prezas em duas grossas roscas por travessas. Quando as soltava, as duas serpentes ondecavam-lhe por sobre as espaduas até á cinta.

« Não me fuja para a algaravia poetica. Vamos aos olhos.

— Antes dos olhos, se me dá licença, mencionarei a frente.

« Espaçosa, infallivelmente.

— Não, minha senhora : era uma testa que suggeria muitas idéas menos a idéa material do espaço.

« Então ?! Não comprehendo.

— Eu comprehendo ; mas não sei como isto se diz. V. exc.^a vai rir-se : a frente de Izaura é um como véo transparente por onde se lhe vê a alma. A aureola é invisivel ; mas o resplendor vê-se.

« Quer dizer que uma bonita frente não se descreve. As sobrancelhas são o mais bello ornamento da testa.

— As de Izaura, irreprehensivelmente curvas, divi-

dem-se por uma incisão quasi imperceptivel : longas, negras, e bastas. As pestanas, se ella descahe as palpebras naquelle pendor da meiguice natural, quasi lhe quebram a luz dos olhos, alindando-os, se é possível, ainda mais. Por que não sei se ha olhos...

« Veja lá o que diz... guarde as conveniencias... olhe que está fallando com uma mulher que tem olhos...

— Quería eu dizer que não sei se ha olhos mais bellos que os olhos negros...

« Remediou perfeitamente. E esses olhos são serenos ou inquietos?

— Meigos e vertiginosos. Reflectem a luz froixa das paixões suaves, e as labaredas scintillantes das paixões escandecidas.

« Poesia...

— Então não sei, minha senhora, como heide expressar-me... A linguagem de passaporte não quãdra bem aqui: *olhos pretos, nariz regular, boca...*

« E' verdade — a boca? Vou ouvil-o discorrer. Com labios e dentes bonitos faz-se um grande discurso, em que o reino vegetal e o mineral podem contribuir diffusamente.

— Enganou-se. A boca de Izaura é o ideal do espiritualismo...

« Ora!... isso não se entende.

— Crê-se que o Creador beijou alli a imagem.

« Peor!... Tem os labios delgados e a bôca pequena?

— Não tem esse defeito.

« Defeito! Que singularidade! Diga-me isso!

— Os labios delgados d'uma bôca pequena... Lembra-se v. exc.^a o que disse Garrett dessas bôcas da sua predilecção? *Ha umas certas boquinhas gravesinhas e esprimidinhas pela doutorice que são a mais aborrecidinha cousa e a mais pequena que Deus permite fazer ás suas creaturas femeas.*

« Quer fazer a apologia da bôca grande?

— Não, minha senhora, digo que, não sendo pequena, é graciosissima, formosissima a bôca de Izaura.

« Adiante.

— Disse tudo, minha amiga. Escuso dizer-lhe que as outras perfeições, collo, cintura, mão, pé, garbo, bizzaria, vista cada uma singularmente, deixa adivinhar as outras. Já disse a v. exc.^a que era pallida, disse tudo.

« Mas, abstrahindo dos traços phisicos, não póde espriar-se mais pelos recursos immensos do idealismo para me dar uns longes dessa perfeição? Agora, admitto a poesia...

— E' pallida.

« Já me disse isso tres vezes: mas sinceramente lhe digo que não sei coordenar essas vagas feições que desenhou, e compor o bello desusado que me inculca. Diga

alguma coisa mais do rosto : se é oval ou redondo, se o nariz é aquilino ou adunco ; se os labios são puro coral, e os dentes são perolas ou...

— E' pallida.

A minha amiga soltou um froixo de riso, que a leitora póde imitar, se quizer. Mudámos de conversação. Izaura ficou com a sua formosura indescrível, e a minha amiga com a sua razoavel ignorancia do retrato que eu tentei esboçar-lha.

O mesmo se dá connosco, leitores. Mudemos, tambem. Vamos ao solar de Bernardo da Veiga, onde nos espera o barão da Penha, que tomou do charão uma chave-na de chá para offerecer á que o velho fidalgo chamava a sua providencia.

Não indaguemos o que se disse até á nossa chegada. Seria precisamente o trivial de todas as apresentações. Contentemo-nos com o decurso de uma conversação que parece animada por parte do velho fidalgo.

« E' á minha Izaura que se deve — dizia Veiga — a galanteria desta salinha. Foi ella que fez articular as pernas quebradas destas cadeiras e mesas, que estavam invalidas desde a minha meninice. Meu pai e tíos eram homens da côrte, e raras vezes vinham a Cascaes ; se vinham, era para espalhar ao vento o pó das ruínas ainda magnificas. Quando vim de Roma, por morte do meu tio embaixador, achei-me aqui, rodeado de credores. Esta

casa era um hospício, povoado de antigos creados com a sua numerosa posteridade. Não despedi algum; mas tractei de revindicar o que pude para podermos viver todos.

Depois de quarenta annos de economias, pude predispor-me para que não fosse mortal a ferida que me fez a mudança de instituições. Desceram muito as minhas rendas com a perda das commendas; todavia, os habitos economicos predispozeram-me para supportar com resignação a abstinencia forçada. . . se legal ou illegal, não questiono.

Cresceu esta menina nos meus braços, chamando-me pai, e eu chamava-lhe filha, filha lhe chamo hoje, sel-o-ha sempre, que o coração não póde dar-lhe outro nome.

Izaura ia tomar da mão de Veiga a chavena esquecida, e, vendo-a cheia ainda, disse.

« Então, meu pai? o chá?

— Esqueceu-me, filha. . . Temos tempo. . . Pois não queres que eu respire? A quem heide eu fallar de ti, Izaura, se não fór a um homem de sensibilidade? Pela do nosso hospede fico eu. . . Este tem coração; conheço-o até pelo modo com que te olha. . .

« E' admiração e respeito. . . e inveja — disse o barão respondendo á lhana sensibilidade do velho, propria das idades avançadas, em que as expansões intimas se parecem com as da mocidade tenra.

— Inveja! — atalhou o fidalgo — pois v. exc.^a não tem uma familia que o ama muito?

O barão desfranziu um sorriso triste, e não deu outra resposta. Bernardo da Veiga, interpretando mal a significação do sorriso, suppoz que o seu hospede tinha algum profundo desgosto de familia. A delicadeza impunha-lhe silencio; porém, a sympathia fortalecia-se.

Izaura entendeu o barão do mesmo modo. Olhava-o compassivamente, e parecia dizer naquelle olhar: este homem devia ter uma filha que o amasse muito. Bernardo da Veiga, querendo divertir da magoada concentração o espirito do hospede, proseguiu:

— Eu devo muito a Deus! Que vida seria hoje a minha, com oitenta annos, se não fosse este anjo? A velhice do celibatario deve ser triste como a solidão para o moço de vinte annos. Quando eu vivia das impressões de cada dia, nunca pensei no occaso das paixões, na escura noite do velho que olha em redor de si, e vê a soledade do tumulo que lhe vem ao encontro. Hoje comprehendo as amarguras, que eu me tinha preparado, se a Providencia me não acudisse com este beneficio. . .

E apertava calorosamente a mão de Izaura entre as suas tremulas, fitando-a com meiguice, acariciando-a com mimos de fazer sorrir a insensibilidade d'algum observador infeliz que não experimentasse os quasi pueris estremecimentos de um pai ancião.

Izaura disse a meia voz algumas palavras a Bernardo da Veiga.

— Pois, sim, vai, minha filha, e diz alguma cousa ao nosso amigo barão, por que eu tenho fallado sempre... é achaque dos oitenta...

« O pai tem dito por si e por mim — balbuciou Izaura com sympathico acanhamento — o que deve dizer-se a uma pessoa tão digna como o snr. barão...

— E eu direi, minha senhora — acudiu o barão erguendo-se — que, se me fosse permittida a gloria de alguma qualidade boa, sentiria hoje quanto essa gloria é apreciavel, por que devo a uma acção honesta a fortuna de vêr os cabellos brancos d'um homem virtuoso inclinados sobre o regaço d'um anjo. O quadro é dos que amaciam as magoas do coração que o comprehende; e eu, só tenho um modo de pagar a intinidade com que fui recebido... é confessando que estes momentos são os primeiros da minha vida felizes, sem temor de que a dór os siga. Sinta, pois, v. exc.^a o contentamento de ter feito bem ao forasteiro, que apenas conhece de nome.

Izaura quiz responder. A idéa via-se-lhe clara na expressão dos olhos limpidos; mas o temor, filho do descostume, embargou-lhe a palavra. O barão, adivinhando-a, proseguiu:

« Ouve uma linguagem nova, minha senhora. Está affeita ao dizer suave e singelo de seu pai, e estranhou o que lhe é dito n'um tom de seriedade. Quiz ser claro; quiz dizer...

— Eu comprehendí... — atalhou Izaura.

« Que o nosso amigo aprecia a nossa companhia, filha? — acrescentou o velho.

— Ainda mais... entendi que...

« Diga, diga, minha senhora.

— Que precisava d'uma amiga como eu sou de meu pai — disse Izaura, sem córar, com desembaraço, em ar de adorável melancolia.

« Não me comprehendeu, snr.^a D. Izaura — redarguiu o barão, amaciando a rudeza da negativa com um gesto de amargura, que o violentava a não aceitar a explicação, e acrescentou: « o que eu precisava era que se me varressem do coração as tenções infernaes que me impellem para... » e susteve-se de impeto; passou a mão, com phrenesi, pela testa sulcada momentaneamente de rugas, e fitou os olhos no olhar pasmado de Bernardo da Veiga, ajuntando: « Está admirando-me? Duas palavras definem um desgraçado, não é assim?

— De certo... e duas palavras — disse o velho — bastam para espertar, não digo a curiosidade do indifferente, mas o interesse do amigo.

O barão tirou um charuto, e pediu licença para fumar na sala immediata. Era uma evasiva, um pretexto para cortar o fio d'uma conversação mortificadora. Bernardo da Veiga serviu-lhe o castiçal, para accendêr o charuto e fumar alli. Izaura complimentou o barão, e sahio.

« Está lindissima a noite ! — disse o barão, olhando da janella para o mar onde se espelhava a lua em tremulos fulgores — Faz gosto passear ao pé do mar em noites assim. Os namorados amam estes espectaculos, e pintam-os com enthusiasmo. Nós, os velhos, devemos sentil-os melhor do que elles, por que os povoamos de saudades, em quanto os moços os povoam de esperanças. . . Quer v. exc.^a passear ?

— Pois sim. . . — respondeu o fidalgo — e não vai cómnosco Izaura, por que havemos fallar della. Sahiram.



XI.

« Oh! mas a deshonra!... »

« A deshonra é para quem commette feitos vis. O que delles padece esse não é deshonrado. »

A. HERCULANO (*Monge de Cister.*)

POURQUOI VOUS MONTREZ-VOUS FURIEUX ?

BENJAMIN CONSTANT (*Adolphe.*)

« Vou contar-lhe a historia da minha Izaura. Não pôde esperar lances de novella, snr. barão. Bem a viu, e basta vê-la um instante para conhecer-se que o coração daquella menina está na innocencia dos oito annos. E' uma historia simples; mas o que merece ser contado é triste.

Ha vinte e sete annos esteve em Cascaes um juiz de fóra, que se dizia meu parente. Eu aceitei o desconhecido primo com mostras de reconhecê-lo, porque entendo que me honram todos aquelles que querem ser meus parentes, se são pessoas honestas; os verdadeiros parentes, se se

infamam, nem esses nego, porque o desdouro é delles só.

Pedro Leite de Mendonça era o nome do magistrado. »

A sombra não deixara vêr ao narrador a impressão que tal nome fizera no rosto do barão.

« Freqüentava a minha casa, foi nos primeiros mezes meu commensal, e por fim meu hospede — proseguiu Bernardino da Veiga.

Em minha casa estava uma menina de dezeseis annos, filha d'um meu amigo, que morrera na batalha do Vimeeiro, commandando um batalhão. Eu sabia que o defuncto coronel deixára em Lisboa uma viuva e uma filha. Fui buscal-as, e disse-lhes que eram a minha familia. A mãe morreu de saudades. Ficou a menina que eu creei e eduquei, com amor igual ao que tenho empregado nesta que v. exc.^a conhece.

Pedro Leite via isto, sabia que eu amava como pai a filha do meu amigo, e abusou da franqueza que tinha em minha casa, erguendo olhos perfidos para a innocente Isabel.

Eu nunca o suspeitei. Tive uma denuncia já tarde. Interroguei Isabel, e ella córou, gaguejando uma resposta accusadora. Não a reprehendi. Chamei ao meu quarto Pedro Leite, e disse-lhe: o senhor ama esta orphã que eu tenho em minha casa? — Ame-a como você a ama; estimo-a, e respeito-a, além de a amar — respondeu elle. Pois bem, repliquei, Isabel pertence a uma familia illus-

tre, não deslustra a nossa; se o meu parente a quer para sua mulher, eu tenho grande gosto nisso, e suspeito que ella o terá tambem. Responderei; — redarguiu elle — esse acto quer-se muito pensado.

Correram alguns dias; Pedro Leite é transferido para o Porto; diz-me que vai tomar possê, e dá-me à entender que voltará para responder satisfactoriamente á pergunta que eu lhe fizera.

A resposta foi, passados quizaes dias, desaparecer Isabel. Entrei no quarto da desgraçada, e achei sobre a banca de leitura, a mesma que v. exc.^a viu na sala de Izaura com um livro, o mesmo livro que ella deixara, e um papel e lapis, os mesmos justamente que ella deixou. O papel dizia isto: *A paixão, que me cega, pôde levar-me á morte; á deshonra diz-me o coração que não, porque eu obedeco ao sentimento mais nobre do coração humano. Só poderia resistir-lhe suicidando-me; mas Deus perdôa ás criminosas que o amor matou, e não ás que se matam. Preferi ao suicidio deixar-me matar. Assim como Deus perdôa, perdoe-me o meu bemfeitor. Isabel.*

Chorei sobre o papel. Depois houve a reacção do odio ao vil que a seduzira. Dispuz-me a segui-lo, procural-o no Porto, e matal-o. Tornou a reflexão. Matal-o que valia? Era matal-a a ella, tolher talvez a reparação, acabar com a esperanza de a rehabilitar para si e para o mundo.

Não dei um passo. Agradei a Deus ter-lhe levado a mãe, antes deste golpe.

Decorreram dous annos, sem noticias de Isabel. Pedi a um velho amigo que estava desembargador na Relação do Porto novas della. Jeronymo d'Abreu e Lima...

— Jeronymo d'Abreu e Lima! conheceu-o? — atalhou alvoroçado o barão.

« Conheci de rapaz; eramos amigos de tu... e v. exc.^a conheceu o meu amigo?

— Recordo-me de ter ouvido esse nome ha bastantes annos... — disse serenamente o barão.

« Pois foi elle o incumbido de colher informações. Disse-me que sabia não de vista, mas de ouvir dizer que Pedro Leite tinha consigo uma senhora que raras vezes se mostrava, a não ser atravez d'uma vidraça. Mais tarde escreveu-me outra carta, dizendo-me que lhe fallara, graçeando, nella, e Leite lhe respondera que a amava muito; e, se a não fazia sua esposa, era porque não dava consideração alguma ás palayras convencionaes do padre, nem lhe constava que o fundador da religião christã instituisse o sacramento do matrimonio, como condição de alliança entre mulher e homem. Ultimamente escreve-me outra vez dizendo-me que Isabel era mãe d'uma linda creancinha, que Pedro Leite amava como doudo. Concebi então que elle viesse a rehabilitar a mãe por amor da filha, visto que o coração d'um pai aceita como necessarios os preceitos

religiosos para os transmittir á filha. Só um pai conhece verdadeiramente o que é a deshonra da mulher. . . O meu amigo Abreu e Lima morreu pouco depois, e nada mais pude saber.

Passa um anno, e em 1825 recebo uma carta de Isabel. Santo Deus, que surpresa, que alegria a minha! Cuidei que era a suspirada nova do seu casamento. Leio as primeiras linhas, e vejo: *Não é para mim que peço, é para minha filha que mendigo ao bemfeitor da mãe um bocadinho de pão.* Continuo a lêr. Era uma carta escripta com lagrimas, era um adeus para sempre, legando-me sua filha.

Corro ao Porto. Colho informações. Vou descobrir Isabel, vivendo em uma pobre casa, deitada n'uma miseravel cama, emmagrecida e pallida como um cadaver, com sua filha ao pé de si, enfezadinha mas linda creança, que lhe brincava com os cabellos. Abracei-as, amimei-as, esqueci tudo. Antes de perguntar se foram abandonadas, fui buscar uma cadeirinha, conduzi-as para a minha hospedaria, chamei medicos, não lhe dava tempo de chorar á pobre mãe. O meu amigo tem coração, e de certo explica estas lagrimas que me embargam a voz. São as reminiscencias de ter feito uma boa acção. São lagrimas de alegria, em que se manifesta o poder divino da caridade. »

Passados alguns segundos de silencio, e de angustioso alvoroço para o barão, Bernardo da Veiga proseguiu :

Isabel não tinha sido abandonada. Pedro Leite mor-

rera de malina; mas testara todos os seus bens de fortuna, no valor de cincoenta mil cruzados, a sua filha Izaura, e uma avultada esmola á mãe de sua filha, pedindo a sua magestade que houvesse por bem sancionar a perfilhação de Izaura. Isto se fizera com testemunhas. Isabel ouvira-lh'o tres vezes repetir; dos labios moribundos d'elle recebera o encargo de me supplicar o seu perdão.

Roubaram, porém, a pobre creança, sr. barão, e deixaram sem um vintem a infeliz mãe. Forjou-se um testamento falso, em que a herança passava a outras mãos. Isabel não tinha protecção, não conhecia ninguem, envergonhou-se de ir aos tribunaes, deixou correr tudo á revelia, e os que se habilitaram herdeiros tiveram a impiedade de lhes não darem uma esmola.

Tinham decorrido seis mezes quando Isabel me escreveu. As fomes que ella passou até esse momento em que o céo lhe inspirou animo para se valer de mim, imagine-as meu amigo!...

— Imagino, imagino! — exclamou o barão, erguendo-se convulso, e levando as mãos aos cabellos como n'um accesso de raiva. — Imagino as fomes que ella passou... E que se hade fazer ao malvado que a reduziu a essa miseria? Se a Providencia não tiver castigo para o infame causador desse roubo que horroroso castigo ha ahi que o puna? Se eu arrancar o coração do peito que...

Bernardo da Veiga estava attonito das exclamações do

barão, e dos tregeitos rívoros que denunciam uma demencia subita. Queria atalhar a torrente impetuosa das phrases sanguinarias, mas o barão parecia dirigir-se a um phantasma. O velho chegou realmente a suspeitar que o barão estava soffrendo algum accessos de doudice por amor da qual o mandaram a banhos de mar. Tudo o que elle dizia era confuso, e desordenado. O velho chegou a metter-lhe o braço, para o afastar d'alli, dizendo-lhe palavras affectuosas. Um terceiro rir-se-hia dos dous, vendo a physionomia pavida do fidalgo, e os estorecimentos epilepticos do barão.

A maneira do subito silencio que se faz depois que uma nuvem cabe rompida em estrepitoso granizo, a vertigem do barão serenou de repente. Agora, era o olhar profundo e immovel que assustava o historiador, arrependido de acordar, sem o querer, alguma dôr que lhe eclipsava a razão.

« Vamos, vamos, meu amigo... — disse, a tremer, Bernardo da Veiga.

O barão sorriu, se é sorrir o movimento de lábios que mais parece a compressão d'um gemido. Veiga instava, tirando-o pelo braço com delicada violencia.

— Que juizo fez v. exc.^a de mim? — perguntou tranquillamente o barão.

« Eu... juizo... penso que v. exc.^a... tartamudeou o velho, encolhendo os hombros, e esforçando-se em ima-

*

ginar um qualquer juízo que podesse dar, com tanto que não dissesse o que realmente ajuizava, por que raro é o doudo que aceita satisfeito a compaixão que move.

— Julgou-me doudo? — tornou o barão.

« Não, senhor; eu estou convencido que v. exc.^a . . . condoído da sorte da pobre Isabel. . .

— Pois v. exc.^a crê que a sensibilidade d'um homem, que não conheceu essa senhora, possa irritar-se até ao furor? . . .

« Ha genios tão sensiveis que. . .

— O que ha, snr. Bernardo da Veiga, são horrorosos segredos na minha vida. Hade sabêl-os, meu amigo. Hade sabêl-os, quando eu lhe possa mostrar quebrado o principal instrumento da minha desgraça. Desculpe-me v. exc.^a eu não vou ainda para casa, salvo se me ordena que o acompanhe.

« Não senhor: mas. . . eu acho que se deve retirar. . . a noite principia a arrefecer. . . — disse o fidalgo; constante na sua suspeita de louçura periodica.

O barão apertou-lhe a mão com força, e caminhou em direcção opposta á do assustado velho.

Eram onze horas da noite.

O visconde de Villa-Secca estava fazendo o correio, quando sentiu tres fortes pancadas na porta. Foi á janella, e conheceu o barão.

— A estas horas! ? — exclamou o visconde — isso é

novidade. Eu lá vou abrir que os creados dormem já.

E desceu, sem esperar resposta.

Abrindo a porta, não viu alguém. Sabiu fóra, e ouviu rumor de passos que se afastavam. Esteve alguns minutos atordoado com o successo, e foi direito ao quarto da viscondessa que roncava em profundo dormir. Agitando-a, como quem quer rolar um ôdre, despertou-a alvoroçada, para lhe contar o extravagante acontecimento. A viscondessa ouviu-o com um terço do olho esquerdo aberto, e fechando-o, voltou-se para a parede, resmungando :

« Vai-te d'ahi, parvo ! e para aquillo vem acordar quem dorme ! Forte bruto !

Ao mesmo tempo, Bernardo da Veiga dizia a Izaura :

« O pobre barão, minha filha, está doudo.

— Doudo, meu pai !

« Sim : soffreu um accesso quando estavamos á beira-mar.

E assim proseguiram, lamentando o louco, sinceramente condoidos.

E, tambem, ao mesmo tempo, o barão da Penha, com a face livida curvada sobre as mãos, que pousavam na beira d'uma banca, dizia no som cavo de quem falla só :

« Seria uma loucura matal-o hoje. . . A morte d'aquelle homem deve ser publica. . . .

O leitor de certo não suspeita que o barão da Penha esteja doudo.

XII.

On cite les amis qui s'aiment comme des frères... Ne pourrait-on pas citer les frères qui s'aiment comme des amis?

D'HOUDETOT (*E'preuves du cœur humain.*)

Antes que m'o diga a desvelada critica, apesar meu, confesso que este romance não é o mais respeitoso que pôde desejar-se ás venerandas regras da arte.

Devia e podia fazer o barão da Penha um homem mysterioso até ao capitulo final, preparando a anciedade do leitor para uma surpresa de estouro.

A arte é isso, o engenho prova-se nessas difficuldades; sei-o, á custa de me enjoar com muitas obras-primas desse engenho e arte, que enfeitça o espirito de curiosidade, mas incommoda esse tal ou qual critico juizo que algumas pessoas ainda empregam em leituras destas.

Quem não sabe já que Macario Affonso da Costa Penha é um pseudonimo de Constantino de Abreu e Lima?

E' justamente o que devia esconder-se, á custa de todas as inverosimilhanças imaginaveis. O abrir de bôca do leitor pasmado, no fecho do romance, deve ser o supremo gaudio do romancista. Esses abrimentos de bôca são os que fazem o renome de quem escreve, e, algumas vezes, o somno de quem lê.

Se eu delineasse o enredo de modo que o barão da Penha se balanceasse entre conjecturas no decurso de trezentas paginas, isso é que era vigor de imaginação, habilidade de enredar a perspicacia dos adivinhos de tragicas catastrophes. Assim, do modo como se vai desenvolvendo a historia, d'aqui a pouco não tenho novidades com que surprehenda a atilada penetração do leitor. Resta-me a confiança que ainda tenho no patriotismo litterario dos que lêem cousas de sabor portuguez, com quanto reconheçam que em Portugal não ha typos que espertem copistas, nem phantasia creadora que os faça, sem destoar do genio e costumes nacionaes.

Já agora, não ha remedio. O barão da Penha denunciou-se mais de tres vezes. Primeiro, quando ouviu a historia de Antonio José; segundo, quando viu o nome do possuidor do TACTO em que lia Roberto Soares; depois quando liberalisou commodidades sobejas á pobre familia da rua da Murtha; ultimamente quando ouviu a historia

de Izaura, desherdada pela falsificação de um testamento.

Pois então, se tudo é já sabido, saiba-se como Constantino de Abreu e Lima adquiriu o milhão que lhe attribuem os corretores dos salões lisbonenses, nos quaes, como em Paris, em Pekim, no Taiti, em toda a parte, onde gira dinheiro, por entre o borbórinho de ternos e espirituaes colloquios, escapa o grosseiro interrogatorio ácerca do valor monetario da pessoa ou cousa.

Abi vai a historia depressa e clara :

Constantino, um anno depois que chegou a Cabo-Verde a cumprir sentença de vinte annos, pôde evadir-se, protegido, indirectamente, pelo governador do presidio, que lhe conhecera o pai, e se condoera do infortunio do moço, levado ao crime pela necessidade.

Nomeando-se Macario, conseguiu ser recebido n'um dos portos d'Africa a bordo d'um navio hollandez, que seguia derrota para a costa brazileira, e o aceitou como interprete, visto que o capitão da charrua fallava francez, e o fugidiço tambem.

Chegados á Bahia, Macario recebeu o que lhe quizeram dar, depois de assistir como lingua ás compras e vendas do navio mercantil.

Um commerciante bahianno sympathisou com o portuguez, e deu-lhe a perceber que o receberia como guarda-livros, se elle quizesse deixar o navio em que viera.

Macario aceitou, e pouco depois foi em commissão para Buenos-Ayres, onde o patrão tinha commercio.

Ahi encontrou um portuguez estabelecido, rapaz ainda, casado recentemente com a filha unica d'um riquissimo fazendeiro.

Travaram amizade, e passaram á intimidade. Macario não foi sincero, mas a reserva é desculpavel. Disse que era filho d'uma pessoa de bem, e sahira de Portugal, por morte de seu pai, de quem, esperando herdar grandes haveres, apenas herdara uma educação esmerada, que lhe tornava a penuria, na patria, mais dolorosa.

O rico fazendeiro contou-lhe de si esta simples historia:

Era filho bastardo de um fidalgo, que sacrificara sua mãe a outra rica e nobre com quem casara; que sua mãe era uma senhora de Lisboa, filha de pais remediados, mas desamparada dos seus, por causa da sua fraqueza; que seu pai dava uma sufficiente mesada para a sustentação de ambos, e, quando enviudara, promettera casar com ella logo que conseguisse entrar no Desembargo do Paço. Que nesta esperança, dous mezes depois da promessa, morrera a mãe, e o desembargador, por segunda pessoa, lhe dera a elle meios e protecções e creditos para estabelecer-se commercialmente. Que, finalmente, elle optara por se estabelecer na America, e apenas chegara a Buenos-Ayres tivera a boa fortuna de captivar a estima do fazendeiro que o fizera seu genro.

Mera curiosidade fez que Macario lhe perguntasse o nome do fidalgo progenitor, e ouviu proferir o nome de seu pai.

Desde esse momento, o transfuga de Cabo-Verde arrancou-se a mascara: contou a sua verdadeira historia; compungiu o coração do amigo, e terminou por perguntar-lhe se elle se envergonhava de ser irmão d'um filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima.

O bastardo elevou seu irmão até onde podia; quiz que elle resgatasse o seu verdadeiro nome; que, á custa de todo o dinheiro, obtivesse a graça regia da sua liberdade. Constantino regeitou as boas intenções do irmão, umas como inúteis, outras como impossiveis.

Continuou a ser Macario Affonso; e adoptou os appellidos de seu irmão — *Costa Penha*. Associou-se commercialmente com o que fôra na Bahia seu patrão. Decorridos tres annos, morre o socio, instituindo seu universal herdeiro Macario Affonso.

Está assim explicada a muito licita acquisição de cem contos de reis, base sobre a qual o antigo falsificador de firmas poderia, se quizesse, levantar um edificio de alguns milhões.

Constantino julgava-se viuvo: assim lh'o fizera crêr a má nova que lhe levára o facultativo, por informações d'outro que medicára Leonor nas tribulações do parto. O leitor ainda se lembra. Suppunham-no viuvo, e offere-

ceram-se-lhe casamentos vantajosos. Regeitou-os todos.

Retirado do commercio, foi viver em uma chacara de seu irmão, e dedicou-se á leitura, á agricultura, e á solidão quasi completa.

Áo cabo de doze annos pouco possuia da herança. Consummira-a comprando escravos para a liberdade : aos velhos dava immediatamente carta de alforria, ás creanças educava-as, e dotava-as com terras incultas, ensinando-as a cultivarem-as.

O irmão enviuvara, e annos depois ficara sem filhos com mais de quinhentos contos liquidados. Retirou-se tambem do trafico mercantil, e pôde conseguir que seu irmão o acompanhasse á Europa, cujos ares lhe aconselhavam n'uma doença pulmonar.

O mal aggravou-se com a mudança, e o millionario veio morrer a Paris, deixando todos os seus haveres ao individuo que se assignava Macario Affonso da Costa Pennha.

Era isto em 1848.

Macario voltou á America, e levantou a avultada herança. Permaneceu ahi um anno, oscillando entre as irresoluções de ficar alli, ou residir na Europa.

Lembrou-lhe com saudades Portugal ; mas perguntava a si mesmo o que viria elle fazer a uma terra onde não tinha alguem, d'onde sahira com um stigma ignominioso na fronte, onde não poderia, depois de vinte e quatro an-

nos, dizer o seu verdadeiro nome sem risco e sem vergonha.

Acudiu-lhe uma idéa romanesca : viver em Portugal, desconhecido ; derramar a sua riqueza em generosidades das que enxugam lagrimas e aquietam a consciencia ; captar a attenção deste pequeno paiz, onde as dadas são apregoadas, como se o dadivoso não tivesse melhor recompensa que a publicidade ; morrer, em fim, pobre, declarando na hora suprema da vida o seu verdadeiro nome, remindo-o assim da antiga infamia.

Com estas intenções desembarcou em Lisboa.

Fez as primeiras esmolas aos estabelecimentos de caridade, e acudiu com alguns saccos de libras á indigencia do ministerio que batia ás portas dos agiotas, mostrando-lhes as ulceras do thesouro.

Um dia, deram-lhe uma cousa que elle quizera regeitar ; mas não podéra, por que apparecera ao mesmo tempo lavrado o decreto da mercê : era o titulo de barão da Penha.

Ora aqui está.

Este capitulo é o mais ensosso, mas tambem é o mais moral, e até o mais necessario, desta, sobre todas as que eu contei e heide contar, verdadeira historia.

Assim, pois, convem que se saiba desde já que o barão da Penha não era negreiro, nem falso monetario, nem alliciador, nem contrabandista, sequer.

Aos seus esforços pessoas nada devia elle, é certo, por que já se disse que herdara cem contos, que hoje produzem fructos abençoados para proprietarios negros, que elle resgatara. Fôra de seu irmão tudo o que tinha, e o primeiro bastardo do fidalgo enriquecera ajuntando ao dote de sua mulher o trabalho de vinte e sete annos.

Era uma riqueza mais abençoada a d'elle que todas as que por ahi abençoam os jornaes, quando os abençoados são, ou podem ser, assignantes.



XIII.

... Assy ha lagrimas nascidas do verão d'alma, que é a caridade... estas tais são mantimento d'alma.

FR. ANTONIO FRO (*Trattados Quadregestimas.*)

Esta é a verdadeira idade do ouro, porque só elle senhoréa os animes dos homens.

F. RODRIGUES LOBO (*Côrte na Aldéa.*)

E a familia da rua da Murtha o que é feito della ?

Pois sim, leitor, vamos assistir a esse spectaculo de felicidade imprevista, unica, se a ha, porque a felicidade, que se espera, se vem, o melhor della gosou-se em esperanças; o resto, convertido em realidade, pouco vale.

Roberto Soares appareceu inesperado em casa. Foi á cama de sua mãe, para logo alli em poucas palavras lhe dizer ao que vinha, mas os braços de Leonor, de Elena, e do tio cego, todos ao mesmo tempo enredados nelle, não o deixavam tomar fôlego.

« Não te esperavamos tão cedo, Roberto ! — disse

Leonor, assalteada pelo receio de que a vinda inopinada fosse de mau agouro — Não é por alguma causa desagradavel, não, filho ?

— Não, mãe. Eu sou o portador da nossa felicidade. A Providencia voltou para nós a face benigna.

« Benigna é ella sempre, Roberto — atalhou Jorge Ribeiro — Não agradeças desse modo a Deus a felicidade que nos trazes. Ergamos sempre mãos agradecidas ao pesar e ao contentamento.

— Pois sim, meu tío ; mas não fallemos agora em pesares ; bem bastou sentir-os tantos annos — disse Roberto com muita alegria.

« Eu bem sei o que nos vaes contar, Roberto — acudiu Elena — Vens despachado para um bom lugar, não é assim ?

— Enganou-se, tia ; eu não venho despachado... O nosso bemfeitor não quer que dependa de mim o bem estar da minha familia. Quer ser elle, e só elle, o enviado de Deus a esta casa.

« Assim, assim — interrompeu o cego — quero que falles essa linguagem, meu Roberto : *o enviado de Deus...* por que são enviados de Deus todos aquelles que enxugam lagrimas ; e o modo como as nossas foram enxutas, quando iamos ser lançados á rua, só se explica pela acção mysteriosa da Divindade. Que novos beneficios nos quer fazer esse santo homem ? diz, Roberto !

— Dá-nos quantas commódidades podemos desejar. Tenho ordem de mudar inteiramente o nosso viver de privações e forçada obscuridade. Trago ordem illimitada de receber o dinheiro necessario para vivermos em boa casa, ornada de tudo com magnificencia, e tanta que o barão da Penha possa hospedar-se n'ella, quando vier ao Porto. Ora já sabem agora ao que vim?

« Louvado seja o Senhor! disse Leonor a chorar, em quanto Elena, com a mão do sobrinho apertada nas suas, fitava os olhos espantados ora na face d'elle, ora na da irmã. Jorge Ribeiro não fizera algum movimento exterior.

— Como explica esta grandeza d'alma, meu tio? disse Roberto.

« E tu como a explicas, meu sobrinho? Melhor que eu o farás, por que o trataste de pertó.

— Posso apenas julgal-o um homem extraordinario. Não sei nada de sua vida, e ha n'elle, apesar da familiaridade com que me trata, alguma cousa que impõe respeito e temor. Não me afoutei ainda a perguntar-lhe a sua naturalidade. O trato continuo, que faz ordinariamente a confiança, augmentava em mim o sentimento de respeito, que algumas vezes me envergonhou. Eu não queria que elle me julgasse humildade esta veneração; por que não pude nunca, nem jámais poderei immolar o meu orgulho aos beneficios feitos por vaidade. Os beneficios,

porém, do barão, são delicados e francos ao mesmo tempo. Não vexam, nem obrigam a gestos ou palavras de reconhecimento. Aquelle dinheiro, que lhes mandei, deu-m'o elle sob condição de lh'o pagar, quando podesse economisal-o dos meus salarios como empregado. Esta ordem franca que trago foi-me dada com não sei que imperio paternal. *Vá immediatamente, e faça isto*, disse-me elle. Estas explicações hem sei que não explicam a affeição que me tem este homem; mas, a não ser por *sympathia*, ou compaixão, não sei como a simples palavra « *philantropia* » possa dar a razão de tantas virtudes.

« Conheceria elle teu pai ou teu avô, Roberto? — disse Leonor.

— Não, minha mãe. Estando eu a lêr o *TACITO*, onde está escripto o nome de meu pai, o barão perguntou-me quem era aquelle individuo.

« E tu... disseste-lhe...

— Disse o que sabia de meu pai, o pouco que sei, por que minha mãe pouco me ha dito.

« Pois ahi tens explicada a virtude do barão. E' piedade — disse o cego.

— Tinha os olhos chorosos, quando acabou de lêr a carta, que a mãe me escreveu. Abraçou-me, desejando abraçar todos os meus. Alli logo me ordenou que viesse ao Porto, que fosse o chefe da minha familia, e não voltasse a Lisboa se não quando elle me chamasse.

Foi longa de mais a alegre conversação desta familia, ao pé do leito de Leonor, para que a digamos toda.

No dia seguinte, o negociante, encarregado de dar dinheiro indeterminado a Roberto Soares, contou isto na Praça, onde Roberto Soares era conhecido como litterato, synonymo de vadio, de satyrico, de insultador petulante, e de *pinga*. Entre parenthesis: este epythetó « pinga » inventou-se no Porto: é o unico subsidio phylologico que esta gente tem dado ao vocabulario chulo. *Pinga* é o desforço summario, é a suprema vingança que ahi se tira do escriptor pobre, se elle fere a vaidade dos ricos infames, que não querem soffrer a possibilidade de ser insultado um homem endinheirado.

De « pinga » pois, fôra qualificado Roberto Soares, desde que, uma vez, saturado das prelecções do amigo de Guilherme do Amaral, talhara quatro barretes para quatro dessas cabeças, que por ahi jogam a marrada com a honra.

A noticia da ordem franca, e o primeiro saque de um conto de reis, sabia-se no Guichard na noite desse dia, e contou-se, como um acontecimento, nos *soirées* da Foz, em redor de uma banca de jogo, onde alguns cavalheiros negociavam a industria que os salva de vagarem andrajosos nas ruas do Porto. As filhas destes cavalheiros, as mulheresés, as irmãs, e as namoradas, em quanto o banqueiro embaralhava os massêtes com subtil tramoia, pergunta-

*

vam aos parceiros se o tal folhetinista Soares tinha algum tio rico no Brazil. Uma notabilidade presente citou uma carta que lêra da viscondessa de Villa-Secca, onde se dizia que estava em Lisboa certo barão da Penha, que denominava seu parente um rapaz do Porto, que fazia versos, chamado Soares.

Uma das damas, que se erguera irritada por ter perdido meia libra contra o quarto valete, e outra meia *n'um-em-tres*, foi para a janella com uma sua amiga, tambem zangada por que o banqueiro não pozera *de-porta* uma libra que ella, por descuido, perdera *de-cara*.

Estas duas almas candidamente doloridas da perda de nove mil reis ao monte, encostaram-se ao peitoril da janella, fallando de amores. Amantissimos corações os destas pombas !

Uma, a nossa conhecida Margarida da Carvalhosa, pessoa de que eu não posso prescindir em todas as scenas comicas dos meus futuros romances, dizia á companheira conhecer o tal Roberto Soares por o ter visto com um outro, amigo de Amaral, que a interlocutora conhecia optimamente desde um monumental dialogo, na « Praia dos Inglezes » que ficou estampado em algures do romance « ONDE ESTÁ A FELICIDADE ? »

Dizia D. Cecilia — em quanto seu marido procurava a desforra da perda que ella fizera — que conhecia perfeitamente Roberto Soares ; e, a meia voz, com desdenhosa

fatuidade, acrescentava que possuía algumas poesias deste rapaz, seu inexoravel perseguidor, desde que se encontraram n'um baile da assembléa.

Neste instante, entrou o creado na sala do jogo, e disse que estava alli um snr. Roberto Soares que desejava fallar com o snr. commendador José da Silva Guimarães.

O dono da casa disse ao commendador Guimarães que podia recobel-o na sala. Mandaram entrar Soares, e elle teimou em não entrar, dizendo que seria de instantes a sua entrevista.

O proprio dono do « estabelecimento » desceu ao paeo, e subiu com Roberto pelo braço, sentindo muito que elle se não tivesse servido da sua casa, na Foz, onde se passavam regularmente as noites.

Roberto estava espantado !

Nunca este homem o complimentara. Ainda, dous mezes antes, encontrando-o n'um baile, perguntara a um visinho quem era o perna-fina que lhe dançava com a filha ; e, irritado com a informação, dissera á menina que se acautelasse com os parceiros desconhecidos ! Que recato este, que prevenção tão lisongeira para o dono da casa ! Estes alvares trocam-se amabilidades destas, e não se ofendem. . . Sabem elles, por ventura, o que é pundonor ?

A' historia, á história ! nada de philosophia. Pois sim.

Roberto Soares entrára n'uma sala, onde chilreava

um grupo de senhoras, gesticulando vertiginosamente com os braços e cabeças. Encostada ao piano estava Cecilia e Margarida Carvalhosa, que tinham vindo da casa de jogo para a sala, quando viram a pressa com que o dono da casa descera a receber na escada o poeta.

Roberto fez um semicírculo com a cabeça cortejando geralmente as damas, e ouviu Cecilia proferir o seu nome: era a única mulher a quem não precisava ser apresentado. Dirigiu-se a ella com desembaraço, alteou a voz de modo que o podessem ouvir, e não saberei eu decidir se foi irritação de nervos, ou sangue frio que suggeriu este vocabulario inconveniente, depois de a saudar com expressões frias e triviaes:

« Eu vim a tractar negocios com o snr. commendador Guimarães, e fui admittido nesta sala sem apresentar as minhas cartas credenciaes de commerciante. E' um excesso de cortezania com que me honra o dono da casa.

D. Cecilia comprehendeu a ironia, e disse:

— Não sabia eu que v. s.^a era negociante. . . Em que negocia, snr. Soares?

« Em mascaras, minha senhora.

— Em mascaras! . . . tem graça!

« Parece-lhe que não farei grande venda do meu genero aqui? . . . Repare v. exc.^a nesta que eu trago, e, pela amostra, julgará da mercadoria. Tenho a immodestia de a julgar tão perfeita, que até v. exc.^a me desconhece.

— Ha ahí subtileza de mais para a minha compreensão... Entendeste, Margarida?

« Eu!... se tu não percebes... — disse a filha do barão da Carvalhosa, requebrando a cabeça com delambido garbo — se tu não percebes, conhecendo o snr. Soares, que farei eu!... E' poeta, e basta.

— Não sou poeta, minha senhora, tracto de negocios, vou estabelecer-me, a minha reabilitação começa por uma tenda...

« De mascaras? — atalhou Cecilia.

O dialogo foi cortado pela chegada do commendador Guimarães, que estendeu a mão affavel ao que o procurava.

« Ninguem me apresentou a v. s.^a — disse Roberto — nem eu me apresentarei, por que o meu nome é circumstancia dispensavel.

— Eu conheço v. s.^a... é o snr. Roberto Soares, e muito estimo ter esta occasião de o servir.

« Não venho pedir serviços a v. s.^a Sei que é dono d'uma casa que se aluga na rua de Fernandes Thomaz, vi-a hoje, gostei della, não me souberam dizer o que v. s.^a quer, e, como preciso ámanhã occupal-a, queria hoje o arrendamento. Não merecia a pena a deferencia com que o dono da casa, cujo nome ignoro ainda, me honrou. — Era um negocio de duas palavras...

O commendador não entendera d'isto senão que se

tractava do arrendamento da sua casa da rua de Fernandes Thomaz.

— Vamos então a minha casa — disse elle — e lá se fará o escripto.

« Dispensem formalidades de titulos inuteis. Eu pago a v. s.^a a casa agora mesmo, e dispenso até o recibo.

— Pois isso é assim do pé p'ra mão?! — disse o commendador — A casa anda em trinta e cinco moedas.

Soares tirou d'uma carteira duas notas do banco de cem mil reis cada uma, e deu-as ao commendador, dizendo :

« Tem v. s.^a a voltar-me... Eu faço a conta...

Abriu a carteira, e fez com o lapis uma operação de diminuir.

« São 328000 reis que me deve — acrescentou elle — se me não engana a minha arithmetica, que, apesar de tudo, é mais correcta que as minhas poesias, não acha, snr.^a D. Cecilia?

— Tem perguntas! que tem uma cousa' com a outra?

« A arithmetica com a poesia? Tem tudo, minha senhora. Quem não sabe contar não verseja.

O commendador fôra fazer o troco na casa do jogo, Margarida sahira de ao pé da amiga, Roberto Soares de braços cruzados, encostado ao piano, dizia a Cecilia :

« Quem é o seu amante agora, minha senhora?

— E' séria essa pergunta, snr. Soares?

« Séria, e profundamente grave.

— E' grosseira, e...

« Não crê que -eu tenha um motivo bastante forte para me informar de cousas tão melindrosas?

— Não, senhor.

« Tenho. Eu sei que v. exc.^a costuma dar ao amante que começa o espolio do amante que acabou. Estiveram em seu poder umas cartas minhas e umas poesias muito tolas. Umas e outras queria eu resgatar, as poesias principalmente, por que não quero que existam vestígios de eu ter sido poeta, e mau poeta de mais a mais, hoje que principio a regenerar-me para a sociedade em que v. exc.^a é lustroso ornamento. Sendo certo que os meus versos devem estar na mão do cavalheiro, que, há dous mezes, me empalmou o seu coração, pergunto eu, se depois desse, ha um outro a quem eu deva dirigir-me. A pergunta não é grosseira, é necessaria.

Tinha-se feito profundo silencio na sala. A curiosidade calara até a respiração de uma duzia de senhoras, contra as quaes Roberto voltára as costas.

O commendador chegava com o troco, sustando a ultima phrase do seu inquilino. Roberto Soares fez uma cortezia igual á da entrada, e, apertando a mão tremula de Cecilia, na despedida, murmurou:

Textual todo o dialogo.

« O poeta faz versos; o homem de dinheiro falla assim... Eu hoje alugo propriedades, minha senhora... Uma sei eu já que me custa annualmente trinta e cinco moedas; a outra...

Cecilia corou até aos olhos, e retirou a mão. Soares soltou uma gargalhada, e sahiu.

Os circumstantes, que não perdiam um movimento d'elle, disseram:

— Este homem é doudo! —

Explicar este estranho colloquio com uma dama da boa-roda, faz-se em duas palavras.

Dous mezes antes o Roberto Soares pobre dizia no corredor da igreja dos Congregados a D. Cecilia:

— Dê-me a razão do seu capricho. Que fiz eu para arrefecer a sua estima?!

« Não me persiga, senhor! — disse ella — o senhor compromette-me!... Apre! que teima!

Nesse mesmo dia, Roberto Soares recebia da mão de um provinciano as cartas e poesias que dirigira a D. Cecilia.

— Não ha vingança possivel — disse elle ao successor — Um homem pobre não se vinga.

Nem o rico, digo eu: as Cecílias são invulneraveis.

Sabeis o que se faz ás uvas, convisinhas das estradas, para que os passageiros as não comam?... Ha mulheres

que fazem lembrar essas uvas: mudam em nojo o appetite da vingança.

Ahi fica um capitulo sem sal. A vontade de ser fiel regeitou os enfeites da imaginação.

D. Cecilia lê isto, e eu quero que ella diga consigo :

« O homem é verdadeiro. »



XIV.

A roda da fortuna parou. Eis-me aqui!

SHAKSPEARE (*O rei Lear.*)

Voltemos a Cascaes.

Bernardo da Veiga, nos dias subsequentes á suspeita exaltação do seu amigo, na praia, continuou a desconfiar da saude intellectual d'elle. O barão não desatinava no que dizia; o velho, porém, notara no modo como elle olhava Izaura alguma cousa que lhe redobrava as suspeitas.

Havia no olhar do barão, é verdade, um melancolico espasmo, que fazia tristeza aos outros; não era o suave quebranto de luz que amortece o olhar do amante, ou o arraiar vividò que espalha o vulcão da alma apaixonada :

era um olhar turvado de lagrimas, meigo e compassivo, amoroso, talvez, mas desse amor, ou antes piedade privilegiada d'alguns corações mais sensiveis ás dôres alheias que ao pungir das proprias.

Não se fallou mais da historia de Izaura. Receando despertar, com ella, o accesso febril do barão, fugia de a recordar Bernardo da Veiga, por que talvez alguma analogia de situação desvairasse com excruciantes remorsos a phantasia do amigo.

O barão da Penha despediu-se de Bernardo da Veiga por alguns dias, dizendo que o chamavam negocios a Lisboa, e promettendo voltar a Cascaes com a intenção de prolongar a sua residencia alli, embora a terra na estação invernosa fosse intractavel. Assim dava elle ao velho mais uma suspeita de desmancho de razão.

Ao mesmo tempo, o visconde de Villa-Secca, instado por sua mulher, recolhera a Lisboa para dar o seu primeiro baile, e não perder a recita de abertura do theatro lyrico.

O barão escreveu a Roberto Soares, chamando-o a Lisboa, se a sua familia o dispensasse por algum tempo. A calligraphia desta concisa carta era disfarçada. Constantino receava que Leonor, depois de vinte e cinco annos, tivesse ainda lembrança da letra de seu marido.

Ao segundo dia, o barão da Penha recebeu, na hospedaria, uma carta d'um pai de familia que lhe pedia uma

esmola. O portador era o supplicante. Mandou-o entrar no seu quarto, e viu um homem pobremente trajado, de cabellos brancos, e faces emaciadas pela fome.

Fez-lhe algumas perguntas sobre habilitações que tinha para ser empregado em qualquer cousa. O mendigo disse que fôra mercador de pannos em Braga, e fallira com honra sufficiente para andar mendigando. Maravillhou-se da avultada esmola que recebeu, e com ella a ordem de se vestir modestamente n'um armazem de fato feito, e apparecer na manhã do dia seguinte.

Pontual, como é de crer, o negociante fallido ouviu o que o leitor vai lêr com a sua melhor boa fé, certo de que nunca a empregou em obra tão benemerita.

« O senhor — disse o barão — tem duvida em figurar com um nome supposto, se d'ahi lhe não vier risco nem deshonra ?

— Não, senhor : eu estou ás ordens de v. exc.ª

« Eu prometto collocar-o em posição remediada, se executar habilmente o plano que lhe vou dar. Não me aproveito da sua pobreza para o fazer instrumento de alguma infamia. O senhor vai ajudar-me a castigar um ladrão dos que zombam da justiça, um ladrão ennobrecido pelo dinheiro roubado, em quanto o senhor, honrado na sua pobreza, estende a mão á caridade, e muitas vezes a leva aos olhos para enxugar uma lagrima que o duro desprezo lhe arrancou. . .

— E quantas vezes, snr. barão! . . . — disse o negociante fallido.

« Pois bem. Preste a possível attenção ao que vou dizer-lhe.

O barão ergueu-se, sahio fóra ao corredor a escutar, cerrou a porta da extremidade do corredor, fechou a do seu quarto, e parece que todas estas precauções elle tomou para que nós o não ouvíssemos, leitores.

Não importa. Vamos presenciar outro dialogo, sequencia do mysterio daquelle, e, se formos esportos, lograremos as cautellas do barão.

Alguns dias passados, annunciou-se ao visconde de Villa-Secca um homem chamado Constantino de Abreu e Lima.

A viscondessa reparou na alteração de semblante que este nome fez nas faceiras rubidas de seu marido. Perguntou-lhe quem era este Constantino, e elle respondeu que era filho d'uma pessoa da sua amisade, que morrera, havia muito tempo.

O homem, que será para nós tambem Constantino, foi conduzido a uma sala, onde esperou alguns minutos.

O visconde appareceu, e mandou sentar o homem, que, na mais humilde postura, pescoço acurvado, e braços pendentes, hesitava sentar-se na presença de Antonio José.

« Sente-se, snr. Constantino. O senhor está velho de

todo... — disse o visconde, atirando uma perna por sobre a outra, e cruzando os braços no peito.

— Os trabalhos, e as fomes, snr. visconde... Vinte e tantos annos de amarguras envelhecem assim. V. exc.^a é que está muito conservado, e deve ter mais dez annos que eu...

« Vou vivendo, vou vivendo; mas não faltam trabalhos tambem por cá... Grande nau grande tormenta, diz o ditado.

— Ainda bem que a nau é grande, snr. visconde; mas quem boia sobre uma taboinha á mercê das tempestades, esse é que traz sempre a morte diante dos olhos. V. exc.^a foi muito feliz; mereceu-o a Deus. Quando eu sahi a cumprir sentença de degredo ficava v. exc.^a pobre... não sei se se lembra d'uma carta que lhe escrevi da cadêa, pedindo-lhe que me emprestasse algumas moedas, e v. exc.^a, nessa occasião, soffreu bastante por me não poder valer.

« E' verdade, bem me lembro; depois é que entraram a correr soffrivelmente os meus negocios. Tive um amigo que me emprestou algum dinheirito, metti-me no commercio do vinho, e fui erguendo cabeça com muito trabalho, economia, e alguma fortuna, graças a Deus.

— Graças a Deus tambem eu digo — interrompeu Constantino, franzindo devotamente os beiços, e fechando os olhos com seraphica piedade — Abençoada fortuna é

a sua, que enxuga as lagrimas do pobre filho do desembargador Jeronimo d'Abreu e Lima. Meu pai de certo abençoará do céu a mão generosa que me foi arrancar á penuria tão longe da patria. . . Beijo-lhe as mãos, snr. visconde.

Constantino ergueu-se para tomar a mão do visconde:

« Ora adeus, deixem'o-nos d'isso, snr. Constantino. . . Fiz o que pude e o que sinto é não poder fazer mais.

— O seu nobre coração póde muito mais, snr. visconde. Venho agradecer o favor recebido, e supplicar-outro de que depende a minha subsistencia. O snr. bário da Pennha disse-me que eu acharia em v. exc.^a um amigo caridoso; mas'eu não quero estar sempre a depender da caridade. Posso ainda trabalhar, posto que enfraquecido e acabado; porém, a vontade de ser útil á sociedade, e não importuno aos meus amigos, me dará vigor. Como v. exc.^a sabe, o meu nome tem um labéo vergonhoso; fui condemnado por falsario de documentos, e não cumpri sentença; preciso, para grangear a rehabilitação do meu nome, alcançar; primeiro, a graça do perdão, aliás estou sugeito a ser denunciado, e entregue de novo ás galés de Cabo-Vérde; depois, preciso fazer algumas esmolas aos asylos e hospicios e confrarias para que Deus Nosso Senhor e os homens me descarreguem da obrigação em que estou com as pessoas que offendi, já roubando-as, já escandalizando-as. Feito isto, queria obter uma posição digna do

meu nascimento, valendo-me a protecção poderosa d'um homem tão acreditado como o snr. visconde de Villa-Secca. Nada d'isto se póde fazer sem dinheiro, como v. exc.^a sabe.

« Isso é assim.

— Alguns contos de reis havidos de emprestimo é o que eu venho pedir ao meu protector, na certeza de que peço um credito e não uma esmola.

« E' impossivel servil-o, snr. Constantino — disse o visconde enrugando a testa, n'um tom de zanga impetuosa — Eu não tenho assim contos de reis para dar a quem quer fazer figura. Deixe-se de esmolas aos hospitaes. O senhor o que deve é mudar de nome, para que a justiça o não persiga, e arranjar alguma cousa para ir vivendo; isto é conselho de amigo.

— Não podemos todos mudar de nome — disse a creatura do barão da Penha, sorrindo — V. exc.^a passou desgramente de Antonio José para visconde de Villa-Secca; eu, a mudar de nome, só o faria pelo processo que v. exc.^a empregou. E' justamente a isso que eu quero chegar, podendo; e não se me afigura difficil empreza, porque tenho a meu favor um principio de vida criminosa, torpe, infame, e o mais que v. exc.^a dirá.

« Eu não percebi... — interrompeu o visconde, enfiado, com o queixo debaixo descabido, e os olhos pasmados ão sorriso petulante do interlocutor.

— Percebeu, percebeu, snr. visconde... Não mudo de nome, é o que eu disse; e rogo de novo ao meu nobre amigo que me empreste o dinheiro necessario para me regenerar.

« Já lhe disse que não posso — tornou o visconde, afoitando-se com uma idéa animadora que o soccorreu no momento. — E parece-me que esse seu modo de pedir é muito atrevido. Eu acho que lhe não devo nada... pelo contrario... »

— Sou eu que lhe devo cem mil reis — atalhou o enviado do barão erguendo-se, e abrindo uma carteira — Está pago snr. Antonio.

O visconde recuara, vendo ao pé da cara uma nota de cem mil reis aberta. O interlocutor, ao fechar a carteira, deixára cahir ao chão a nota, e sentara-se.

Neste momento, abriu-se a porta da sala e appareceu o barão da Penha.

O visconde suava, em pé, immovel, com os olhos pregados nos movimentos do homem. O negociante fallido erguera-se. O barão da Penha cortejara o visconde, e apertára a mão do outro, dizendo :

« Veio agradecer a esmola ao seu bemfeitor, snr. Constantino ? »

— Não, senhor, vim pagar o emprestimo de cem mil reis que recebi por via de v. exc.^a Eu estou quite, e o snr. barão tambem o está da fiança, se a deu. Agora, sentar-

me-hei nesta cadeira estofada do meu antigo creado Antonio, e exigirei que elle me escute de pé.

« Fôra de minha casa ! exclamou o visconde.

— Que palavras são essas, snr. Constantino !? disse o barão, simulando o mais bem fingido espanto.

— Este homem que o senhor me metteu em casa quer-me roubar ! — trovejou o visconde.

O adestrado actor ergueu-se, aproximou-se solemne-mente do visconde, e disse-lhe :

« Antonio, não levantes a voz de modo que te ouçam os creados, porque, antes de elles te socorrerem, tenho-te eu arrancado a lingua.

O visconde fitou o barão como quem pede soccorro. Este olhou com sobranceria o insolente hospede, e disse :

« O senhor que exige deste cavalheiro ? Eu tomo a offensa como feita a mim.

— Como v. exc.^a quizer — disse o outro — E, para que a receba completa, hade presenciar o que vou dizer a esse miseravel.

E, sentando-se outra vez, proseguiu :

— Antonio José, meu creado que foste, gosto ainda de ti, quando me recordo que em creança andava ás cavalleiras desse robusto costado, e te picava com um aguilhão para te fazer pinotear ; e tu, pacientissimo villão, para lisongear a minha creanceice, rinchavas, zurravas, e davas saltos e corcovos, com que minha mãe folgava

muito, e meu pai, para remunerar-te das esporadãs que soffrias com cara alegre, dava-te um collete velho. Ainda me lembro disto, Antonio, e parece que te estou vendo a esfregar com o côco o sobrado, e eu a picar-te as pernas nũas. Que felizes tempos! Devem ser saudadas estas recordações da tua primavera, visconde de Villa-Sécca!

Tu eras então um bom creado, Antonio! Quando ias á fonte, os teus collegas admiravam a diligencia com que te apressavas a encher o barril, e ainda me recordo de te vêr com a cara esmurrada, porque, no excesso do teu zelo, quizeras roubar a vez de bica a outro creado.

Tenho ainda outros motivos para que me lembres com saudades, Antonio. Quando eu namorava uma senhora, com quem vim a casar, eras tu o portader das cartas, e não foi sem pena que eu soube de uns ponta-pés que meu pai te deu, quando descobriu scres tu o alcaiete. Tenho só a censurar-te a cobiça com que andaste neste negocio, porque, depois de casado, soube que tu pedias com frequencia á senhora, onde eu te mandava, um patacão para beber uma pinga. Eis aqui um borrão na tua biographia, Antonio José!

E, voltando-se para o barão — continuou:

— Acha v. exc.^a que ha nestas palayras insulto de que deva desforçar o seu amigo!? Isto é louvor e elogio, penso eu. Naturalmente não nos bateremos, acha?

O barão da Penha mal podia já sorver o riso. O ne-

gociente fallido excedera a mais ambiciosa expectativa. Nem o proprio filho do desembargador saberia ferir tão corteira, tão pungente a ironia, o escarneo, o sarcasmo, o ultrage fulminante. O visconde tremia, vermelho, offegante, vertendo suor frio, que lhe coava na cara, em globulos como camarinhas. O pendor do queixo isso não se diz nem se imita. Era uma cousa de fazer compaixão, a compaixão do nojo, sentimento real que se experimenta á vista do infame acovardado, tolhido de corpo e alma, asqueroso até nas visagens que faz debaixo do latego do insulto.

« Sr. Constantino — disse o barão — o meu nobre amigo visconde de Villa-Secca está soffrendo com essas recordações; basta de lembranças que não sei ao que vem nem de que servem.

— De que servem?! — replicou o inexoravel comico — Estas suaves recordações são o introito d'outras que vim arranear á memoria desse infame que ahí está.

Antonio José, tu és um ladrão! Estes tremós, estes sophás, estas alcatifas, essa camisa que vestes, tudo isto é meu, Antonio José! Restitue-me o patrimonio que roubaste a meu pai; restitue-me a minha honra sacrificada á indigencia em que me deixaste; restitue-me a minha liberdade porque eu sou ainda um condemnado a vinte annos de degredo. Dou-te de esmola o que tiveres lucrado em vinte e seis annos com o meu patrimonio; mas dá-me o

capital, Antonio José; dá-me o dinheiro que roubaste a teu amo, ladrão!

O visconde levava as mãos á cabeça, e, cambaleando, dera alguns passos rapidos para sahir da sala. Encontrando de frente o accusador terrivel, deu um brado de soccorro que devia ouvir-se em toda a casa. O barão fizera um signal ao negociante fallido, e este sahira vagarosamente da sala. A viscondessa entrára alvoroçada por outra porta, e achara o marido debatendo-se convulsamente, espumando e barafustando, com os olhos esgaseados, sobre o sophá. Era o segundo ataque de gotta.

« Que é isto, snr. barão? — exclamou a viscondessa?

— Cousas... — respondeu elle.

« Que cousas? ...

— Cousas, minha senhora... Um homem, que d'aqui sabiu, disse palavras desagradaveis ao snr. visconde...

Achavam-se já em redor do convulsionario os creados todos. A viscondessa instava pela explicação. O visconde, tornando a si, procurava entre os circumstantes a catadura tetrica do inimigo.

« Agarrem esse homem! » exclamou elle, fusilando pelos olhos a furia d'um possesso — « agarrem esse homem, que fugiu das galés... »

Os creados olhavam-se uns aos outros espantados. Frenetica e raivosa como seu marido, a viscondessa teimava em querer saber do barão o que o tal homem dissera.

— Eu vou contar-lhe, snr.^a viscondessa, o que o homem disse. Os seus creados podem ouvir tambem.

Assim principiava o barão a satisfazer o anseio da enfurecida senhora, quando o visconde, aproximando-se impetuosamente d'elle, exclamou, pondo-lhe a mão sobre a bôca :

« Não diga, não diga... »

— Porque não, se sua senhora insta ? !

« Deixal-a instar... não é necessario que saiba nada. Vão-sê embora d'aqui. »

Os creados sahiram. O barão seguiu-os depois de fazer votos pelo socego do seu illustre amigo. O visconde veio ao topo da escada pedir-lhe que não contasse nada do que vira.

« Até por decoro da nossa classe — disse o barão — me cumpre calar esta vergônhosa scena. E' preciso que a canalha ignore o que por cá vai entre nós, meu presado collegã. A nossa classe, entre todas, é a que mais precisa de soccorro-mutuo... »



XV.

Cuidais que sam, & nam sam
Homens, que nam vam, nem vem,
Parece que auante vam.

.....
Mente cada passo a espia,
E ás horas do meyo dia
Andais entre o lobo, & o cão.

SÁ DE MIRANDA.

O visconde não era homem de tragar a affronta sem despique.

A idéa subita que lhe acudira, no começo da entrevista com o phantastico filho do desembargador, encareceu-lh'a o medo e o odio, depois do enorme vexame por que acabava de passar na presença do barão. Essa idéa era denunciar á justiça a fuga de Constantino d'Abreu e Lima, condemnado a vinte annos de degredo. Capturado como tal, não seria custoso ao visconde provar a identidade do réo, escondel-o na enxovia do Limoeiro, segregar-o de toda a protecção, e reenvial-o a Cabo-Verde,

segundo a letra expressa do Livro V, e leis vigentes.

Calou-se com este luminoso designio o visconde, e tractou de averiguar a residencia de Constantino.

Na lista dos passageiros vindos do Brazil, nas proximas viagens, não se lia tal nome. Nas partes das hospedarias ás administrações dos bairros tambem não. No governo civil procurou-se em balde o passaporte de tal sujeito.

Sem revelar o seu projecto, velhacamente rebuçado, o visconde quiz tirar do barão a residencia de Constantino. O barão da Penha disse que não tivera a curiosidade de indagar uma cousa inutil, e até inconveniente, por que, á vista do que presenciara, não queria mais relações com o homem petulante de quem tivera dó em Buenos-Ayres, e, por eompaixão, recommendara.

O visconde não era requintadamente parvo. Queria elle saber como o barão combinava a miseria em que vira Constantino no Brazil com a arrogancia insultante delle agora. A isto encolhia os hombros o barão, dizendo que havia cousas inexplicaveis neste mundo de absurdos.

Antonio José, comparando estas e outras respostas com certas phrases do barão, chegara a desconfiar de que este protegia encobertamente Constantino, fosse o motivo qual fosse. Então, penetrado da suspeita, recordou conversações que lhe fizeram móça, e mais ainda na viscondessa, que muitas vezes estranhava o modo ironico e zom-

beteiro do barão, fallando das riquezas e titulos modernos.

Não ia, porém, mais adiante o entendimento de Maria do Rozario posto que muito superior ao de Antonio José. Delimitaram, de commum accordo, as suas cautellas a não fallarem mais de Constantino diante do barão, para que se não malograssem as activas diligencias que a policia fazia na piugada do falsificador de firmas.

O visconde postara espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e saham do hotel dos « Irmãos Unidos. » Esta asneira define satisfactoriamente a policia e o visconde. Fossem lá conhecer Constantino entre quatrocentas pessoas, que entram e sahem diariamente daquelle areopago, onde sempre, e agora-mais que nunca, se cozinha a salvação da patria, em redor d'um lombo de boi assado! Quantas vezes o olheiro suspeitaria ser o forçado fugidiço nada menos que um Cincinnato ou Curcio?

A espionagem, porém, entrara no proprio quarto do barão. Um moço da hospedaria fôra peitado para decorar as feições dos hospedes do barão da Penha. Baldaram-se as tentativas, e o numerario avulso com que o visconde de antemão brindara os beleguins encarregados de extirparem do seio social um cancro tão damninho; tudo inutil por que o negociante-fallido não visitava o barão. Mas, um dia, o visconde, ao voltar d'uma esquina, deu de cara com o seu homem. Atarantou-se, levou machinalmente a mão ao chapéo, e o encontradiço correspondeu á cortezia, fitan-

do-o com o espasmo natural de quem responde ao cumprimento de uma pessoa que não conhece.

— Eu, disse o negociante, penso que já vi o senhor, mas... não me recordo... Tem a bondade de auxiliar a minha memoria?

« Pois o senhor não é o snr. Constantino?! — disse o visconde, parvamente indeciso.

— Lá me pareceu que se enganava; não sou Constantino; chamo-me Bento Pereira Farinho, sou empregado publico, e um creado de v. s.^a a quem desejava ficar conhecendo para o servir.

« Pois o senhor não é o Constantino que esteve ha cousa de tres semanas comigo?

— Eu começo por não saber quem é o cavalheiro teimoso que me chama Constantino.

« Então é o diabo por elle!

— Também não tenho a felicidade de ser o diabo, aliás teria adivinhado se o senhor está a mangar comigo.

« Então perdoará... passe muito bem.

O visconde de Villa-Secca despediu-se; mas o demónio da suspeita não o deixava.

« E' o mesmo tal e qual! — dizia elle consigo — O bregeiro mudou de nome; é o que é. Se perco esta occasião de saber onde elle mora, não o tornarei a pilhar. »

Assim preoccupado, entrou n'uma loja de barbeiro, e offereceu cinco pintos a quem seguisse um homem que

ia cem passos distante, até vêr a casa onde elle entrava. Da aresta da esquina mostrou-o ao lesto-espião, dando-lhe metade da gratificação, e promettendo esperal-o alli para lh'a inteirar.

O snr. Bento Pereira Farinho grangeara no infortunio aquella agudeza de manhoso engenho, qualidade espirital que se afina á maneira que a materia se quebranta e deperece á custa de jejuns. Bastou-lhe a elle relancear os olhos por aquelles que o seguiam na rua para conhecer que um, cosido com as portas, o espionava.

Farinho concebeu uma logração extravagante ao visconde.

Atravessou algumas ruas, reparando a furto na pertinacia do perseguidor; chegou á rua da Patriarchal Qucimada, e entrou no pateo de uma casa apalaçada. Atravez d'uma grade de arame, viu que a espia decorara o numero da porta, e desaparecera rapido. Farinho sahiu, depois, seguindo direcção opposta á do enviado do visconde.

O aprendiz de barbeiro, na embriaguez do seu contentamento, tinha esquecido o numero da porta, quando chegou arquejante á loja onde o esperava o visconde.

— Viste? — exclamou este.

« Foi como um raio! Fui-lhe na piugada até o metter em casa.

— Em que rua?

« Na Patriarchal-Qucimada.

O visconde espantou-se da visinhança, e replicou :

— Que diabo dizes tu ! ? na rua da Patriarchal-Queimada ?

« Sim, senhor.

— Numero ?

« Numero... a fallar-lhe a verdade, esqueceu-me ; mas se v. s.^a quer eu vou mostrar-lhe a casa.

— Então, anda lá adiante de mim, e pára defronte da tal casa.

Caminharam, até que o rapaz parou defronte da casa, que se estremava facilmente das outras, pela grandesa e aceio.

« Aqui ? ! — perguntou o visconde assaralhado.

— Sim, senhor, foi mesmo ahi que elle entrou.

« Tu estás bebado, rapaz !

— Não estou, não, senhor ; palavra de honra, que entrou ahi o tal homem.

O visconde galgou as escadas aos pulos : eram as escadas da sua propria casa ! Tirou a empuxões impetuosos pelo cordão da campainha, e, ao primeiro creado que acudiu, perguntou se o viera alguém procurar.

Ainda a pergunta se communicava aos outros creados, quando um gallego de carretos entregava no pateo uma carta para o visconde, e desaparecia.

O atordoado Antonio José metteu o dedo á obreia, e leu o seguinte :

« Antonio José.

« Tive o desgosto de te não encontrar procurando-te, ha doze minutos. Sei que me procuras, e o fim para que o fazes não póde ser senão com a louvavel intenção de me restituíres um roubo que desfructaste vinte e seis annos. Como não tenho casa digna em que te receba, Antonio José, abstenho-me de dizer-te onde moro, e procurar-te-hei o mais breve que possa para te desopprimir a alma do peso do remorso. *Constantino de Abreu e Lima.* »

« Querem dar cabo de mim! — foi a exclamação do visconde, ao atirar-se a uma cadeira, atemorizando assim a viscondessa com os prognósticos da gotta — Não ha policia nesta terra! — proseguiu elle, batendo palmadas nas pernas. O malvado anda por essas ruas de Lisboa, e eu a gastar dinheiro para o prenderem, e não o agarram!

— Quem, meu Antoninho, quem? — dizia com gosmenta meiguice a viscondessa.

« O ladrão que nos quer roubar o suor do meu rosto, esse homem que veio insultar-me a minha casa. Não ha governo em Portugal! Comem-me o meu dinheiro, e não castigam esse tratante que me veio roubar o meu socego. Manda pôr os cavallos á sege que quero ir fallar com o governador civil, com o ministro do reino, com a rainha, se fôr necessario!

— Não grites assim, filho, que rompes alguma veia!
— atalhou carinhosamente a viscondessa.

« Deixa-me desabafar ! Vou mandar vir os meus filhos para me defenderem destes ladrões. Quero uma guarda á porta da rua, visto que não ha segurança, nem policia em Lisboa.

Deixemos berrar o visconde contra a policia de Lisboa, deixal-o ir ao governador civil, ao ministro do reino, á rainha; e vamos nós a Cascaes, onde temos creaturas que nos desanojem dos tedios em que nos deixa este capitulo de baixo-comico, indigno da estampa, capítulo, porém, dos mais fieis do conto, palavra de romancista.



XVI.

Infelici innocentia est felicitas.

PUBLIUS SYRUS.

Considere agora qualquer de nós
quãtas consolações teriam...

FR. JOÃO DE CEITA. (*Quadragesma.*)

Depois de uma longa conferencia com Bento Pereira Farinho, o barão da Penha estava, outra vez, em Cascaes, hospede, e já não inquilino de Bernardo da Veiga. Fôra Izaura que o obrigara a accitar a hospedagem com adoravel astucia.

O barão chegara adoentado, e recolhera-se á cama da sua modesta casinha, entregando-se ao descuidado tratamento d'um creado. Soube Bernardo da Veiga o quasi desamparo do doente, e convidou-o, para sua casa, com sincero interesse. O barão não aceitou. Sahiu o velho, e voltou com Izaura. Izaura disse ao barão que era a sua en-

*

fermeira, e elle tomou o dito como gracejo. Não era gracejo, não. Izaura ministrava-lhe o remedio, cuidava-lhe dos caldos, aconchegava-lhe a roupa nos frios da febre. O enfermo fitava-a com os olhos rasos de lagrimas, e encarcidamente lhe pedia que não levasse a sua caridade ao extremo de velar as noites sentada n'uma cadeira aos pés do leito.

« Ha um só meio de eu descançar — dizia ella — Faça v. exc.^a a vontade a meu pai ; venha para nossa casa.

Apenas convalescente, o barão da Penha passou para casa de Bernardo da Veiga ; os desvelos de Izaura não foram, com tudo, alternados pelos desvelos d'outra pessoa : era sempre ella a enfermeira do barão.

« O coração deste anjo abrange a felicidade de nós ambos — disse o convalescente ao velho fidalgo — Deixe-a ser minha amiga, snr. Veiga, que eu preciso d'este orvalho de amor na aridez do coração, para me sentir viver de algum sentimento mais nobre que a vingança.

— A vingança ! — interrompeu o velho.

« A vingança é a minha historia ; mas a minha historia só póde ser contada, e julgada depois de concluida. Fujo de que m'a saibam as almas boas para que me não reprovem o plano de vingança em que me regosijo diabolicamente, em que saboreio as voluptuosidades do odio.

— Que estranha linguagem é essa, snr. barão!! — atalhou o velho, receiando o accessa da suspeitosa mania.

— V. exc.^a pratica virtudes que desafinam d'essas doutri-

nas. A vingança é paixão própria das almas pequenas... Hade-me contar a sua vida, quando estiver restabelecido, se eu lhe merecer confiança.

« E' cedo para que me conheça, snr. Bernardo da Veiga. Tenho mulher, que não vi ha vinte e cinco annos, que durante vinte e cinco annos julguei morta, e morto me julgou : pois, meu amigo, dir-lhe-hei que minha mulher ignora ainda que eu vivo, e hade só vêr-me e reconhecer-me depois que eu tenha arrancado do coração o espinho que me não deixaria gosar um instante de socêgo. Tenho um filho, snr. Veiga ; já abracei esse filho, que me não conhece, ouvi-o contar as angustias de sua mãe, durante o meu desterro, ouvi-o fallar de seu pai, como d'um ente desgraçado que morrera herdando-lhe um nome ignominioso ; violentei o coração a apertar-se no peito, e afastei-o de mim para me não denunciar. Comprehede a agonia desta repulsão ? E' que eu temo succumbir às lagrimas de minha mulher. Sei que ella, por amor de Deus e de mim, seria a protectora do verdugo de nós ambos ; sei que a presença de mulher e filho me afrouxariam o braço vingador, e eu, abjecto e sem brios, esqueceria a minha deshonra. Estive vinte e cinco annos sem mulher, nem filho, afiz-me ao horror da solidão moral ; assim viverei mais algum tempo até que possa mostrar-me aos meus sem o ferrete infâmante com que me apartei delles ; esse ferrete, porém, só pôde ser lavado com o sangue d'um homeni...

— Que é isso, barão!? — exclamou Bernardo da Veiga, obrigando o barão suavemente a encostar-se aos travesseiros, porque, gesticulando vertiginosamente, se firmara sobre os joelhos. — Ora vamos... descance... não se agite assim. Se continua, deixo-o sósinho para não ter quem o escute. Quando estiver bom, fallaremos muito na sua vingança. Está prohibido de me dizer mais nada da sua vida.

« E que lhe tenho eu dito da minha vida?... — tornou serenamente o barão — Nada; quasi nada; mas esse pouco era mister dizel-o para que o meu amigo não julgue tendencias a loucura o que desgraçadamente é peor, muito peor... Principiei a fallar neste anjo com tanta doçura — proseguiu o barão, fitando Izaura que vinha entrando no quarto — e logo o fel das más paixões me azedou as palavras...

— Fallavam em mim? — disse Izaura com graça e meiguice — que diziam? que eu sou boa enfermeira?... Então, não respondem? O pai está triste, e o snr. barão tem olhos de chorar! Que foi?

« Nada foi, menfina. Fui eu que pedi a seu pai um bocadinho do seu coração; queria que tambem fosse minha filha...

— Pois sim — tornou ella sorrindo em toda a ingenuidade de sua innocencia — Quero tambem ser sua filha. São dous pais que me adoptam, sim?

Este colloquio, suavemente triste, foi interrompido pelo escudeiro, annunciando um sугeito de Lisboa, que desejava fallar ao fidalgo.

Bernardo da Veiga encontrou na ante-sala um homem desconhecido.

« Não me lembro de ter visto o senhor... — disse elle.

— De certo não: eu tambem não conhecia pessoalmente v. exc.^a O meu nome é obscuro, mas ainda assim di-lo-hei para v. exc.^a me inscrever no numero dos seus creados. Chamo-me Bento Pereira Farinho. A commissão, porém, que venho desempenhar é de alguma importancia como v. exc.^a vai saber.

Farinho abriu uma carteira, e proseguiu, revezando a vista em Bernardo da Veiga e n'uma lauda da carteira, escripta a lapis:

— Conheceu v. exc.^a Pedro Leite de Mendonça, juiz-de-fóra que foi de Cascaes ha vinte e seis annos?

« Conheci — disse Bernardo da Veiga, mudando instantaneamente de semblante prasenteiro para carrancudo.

— Em casa de v. exc.^a estava nessa época uma orphã, chamada Isabel, filha d'um militar que morreu na batalha do Vimieiro.

« Exactamente.

— Essa menina fugiu com Pedro Leite de Mendonça para o Porto, onde ficou, por morte delle, com uma me-

nina chamada Izaura. São exactos os meus apontamentos, snr. Veiga?

« São, sim, senhor.

— A menina ficou universal herdeira de seu pai; mas appareceu um outro testamento que a desherdava.

« Um testamento falso.

— Certamente um testamento falso. Sabe v. exc.^a a totalidade da herança roubada a essa menina?

« Avaliavam-na em cincoenta mil cruzados.

— Existe essa menina chamada Izaura?

« Está comigo.

— Terá v. exc.^a a bondade de lhe annunciar que se acham depositados em mão d'um capitalista, residente em Lisboa, cem mil cruzados, herança paterna, com o juro legal de vinte e seis annos pouco mais ou menos.

« Como?! — exclamou o velho.

— E' restituído um roubo á filha de Pedro Leite.

« Restituído! por quem? pelos parentes de Pedro Leite?

— Não, senhor; pelo falsificador do testamento, pelo homem a quem os herdeiros pagaram a habilidade de imitar a assignatura do testador, do tabellião, e das testemunhas.

« E esse homem está hoje nas circumstancias. . .

— De restituír? a prova é que restitué.

« E é possível saber-se o nome desse homem tão digno de que a sociedade o rehabilite?

— A sociedade não reabilita, nem inhabilita, snr. Veiga. O cavalheiro, que restitue um roubo de que elle foi mero instrumento, geme sob o peso da condemnação social, e, todavia, não quer regenerar-se pela absolvição della. Se se reabilita, da consciencia e para a consciencia o faz. Resta-me dar a v. exc.^a a carta, ou ordem, com que deve apresentar-se em Lisboa ao capitalista em cujo poder está o patrimonio da snr.^a D. Izaura. Eil-a aqui.

Bernardo da Veiga recebeu a carta, e, ao lêr o nome, fez um tregeito de espanto, infirmando-se de novo.

« E' impossivel — murmurava elle — é cu que não vejo bem, e não tenho os meus oculos aqui.

— Eu leio, se v. exc.^a quer — disse Farinho.

« Faz favor ?

— *Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. barão da Penha, residente no Hotel dos Dous Irmãos-Unidos, praça do Rocio — Lisboa.*

« Este cavalheiro está em minha casa ! — tornou o fidalgo, cravando em Farinho os olhos espantados.

— E' notavel a coincidencia ! Nesse caso, queira v. exc.^a apresentar-lhe essa carta para eu levar ao meu constituinte á certeza de que foi aceito o encargo.

« Quer v. s.^a entrar comigo ao quarto onde elle está ?...

— Promptamente.

« Isto parece-me um disparate ! Pois elle está em minha casa, sabe que este dinheiro está em seu poder, sabe que a menina herdeira está comigo, e não me diz nada ?

— São reparos bem postos, snr. Bernardo da Veiga ; mas só o exc.^{ma} barão poderá desvanecel-os. Eu recebi esta commissão de pessoa, que não me deu mais explicações que os apontamentos de que fiz uso.

Tinham entrado no quarto do barão. Izaura estava, ao pé do leito, coroando uma jarra de camelias. O doente, sentado, parecia entretido a examinar as petalas avelludadas d'uma roza.

Farinho cortejou Izaura, e depois o barão, que lhe correspondeu ceremoniosamente como a pessoa estranha.

Izaura ia retirar-se, e Bernardo da Veiga disse-lhe que não sahisse.

« Minha filha — continuou elle — este senhor traz de Lisboa esta carta, que eu te entrego, para tu a entregares á pessoa para quem vem. Izaura leu o sobrescripto, e entregou-a. O barão abriu, e leu em voz alta :

« *Seará 12 de Julho de 1850.*

« *Meu amigo.*

« *Á pessoa que te entregar esta carta darás cem mil cruzados, que lançarás em minha conta, não reparando na simplicidade da ordem, porque todós os pre-
« vios esclarecimentos terão sido tomados, de modo que
« não deva haver duvida na entrega.*

« *Teu de todo o coração*

« *Constantino de Abreu e Lima. »*

— Alli tem v. exc.^a a razão — disse Farinho a Bernardo da Veiga — porque o snr. barão lhe não disse que era o depositario de tal dinheiro, ainda agora sabe que o é.

« E pago a ordem quando a snr.^a D. Izaura quizer — disse o barão.

— Está cumprido o meu mandato — tornou Farinho — Retiro-me já, e recebo as ordens de v. exc.^{aa}

O barão cortejou segunda vez com o mesmo ar de ceremoniosa gravidade o snr. Farinho, que sahio, recusando os hospedeiros offerecimentos do fidalgo.

— Que impressão te faz isto, Izaura? — disse Bernardo da Veiga.

« O que, meu pai?

— A restituição do teu patrimonio dobrado do que era, pois não entendeste, filha?

« Entendi; mas... a impressão que me faz não merece notar-se. Eu não me sinto mais triste nem mais alegre. Se o pai me disser que o meu patrimonio lhe serve de alguma cousa, então estimo a noticia; se não, que me importa a mim o dinheiro?

« Mas se te eu disser — replicou o velho — que a restituição do teu patrimonio te é feita pela pessoa que o não roubou?

— Isso é original! — acudiu o barão.

« Quem restitue é o individuo que falsificou o testamento, e não os falsos herdeiros.

— Entendo que é justa a restituição. Sem os serviços do falsificador não se perpetraria o crime; — disse o barão.

« Mas que nome se hade dar a este homem ?

— Ladrão constricto.

« Não diga isso, snr. barão — atalhou Izaura — essa palavra é cruel na sua bôca; e seria da nossa parte feia ingratidão consentir que se injuriasse assim um sentimento bom. Eu antes quereria toda a minha vida ser pobre, se este dinheiro hade vir ser causa de se recordar um crime, do qual o menos culpado foi o infeliz que hoje se purifica. Eu perdoar-lhe-hia sem a restituição, porque me não véio da falta de riqueza algum mal. Se minha mãe soffreu fomes, a santinha está no céo, e perdoou já. Eu tenho sido sempre feliz com o meu pai, e Deus sabe se a pessoa, que me manda este dinheiro, trabalhou toda a sua vida para restituir o que não me tirou. Olhe, meu pai, votu-lhe pedir com todo o meu coração um favor. . .

— Diz, menina.

« Não queira esse dinheiro, tornem-no a mandar ao homem, e digam-lhe que eu sou tão feliz que regeitei uma cousa que me não serve de nada. Faça-me isto, sim ?

Bernardo da Veiga pozera os olhos no barão, como se lhe perguntasse: « Deverei eu fazer o que ella diz? » O barão, desviando a custo os olhos lacrimosos de sobre o rosto angelico de Izaura, disse a Bernardo da Veiga :

« Meu bom amigo, deixemos fallar o anjo as suas

palavras do céo ; mas a nós, homens do mundo, incumbe dirigir-lhe os passos. Se o homem que me ordena a entrega deste dinheiro é o que assigna a carta, posso affirmar que elle é rico, muito rico, para poder sentir a falta desta parcella. Eu continuo a ser o depositário do patrimonio da minha enfermeirinha.

∞

XVII.

Quem das lições do tempo, e da ventura
Não aprende, que o bem todo é mudança,
E só méta da vida a sepultura?

FR. ANTONIO DAS CHAGAS (*Elegia I.*)

L'ange de la mort vient de passer. Ha
cuelli l'âme du juste en passant.

EUGÈNE PELLETAN (*Profession de foi.*)

Parecia rejuvenescer de contentamento o bom do velho fidalgo de Cascaes.

Queria elle que todos celebrassem a boa fortuna de Izaura, com graças a Deus, e louvores continuos ao honrado homem que tão liberalmente segurara o futuro da orphã.

Zangava-se puerilmente da indifferença de Izaura, dizendo que era mais soberba que outra cousa desconhecer ella o valor dos fartos meios que a Providencia lhe deparrara.

Se o barão não dizia com elle elogios a Constantino,

ahi estava logo o velho accusando a insensibilidade da nova geração, avantajando-se com os seus oitenta e quatro annos para reprehender os quarenta e nove do hospede.

Aquelles oito dias seguidos á visita de Farinho foram de festa mais para os pobres de Cascaes que para o solar dos Veigas. De escadas acima, notou o barão uma só novidade: era o vestido novo do velho escudeiro; mas no pateo do palacio é que estava a differença; a pobreza, que pouco e pouco se afastára, viera de novo; os filhos dos pescadores, os velhos, e as viúvas apinhavam-se em redor do mordomo, dizendo-lhe que a menina os chamava da janella. Bernardo da Veiga folgava com a caridade de Izaura, e dizia-lhe sorrindo que não se esquecesse de que o seu patrimonio estava ainda por mãos alheias, e bom seria não espalhar os recursos certos. O barão, porém, afervorava a caridade da sua enfermeira, dando-lhe dinheiro, e nomeando-a sua esmoler-mór, com o que todos riam, e faziam sorrir as viúvas, os velhos, e os orphãosinhos, quasi nús, dos pescadores mortos no mar.

O barão convalescera, e pedira a Bernardo da Veiga irem todos passar o inverno a Lisboa. Izaura affeição-se tão filialmente ao hospede que o só temor da separação por muito tempo a animou a vencer a resistencia do velho, que fizera em 1833 juramento de não tornar á côrte.

Estava aprasado o dia da partida. Dous dias antes, porém, Bernardo da Veiga ergueu-se tarde, contra os seus

habitos mádrugadores, e queixou-se de mal-estar, e profunda melancolia. Acudiram logo os carinhos e chistes de Izaura, mas a tristeza do velho, pela primeira vez, estava sendo indocil á magia d'um sorriso della. O barão discorria sobre assumptos graves para o acordar do torpor moral: inutil tudo. O velho, pendendo a veneranda fronte para o peito, mostrava soffrer com os desvelos de ambos.

Entrou uma suspeita injusta no espirito do hospede. « Receará elle — dizia o barão comsigo — que eu me senhoreie do coração de Izaura? São dolorosos os ciumes d'um pai, que subiu com o seu amor até ao fanatismo intolerante. E não ha pai que ame tanto como este velho ama Izaura. »

Se Bernardo da Veiga adivinhasse o intimo pensar do barão, não diria resposta mais ajustada á suspeita injusta:

— Meu amigo — disse elle na ausencia de Izaura — Eu tenho oitenta e quatro annos. Esta melancolia é o aviso da morte que chega.

« Que idéa, snr. Veiga! Por quem é, seja superior a esse medo. . . »

— E eu disse-lhe que era medo isto?! — tornou, sorrindo, o velho — Medo, não, meu amigo. Saudade póde ser, porque a melhor época da minha vida foi a velhice, deu-m'a Izaura, acarinhou-me ao seio como quem afaga uma criança, . . . e custa-me deixal-a, custa-me muito, porque viviamos um do outro; ella encostava-se á este arrimo

quasi partido, e eu parece que ao pé della sentia desgelar-se o sangue, e reverdecer o coração. . .

O velho chorava, e soluçava, o barão, querendo consolar, denunciava a commoção no tremor da voz, incitando com isso maior abalo no animo do velho. O que fizeram foi apertarem-se com estremecida sympathia as mãos; e assim permaneciam, mudos e como assombrados, quando voltou Izaura.

« Choravam?! — exclamou ella — que foi, meu pai? que foi, snr. barão?

— Melancolias de velhos. . . — disse o hospede — Horas escuras da vida, em que tudo nos avulta sombrio e triste. Este respirar de lagrimas é preciso, depois que a felicidade nos enche a alma. E' assim tudo, menina. Temos tido dias de muita paz e alegria; nós, os velhos, pagamos agora, e v. exc.^a pagará mais tarde. . .

« Não lhe diga isso, coitadinha! — atalhou Bernardo, pondo nella os olhos enternecidos.

— Mas então. . . isso hade durar muito assim? — tornou ella com alegre semblante.

« Pergunte-o a seu pai que me fez tambem triste. . . — disse o barão, forçando o riso.

— Meu pai! venha comigo, venham ambos vêr os arranjos da nossa partida. Quer que eu ponha no bahú toda a sua roupa? Aquellas casacas de sêda não vão, não? Tomára eu vêr o meu papá com os calções de setim escar-

late, e a casaca amarella de portinholas! E' verdade... as suas tres commendas vão?

Bernardo da Veiga tomou a mão de Izaura, levou-a ao coração, e murmurou, suffocado:

« O mal é verdadeiro, filha. Vou-me deitar...

— Deitar! — exclamaram Izaura e o barão.

« Deitar, sim; parece que já não tenho pernas, nem braços. Começa a doer-me muito a cabeça, e sinto náuseas do estomago. A minha tristeza é doença, meus amigos. E' um protesto da morte contra os meus oitenta e quatro annos.

A' palavra morte, Izaura soltou um ai vibrante, um grito de surpresa, que a deixou pallida, branca, e esvaecida.. Dir-se-hia que nunca o susto de perder o velho a salteara; que era essa a primeira vez que a idéa estranha da morte lhe vinha disputar a vida do seu amigo.

A vertigem de Izaura espertou o velho. Ergueu-se da cadeira a tomar-a dos braços do barão, em cujo hombro encostára a face. Izaura sentiu-o, e lançou-lhe os braços ao pescoço. O barão amparava-os, porque as pernas de Bernardo vacillavam sob o phrenetico abraço de ambos.

Muitas lagrimas alli correram, e com ellas sahiu dos corações a alegria que os embriagava, momentos antes.

O facultativo da villa, e medicos de Lisboa rodearam o leito de Bernardo da Veiga. De mais longe ainda correram os parentes successores do vinculo; avisados por

peessoa prevenida, e esses fitavam Izaura e o barão com ar de desconfiança. O doente, quando os viu, disse-lhes :

« Podeis recolher a vossas casas, meus sobrinhos, que não ha aqui quem vos usúrpe uma rodilha da herança. Aquella é a minha Izaura, a quem deixo o coração ; a vós lego-vos a terra ; a que eu preciso são oito palmos que não serão medidos em chão vosso. Deixai-me, pois ; ide, e voltareis a erguer estes lençoes ainda quentes do meu cadaver.

Os sobrinhos vexados não ousaram responder. Sahiram de Cascaes para Cintra, esperando ahi a noticia do trespasse.

Entretanto a medicina dava esperanças ás perguntas afflictivas de Izaura ; não as dava, porém, ao barão da Penha.

Subia de ponto a angustia deste homem tendo de consolar a atribulada menina com a quasi certeza de que era infallivel a desgraça !

Bernardo conhecera a morte, desde a turbção de tristeza que o surprehendera. Aquellas compungidas saudades da vida converteram-se, depois, em aspirações para a eternidade. A mão da Providencia conduzira-lhe á cabeceira do leito o anjo da resignação : que a paciencia do enfermo é a certeza da morte. Os temores e os horrores do fim acabam quando a aurora do dia eterno luz os primeiros fulgores no semblante do justo em agonias. Esse

esquecimento da vida, ainda aos mais amantes e favorecidos d'ella, é obra de Deus.

Sereno e conformado, quando as ancias acalmavam, Bernardo da Veiga conversava com sua sobrinha no termo proximo da longa existencia delle, promettendo-lhe guial-a em espirito, porque havia de pedir ao Senhor, pelos merecimentos della, que o deixasse ser seu pai, até se reatarem, na eternidade, as almas separadas por fugitivos momentos.

Uma vez, chamando para ao pé de si e della o barão da Penha, disse o enfermo :

« Snr. barão, eu entrego-lhe a minha Izaura, mas havemos de ser ambos os seus directores, em quanto os meus conselhos forem bem acertados para a ventura deste anjo.

Izaura, suffocada por soluços, fugira de ao pé do leito. Bernardo da Veiga, socegado e calmo, continuou :

« Eu andei esquecido de que havia de morrer. Nunca pensei maduramente para onde iria esta senhora, logo que eu fechasse os olhos. Tencionava, á hora da morte, chamar os meus herdeiros, e pedir-lhes uma mesada para a sustentação della n'um convento. Agora, não o faço, que ella não precisa ; e, se precisasse, parece-me que pediria essa esmola a um estranho, e esse estranho... seria o barão da Penha... Acertaria eu, meu amigo ?

— Oh senhor ! — murmurou o interlocutor, tomando-lhe a mão, e levando-a aos beiços.

« Não me enganava, bem o sei. Agora, o que lhe digo é que a dirija. Pediu-me um bocadinho do coração de Izaura, lembra-se? Não pôde ser d'outro o coração dessa creatura que o céo me emprestou. Se v. exc.^a fosse solteiro, dir-lhe-hia : « seja seu marido e pai. » Assim, seja o que pôde ser, verdadeiro pai... case-a com seu filho... Verá... verá que leva á sua familia o condão da felicidade domestica, o anjo da paz, o conforto da sua velhice como o foi da minha... Responda-me alguma cousa, barão... Parece-lhe extravagante o meu pedido?

— Extravagante, não; mas poderá meu filho fazer a felicidade de Izaura? Não sei, não ó conheço, senão de dias; não o vi nascer, encontrei-o homem de vinte e cinco annos, e ignorava a sua existencia. Estudal-os-hei, examinarei as sensações d'ambos ao avisinhal-os, e, se meu filho fôr digno della, será seu marido; e, se não fôr, ella continuará a ser minha filha.

« Não posso exigir mais nada, meu amigo. Entregolh'a desde já... Vá procural-a, que ella sahiu chorando. Anime-a, engane-a, e afaste-a deste leito, quando vir que a ultima hora está perto.

O barão foi sublime em confortos. O enfermo respondia sempre :

— Conforte-a a ella... a mim não, que não preciso.

Recrudescia a molestia d'hora a hora. A medicina ra-

ras vezes tivera evasiva tão segura para desculpar-se: a doença eram oitenta e quatro annos; e o mais habil dos assistentes dizia que não mortificassem o enfermo com medicamentos inuteis.

Bernardo da Veiga pediu os Sacramentos, e recebeu-os com alegria e fervor. D'um quarto remoto sabiam, durante esse acto, gritos penetrantes. Era o gemer de Izaura, que, na vertigem da febre, se debatia entre os braços do barão, querendo correr ao quarto do muribundo.

Consummados os extremos soccorros da religião, Izaura entrou no quarto, encostada ao braço do barão. Ia serena. Foi ajoelhar-se ao pé do leito. O enfermo abriu os olhos, vira Izaura; estenderá-lhe a mão descarnada, e dissera :

« Estou bem ; a morte só assusta os vivos. Não chores, filha... Vou agora ; tu irás amanhã.

E cerrou as palpebras, tingidas de roixo ; cruzou as mãos sobre o seio, e murmurou palavras inintelligiveis.

Izaura orava. O barão fincara os cotovellos aos pés do leito, e escondera o rosto entre as mãos. Soou o toque das Ave-Marias. Bernardo da Veiga disse :

« O anjo do Senhor annunciou... »

O barão ergueu-se, ergueram-se-lhe tambem os cabellos em fervor religioso, e pôz as mãos. Izaura já não orava ; cahira com a face sobre a borda do leito, gemendo convulsamente. O muribundo pôz-lhe a mão no hombro,

e inclinou a cabeça sobre o hombro esquerdo para contemplal-a.

Moveu os labios ; mas a mudez da morte começara por elles, quando o coração fallava ainda.

O barão aproximou-se. Bernardo fitou-o com olhos torvos e quasi apagados já ; delle, desceu-os sobre Izaura : era a derradeira expressão, a derradeira supplica, a favor della. O barão comprehendeu-o, e disse, soluçando :

« Sim, sim. »

Ao longo da face direita do agonisante escorregava uma lagrima. Iam apagados n'ella os ultimos raios luminosos daquella vida. Houve um tremor de instantes no leito.

Entrava então o padre, para ajudar a bem morrer quem vivera sempre bem.

— Não ha aqui um crucifixo? — disse elle com solemne espanto.

« Tem-o elle na alma — disse o barão.

O padre abriu o ritual, e principiou a recitar, sem unção nem magestade, palavras decoradas.

— Póde calar-se que elle já o não ouve—disse o barão.

Izaura ergueu-se d'um impeto, com as mãos travadas nos cabellos que lhe cahiam soltos sobre as espaduas, e, clamou :

« Levai-me tambem, meu Deus! »

Ao cahir, como fulminada, receberam-na os braços do barão.

XVIII.

Amamos cousas boas, porém d'amer
mal intencionado.

S. AGOSTINHO.

E' defeito e torpeza não saber amar.

S. JOÃO CUMISOSTOMO.

O amor da formosura é um esqueci-
mento da razão.

S. JERONIMO.

São santos de mão cheia os tres santos das epigraphes.

Não sei qual delles dá margem a discursar mais enco-
miasticamente do amor.

Eu creio em todos os santos e santas da côrte do céu,
como todo o fiel catholico, desde o bispo de Roma até ao
sacristão da minha freguezia ; mas, se não ha heresia nis-
to, direi que, nas legiões luminosas das almas bemaven-
turadas, sobreluzem-me os tres santos que citei com mais
devoção, e com mais critica, se me toleram a immodestia,
que um pregador alfarrabista.

O dito de Santo Agostinho é de um homem experimen-

tado, antes de ser santo. As *confissões* do bispo de Hiponna são livro classico em cousas do coração humano. Este santo, e o diabolico João Jacques Rousseau são os meus praxistas de maior conta, no secreto da alma. *Amamos cousas boas, porém d'amor mal intencionado*. O santo reprova a intenção ruim do amor; mas ás cousas amáveis chama elle boas. O intento maligno, porém, não apouca o valor do objecto amado: saber amar com pureza d'alma o que as intenções impuras damnam e abaixam, é o amor encomiado por Santo Agostinho. Atido a opinião tão grada, eu, humilimo peccador, afoito-me a dizer que o amor das poucas cousas boas deste mundo é o supremo attributo da racionalidade.

Mas... *o amor da formosura é um esquecimento da razão*, diz S. Jeronimo.

Aqui é que eu queria vêr como os dous doutores da igreja se avinham! As *cousas boas* de Santo Agostinho são precisamente a *formosura* de S. Jeronimo, por que, neste planeta, cousa boa ha uma só: é a formosura. Ora, meu devoto padre S. Jeronimo, se o amor da formosura tolhe as faculdades intellectuaes, este mundo é um hospital de doidos, e eu pendia ha muito para têl-o nessa conta, sem poder de golpe apontar a causa desta universal demencia em que doudejamos todos.

Valha-nos, porém, no ultimo juizo, a desculpa que nos tribunaes da terra absolve os loucos, irresponsaveis de

acções onde o arbitrio não governa. E, se a humanidade fôr indeferida em sua justificação de loucura, resta-lhe ainda o patronato de S. João Chrisostomo, que disse : *E' defeito e torpeza não saber amar.*

Isto é que é ser santo em Deus sem desatar os liames que mutuam as affeições humanas. Não se ala a mais alto engrandecimento o panegyrico do amor ! Defeituoso e torpe é o que não sabe amar ; o mesmo é dizer aleijado e asqueroso o coração que não ama. Fica sendo S. João Chrisostomo o meu santo particular ; respeito muito mas não adopto a doutrina de S. Jeronimo ; e, finalmente, faço votos por que as intenções amorosas dos meus leitores sejam sempre honestas e limpas como as approva Santo Agostinho, admirador das cousas boas.

Limpas e honestas eram as intenções de Roberto Soares...

Quaes intenções de Roberto Soares ? — pergunta o judicioso leitor, franzindo o sobr'olho, onde eu descubro gosto, e não vulgar intelligencia de romances bons. E' justa a zanga, e não me heide queixar se a mão que folhea este livro o lançar de si com enjoamento. Eu faço isso a muitos livros, e nesse ponto, sou horaciano puro :

... *hanc veniam petimusque damusque vicissim,*

... mormente, se imbeco em citações latinas, e outras que

taes mexurufadas de erudição, que esfriam o anseio de lêr a novella, sem paragens enfadonhas.

Isso é assim ; vou emendar-me, e pedir aos tres santos, a cujo respeito discorri mirificas observações, me alcancem a indulgencia de que se faz credora a minha humildade, e a attenção que pedem os escriptos desta marca.

Ora, pois.

Decorridos oito dias, apoz o trespasse de Bernardo da Veiga, sahiram de Cascaes para Lisboa o barão da Penha e Izaura. Esse espaço fôra preciso á inconsolavel senhora para se refazer de animo, a cada instante quebrantado por desmaios, torrentes de lagrimas, e exclamações. Estas eram umas vezes maviosas como se o espirito do finado amigo lh'as animasse com promessas de voltar ao mundo ; outras vezes, enfurecidas como se o anjo impio do desespero lhe coasse na alma as furias da descrença n'outra vida melhor.

Muito pôde então a palavra paternal do barão, cujo alto espirito se envidava em tudo que era conforto de unção religiosa, por que os gelos da paciencia philosophica azedariam mais a saudade da singela menina.

Izaura apeou á porta de uma família distincta de Lisboa, já prevenida para recebê-la. Rodearam-na quatro meninas, e a mãe destas ; quizeram enxugar-lhe as lagrimas com mil carinhos estereis, e cuidaram em divertir-lhe o espirito do doloroso recolhimento.

Izaura, a cada instante, perguntava pelo barão; ao longinquo rumor de passos soffreava o respiro para escutar.

« Será elle? perguntava ella ás senhoras com infantil candura — Por quem são, mandem-n'o chamar; façam-me este bem — continuava ella, desenganada da sua esperança.

O barão viera algumas horas depois, e disse a Izaura:

« Está tudo prompto; quando a menina quizer entrar no convento. . .

— Hoje, se o meu amigo quizer.

« Já hoje?! exclamaram as senhoras.

— Pediu-me ella esta pressa — disse o barão — e eu não lhe recuso o que lhe julgo necessario. Esta menina — proseguiu elle de modo que o não ouvisse Izaura — não cede a consolações ordinarias; precisa consolar-se sósinha á custa de consumir a saudade em lagrimas; é profundamente religiosa, e o convento dar-lhe-ha o remanso da oração, que é o desafogar-se mais grato da alma.

Alguna das maravillhadas senhoras disse, lá no seu illustrado interior, que Izaura era idiota. Outra notou-lhe grosseria; e um como desprezo pelos carinhos que lhe fizeram. Outra, mordida em chaga aberta por ciume, dizia ás irmãs que o barão a recolhia no convento para a esconder dos rivaes menores de cincoenta annos. A mãe destas virgens, virgem tambem, penso eu, para todas serem vir-

gens, dizia que havia de informar-se da natureza das relações que ligavam o barão á dolorida menina; e, se as informações fossem desairosas, havia dizer-lhe a elle que a sua casa não hospedava virtudes equivocadas. Respeitavel familia a todos os respeitos!

Recolhida ao convento Izaura, e confiada ao amor sem denguiços da veneranda prelada, o barão da Penha entrou nos « Dous Amigos » onde era esperado, havia dez dias, de Roberto Soares.

O filho de Leonor queria dar miudas contas do que fizera em bem de sua familia, e, obedecendo ás instancias dos seus, tentara em vão beijar as mãos do bemfeitor.

O barão ouviu-o com semblante alegre. Interessavam-no as miudezas daquella methamorphose. Queria saber se os medicos julgavam curavel a paralyisia de Leonor. Se o cego tio de Soares queria ir a França consultar os oculistas celebres. Se Elena era uma amiga bem extremosa da irmã. Se a alegria entrára com a abundancia no coração desopprimido de todos. Se Leonor estava anciosa por vêr o homem que tivera o prazer de beneficial-a.

Estas horas de expansão e contentamento correram ligeiras.

O aspecto do barão demudou-se em triste e contemplativo. Estranhou-o Roberto Soares, que nunca assim o vira.

— Está soffrendo, snr. barão? — disse o filho de Leonor no tom verdadeiro da amisade.

« Estou soffrendo, sim... Eu soffro agora, e logo, e sempre.

— Com motivo?

« Sim, com motivo; eu não soffro de imaginação, snr. Soares... Tem pena de mim?

— Tenho pena de mim, por não poder dar-lhe allivio...

« Obrigado, meu amigo; o allivio dos meus pezares depende de mim só. E' preciso depurar este coração de muito veneno que lá ha; hade-me ser muito dolorosa a cura, mas tenho animo bastante para tental-a.

Já que estamos em assumptos tristes — proseguiu o barão — dir-lhe-hei que tenho uma filha adoptiva.

— Uma filha adoptiva?! Deve ser um anjo, e um anjo sem risco neste mundo, com protecção tão efficaz.

« Foi-me legada por um amigo a cuja morte assisti em Cascaes; este recebera-a d'uma desgraçada que lhe morreu em casa; sem ter pai, a orphanzinha mereceu dous pais á Providencia. Trouxe-a comigo, e fil-a entrar n'um convento. A'manhã vou vêl-a, e Roberto, se quer conhecer a minha filha, irá comigo. Verá que não errou o palpite, denominando-a anjo. Anjos ehamam os senhores poetas a todas as mulheres; o meu amigo me dirá depois que nome a estafada musa hade inventar para a minha Izaura.

— Chama-se Izaura?

« E' um nome oriental, não é ?

— Não é vulgar.

« Aposto eu que a sua imaginação está namorada do nome ?

— Estou-a amando, não de phantasia, mas de coração, meu amigo, e meu pai. . . deixe-me também dar-lhe este nome, por que minha mãe me rogou muito que o chamasse meu pai, e a v. exc.^a supplicou a graça de me aceitar como filho. . . Estou amando Izaura, dizia eu, como amaria uma filha do bemfeitor da minha familia. Não posso pintar-lhe com outras palavras a affeição que sinto a essa menina, que mereceu a sua estima.

O barão apertou ao seio Roberto Soares, e disse :

« Pois sim, sejam ambos meus filhos, já que nenhum pôde proferir o nome do verdadeiro pai. Faz-me dó a situação de ambos ! Ella, se a caridade lhe não dêsse um pai, poderia lembrar-se do que a natureza lhe dera como de um progenitor do seu infortunio ; o snr. Roberto, se se recorda de seu pai, deve sentir o calor da vergonha na face :

— Não sinto, snr. barão — disse Soares com altivez.

« Não sente ! ? Esse orgulho é cynico ! Pois seu pai não foi um desses homens que a sociedade repelle de si ?

— Já contei a historia de meu pai a v. exc.^a A sociedade foi quem o perdeu, quem o convidou á infamia, para o repellir depois. Meu pai não foi mau, foi desgraçado. A

justiça condemnou-o, elle foi cumprir sentença; creio, senhor, que se elle viesse hoje á patria, teria nojo de apertar a mão a alguns poderosos e nobres que não foram ainda, nem já agora irão, cumprir vinte annos de trabalhos para os presidios de Africa. Perdoe-me v. exc.^a o azedume destas palavras. . . O snr. barão, sem querer, rasgou uma ferida que os meus proprios inimigos tem respeitado.

O barão lançou-se impetuosamente aos braços de Roberto Soares, exclamando com as lagrimas duas a duas na face :

« Perdôe-me, que eu amo-o como se fosse meu filho, e um pai tem liberdades que um bom filho perdôa.

A delonga de semelhante situação destruiria os planos de Constantino de Abreu e Lima. Por mais de uma vez, conteve elle o grito do coração que se convertia nos labios em palavras de ternura. O barão, receando succumbir, pretextou a necessidade de descanso, pactuando a visita a Izaura, no dia seguinte.

Lembre-mo-nos de que a filha adoptiva de Bernardo da Veiga não sabia que o barão da Penha tinha um filho. O velho ouvira a revelação fugitiva do hospede; mas guardou-a em si, para não despertar a curiosidade de Izaura, a quem essa revelação faria pensar cousas inconvenientes á sua innocencia. O que se dissera á cabeceira do leito do enfermo, ácerca da perspectiva d'um casamento, ignorava-o ella, e, ignorando-o, entrou no mosteiro.

Viu depois, um moço de agradável figura ao pé do barão, que o denominava seu filho adoptivo, e lh'o offerencia como irmão. Respondeu com o rubor, e o sorriso mavioso da sympathia.

Animada com a familiaridade de algumas horas, perguntou-lhe por que não fôra visitar o seu amigo a Cascaes, e ao barão por que não fallava naquelle seu amigo. As innocentes perguntas enleavam a astucia do titular, e faziam-no soccorrer-se de evasivas que davam muito que scismar a Izaura.

Mas esse muito scismar seria todo nas evasivas do barão?

E' o que vai inferir-se do seguinte capitulo, com tanto que o leitor não olvide o que diz S. Chrisostomo, S. Jeronimo, e S. Agostinho ácerca do amor.

Assim, pois, me ajudem os tres bemaventurados pilares da eterna verdade a sahir-me com luzimento de tão aspera tarefa, qual é esboçar amores dos que trazem do céo predestinação. Se as reminiscencias me não valem do que ouvi e vi desta affeição, receio bem ser mais um voluntario bode expiatorio da catacumba de Nicolau Tolentino, em cujo retabulo da ara se lêem dous versos, terribes como os celebrados do Dante na porta do inferno. São estes os versos :

*Amor não pôde imitar-se;
Só o pinta quem o sente.*

XIX.

... Un homme ne peut presque rien dire de sensé sur ce qui se passe au fond du cœur d'une femme tendre.

DE STENDHAL. (*Physiologie de l'amour.*)

O barão dissera um dia a Izaura :

« Eu tenho occupaões que me não deixam visitá-la todos os dias; mas não quero nem posso privar-me das suas noticias de manhã e de tarde. De manhã escreva-me um bilhetinho, de tarde mandarei eu saber da menina pelo nosso amigo Roberto. Esteja com elle como estaria com um seu irmão; conversem, e sejam muito amigos, por que eu quero que o sejam.

— Eu sou muito amiga d'elle... — disse Izaura, com mais singeleza do que fazia presumir o rubor da face.

« Conhece-o ha tres dias, apenas; é cedo para ser muito amiga d'elle.

— Pois sou.

« Muito amiga? — tornou, risonho, o barão, purpurando mais a face da silenciosa menina — Paga o sentimento que inspirou a Roberto. Parece-me que o nosso amigo Bernardo da Veiga approvaria a estima que lhe merece o honrado moço.

— Bastava ser v. exc.^a tão amigo d'elle, que lhe chama «filho»... Elle fallava hontem com tanto amor de sua mãe, que me fez chorar... Deve fazer tão bem ao coração poder-se proferir a palavra mãe com os labios chegados á face della!... Eu sou mais infeliz do que elle... Tenho chorado tanto, e cada vez me sinto mais sósinha neste mundo... Depois que v. exc.^a me deixou é que eu me convenci que perdera tudo... e, agora, diz-me que não póde aqui vir todos os dias...

« Pois se a minha falta lhe é tão penosa, virei todos os dias — atalhou o barão, compungido.

— Venha, venha, que eu passo horas amarguradas aqui. Reso muito, mas soffro tambem muito; não posso já resar com devoção... Antes me queria em Cascaes para andar pelos sitios onde fui tão feliz, e onde meu pai me levava; lá talvez que a minha saudade seja mais suave... talvez, snr. barão.

« Isso é uma chimera, minha filha. Lá é que a sau-

dade passaria a desesperação. A sua demora neste convento hade ser curta; não pôde assim continuar a sua existencia por muito tempo. Eu cuido constantemente em planisar-lhe futuro. Entregue-se, com resignação, á esperança de que a sua felicidade não podia limitar-se aos tempos cuja lembrança a faz chorar. Ha uma felicidade na infancia, diversa da que hoje a sua idade necessita. O coração virtuoso encontra-a em todas as idades. Izaura vem a ser venturosa; e, se o não é já em quanto a saudade do nosso chorado amigo lhe dóe, verá que a Providencia lhe hade refflorir o coração com primaveras novas de alegrias e delicias puras. Essé grande amor que teve ao seu protector precisará convertel-o n'outro ente. Hade sentir sensações novas; hade sentir-se reviver para compartilhar da felicidade que der a outro; hade, em fim, minha filha, ser muito ditosa ao pé de mim, e eu muito ditoso por lhe poder dizer, se chegar á idade de Bernardo da Veiga, que o sustentaculo da minha decrepitude é o amor da minha filha.

O barão deixou Izaura absorvida na comprehensão d'essas idéas que fugiam á intelligencia della. O coração queria explicar-lh'as; a razão, porém, não entendia o estranho interprete, que, pela primeira vez, lhe fallava uma linguagem vaga, desordenada, e tal que a enleava e confundia muito. Nessa consulta, ao mais interno recesso da alma, maravilha-se Izaura de vêr, n'um relancear dos olhos

íntimos, a imagem d'alguem relampagueando na escuridade das suas idéas. Esse alguem era um homem, conhecido de tres dias, um rosto melancolico, d'olhos ardentes e sorriso meigo, de um dizer consolador para as saudades della, e vagamente prophético de esperanças que ella não descontinava, Roberto Soares, em fim, o filho adoptivo do homem que lhe dera, mais d'uma vez, o nome de filha.

Os extasis scismadores voejavam em redor d'aquelle coração de vinte e cinco annos, tão tarde acordado. A maneira da pastorinha que despertou, dia alto, entre as flôres da esteva, e, abrindo os olhos, não pôde soffrer o dárdejar do sol perpendicular, assim Izaura, acordada para o amor, quando o coração já tinha em si a seiva das paixões da adolescencia, confrangia-se á nova sensação que a deslumbraava, e, com a mão no seio, parecia querer aquietar os impetos do coração.

O vago, o ideal, o indefinivel, porém, sob figurações formosas e donosissimas, trouxeram-na contemplativa todo aquelle dia, sedenta de conhecer-se, de explicar-se a si propria o que era aquelle anseio, aquelle abatimento de alma, que fallece, á mingua de animar-se d'outra alma.

Assim abstrahida, foi chamada ao locutorio, onde a esperava alguem. Deram-lhe um bilhete de Roberto Soares, e a mão, que o aceitou, tremia, e este tremor vibrou-lhe os nervos mais delicados, até ao coração, onde ella

sentiu alumiar-se instantaneamente a escuridão mysteriosa dos tantos enigmas que a desvairavam.

Poderia ella não ir ao locutorio, sem ficar mal conceituada, n'esse ensejo? Era a pergunta que ella se fazia. Travou-se guerra entre o espirito, que teme, e o coração, que incita — dualidade antagonista de fraqueza e coragem, de cujo triumpho alternativo impende a bema Ventura ou o purgatorio das almas innocentes, nos primeiros amores.

Izaura não sabia mentir.

Foi.

Roberto Soares foi conduzido a uma grade; achou-se sósinho com Izaura: era a primeira vez.

Receoso do que aconteceu, levava de fóra combinados na memoria os assumptos e as palavras com que devia entretel-a, até que a familiaridade o animasse ao improviso. Baldou-se o trabalho. Um cumprimento vulgar, e mais nada! Para estas situações, felizmente, nunca ha testemunhas. Um terceiro, se não tivesse a caridade de chamar á periferia a vida concentrada no coração de dous amantes bisonhos, mataria com o riso o amor na sua mais angelica phase.

Roberto Soares não podia chamar-se amante bisonho: contra essa calumnia protestaria D. Cecilia, e outras com igual condão de incutirem o atrevimento nas organizações mais sórnas.

E' que o noviciado do amor pôde estender-se até á ve-

lhice, quando o coração lá chega com uma porção incontaminada. Se sabeis, por experiencia, alguma cousa do vosso coração, dispensaes-me de explicar o que se não explica, a timidez do homem de vinte e seis annos, descrido e despoetizado, como elle se dizia, audacioso e até grosseiro na presença de mulhorez que outros incensavam com os aromas da pura mysticidade no amor. Se de intimo senso não sabeis disto nada, leões mansos que me lèdes, pedi ao vosso anjo bom, se vos elle ainda não deixou em liberdade e ás moscas, que vos depare uma Izaura, e achareis que S. Jeronimo não era de todo paradoxal quando disse que « o amor da formosura era um esquecimento da razão. »

O que o poeta e a secular de Santa Anna disseram não merece chronica. Creio que se desejavam longe um do outro como se mutuamente se anojassem: esta vida está cheia de paradoxos assim.

O que merece a pena saber-se é o dialogo do barão da Penha e Roberto Soares na noite desse dia.

« Então, conte-me cá, de que fallaram? — perguntou o barão.

— Estava triste, e pouco me disse.

« Mas Roberto devia distrahil-a.

— Desejei-o; mas eu não sei'o que se hade dizer a uma senhora educada como ella foi. Se eu fallar em cousas de sociedade, isto deve ser aborrecido a quem não sabe

nem quer saber as pequenas cousas, que so são grandes para quem precisa engrandecel-as, ou então confessar que é tão insignificante como ellas. Perguntei-lhe pelos costumes do convento, e ella respondeu-me que vivia tão sosinha consigo que mal sabia o que se passava naquella casa. Fallei-lhe no seu viver de Cascaes; más arrependi-me disso, porque a fiz chorar.

« Eu cuidei — atalhou o barão — que um rapaz de espirito, como Roberto Soares, poderia entreter uma senhora como D. Izaura, sem lhe fallar nas miserias da sociedade, nem fazel-a chorar com as recordações de Cascaes. Izaura, se me não illude o muito que lhe quero, é uma meniña que hade inspirar a eloquencia dos corações bem formados. Eu, por exemplo, na minha mocidade, se encontrasse uma mulher assim, sentir-me-hia soccorrido de idéas grandes, mostrar-lhe-hia a minha admiração sobrepondo-a a tudo que o mundo espiritual tem de mais formoso em graças e virtudes. E' preciso que o meu amigo lhe não encontre estes attractivos para ser ao pé della um homem vulgar. Não era isso o que eu tinha inferido da opinião que me deu de Izaura. Roberto disse-me que tinha assim visto, muitas vezes, uma mulher nos seus sonhos; que tinha amado, ou julgara amar algumas que rastream em semelhança aquelle typo completo das suas figurações de poeta. Induzido pelo seu enthusiasmo de hontem, cuidei que o meu amigo vinha hoje pedir-me perdão de

não ter podido suster os diques á irrupção dos galanteios...

O barão acompanhara o seu arrasoado com um riso de fina graça; Roberto, porém, ouvira-o melancolico ou abstrahido.

Apoz instantes de silencio, o filho de Leonôr respondeu assim:

— Dá-me v. exc.^a a permissão da franqueza?

« Que duvida!

— Quando v. exc.^a me disser que eu posso, do raso da minha humildade, levantar os olhos para a filha adoptiva do meu bemfeitor....

« Que faz?

— Farei o que não ousaria fazer jámais. Direi a v. exc.^a que amo Izaura, que é este o primeiro amor que sinto nobre, e grande, capaz de me habilitar para quantas virtudes devem ser o dote do homem que a mereça.

« Bem: isso é o que Roberto me diria a mim; ora, a ella que diria?

— A ella? Se fosse rica, não diria uma só palavra. Se fosse pobre, pedir-lhe-hia que me fizesse digno della, dando-me estimulos para o trabalho, e para o contentamento na mediocridade.

« Pois não sabe que ella é pobre?

— Não sabia.

« Não lhe disse eu que Izaura era filha d'uma desgraçada mulher que morreu em casa de Bernardo da Veiga?

— Não deduzi dessa circumstancia a pobreza de Izaura; nem da pobreza deduzo ainda que seja do agrado de v. exc.^a conceber eu a esperança de a fazer minha mulher,

« Conceba, e execute-a.

— V. exc.^a é tão meu amigo que não zombaria assim de mim! — disse com vehemente jubilo Roberto Soares, abraçando o barão.

— Creio que a ama — tornou o barão — E se Izaura fosse rica?

— Se fosse rica, a minha esperança morria. O orgulho, se não matasse, abafaria a este amor a liberdade da expressão. V. exc.^a já me disse que Izaura era pobre.

— Pobre ou rica, attenda-me: concedo-lhe que se declare; sonde melindrosamente o coração de Izaura; se se encontrar lá, não lhe dê esperança d'um futuro que não seja capaz de realisar. No dia em que ella lhe disser que o ama, Roberto Soares é o esposo de Izaura.

A alegria embrutece. O poeta correu então parelhas com o idiota. Mais um triumpho para S. Ambrosio, que, bem averiguado, é o maior physiologista dos meus tres santos dilectos.



XX.

Ecce etirum Crispinus, et est mihi scipe vocandus,
JUVENAL. (*Satira IV.*)

Entre as instruções que o barão da Penha deixara ao seu agente Farinho, quando foi para Cascaes, havia esta : « Se o prenderem, não resista, nem se defenda judicialmente : diga que é effectivamente Constantino de Abreu e Lima, confesse que fugiu de Cabo-Verde, e não me escreva que eu o soltarei. » E ajuntava : « Não repita as scenas comicas do encontro, e da carta mandada pelo gallego. » Referia-se aos successos burlescos exarados no capitulo XV. D'onde se infere que o negociante fallido abusava de poderes, atenazando o visconde de Villa-Secca, embora a logração fosse um primor de velhacaria. A traça

vingativa do barão não se accommodava com dar o visconde em espectáculo de mofa. Vingam-se com o ridiculo as aversões de capricho, as invejas corrosivas, os odios não inveterados; mas o rancor das almas graves, quando a religião o não desentranha, aneia a vingança mais que homicida, a morte moral do inimigo. O barão da Penha odiava assim.

Se elle quizesse provar em juizo que o visconde de Villa-Secca era um ladrão, seria convencido de calumniador, e ficaria sotoposto á misericordia do inimigo. Se o apunhalasse em sua propria casa, teria matado um corpo, e deixaria aos necrologistas a liberdade de dizerem que morrera um homem de bem.

Que vingança, pois, desenhava o barão? Se um golpe da Providencia, que tantas vezes faz correr o sangue da expiação aqui, onde o criminoso ri sob a mascara — se esse golpe não ferir o visconde, abrindo brecha á peçonha mortifera que o barão lhe quer vaziar no credito, como orgão principal da vida do ricasso: se essa ajuda sobrenatural não vier, que deaferço imaginaes vós possa tirar o filho do desembargador Jeronimo de Abreu e Lima do creado que lhe roubou o seu patrimonio?

Deixo ao conjecturar pachorrento de cada qual prever o desfecho da historia, e reservo-me a oppor-tunidade de responder ás hypotheses, que é o que legisla Aristoteles, creio eu, no capitulo « peripecias. »

Vamos vêr que ruins figados tinha Antonio José, e os trabalhos em que se viu enlçada a sympathica personagem do snr. Bento Pereira Farinho.

O visconde cumprira o que se promettera naquella hora afflicta em que o deixou a petulante carta. Foi fallar ao ministro do reino, e, de commovido que ia, lagrimou, pedindo protecção ás leis do reino contra o desaforamento d'um ladrão, que o ameaçava em sua propria casa.

O ministro afervorou o zelo do governador civil, e as authoridades subalternas assolaram quantos beaguins e espiões podiam expedir na importante prisão.

Bento Farinho apeava do omnibus que o conduzia de Cintra, na volta de Cascaes, e viu o visconde de Villa-Secca. Procurou evadir-se aos reparos d'elle, e poucos passos dera ao retirar-se da estação, quando um homem desconhecido lhe disse :

— Tenha a bondade de me acompanhar á administração.

« Quê me quer o senhor? Veja se se engana comigo...

— Não engano, não senhor. Siga-me, quando não peço força á guarda do arsenal.

« Não carece d'isso: ande lá, que eu sigo-o.

Farinho foi interrogado. A respeito de nome, disse chamar-se Constantino de Abreu e Lima; profissão, ne-

gociente no imperio do Brazil. D'alli foi conduzido ao governador civil. Respondeu com o mesmo denodo; e, perguntado se fugira do degredo onde cumpria sentença, disse desassombadamente que sim.

Interrogado por ultimo, na policia criminal, foi enviado ao Limoeiro, a requerimento do ministerio publico.

Farinho morreria sem preferir uma palavra de defeza, para obedecer ao barão da Penha. Este, apenas chegou a Lisboa com Izaura, soube da prisão, e visitou na cadeia o seu docil instrumento. Encareceu-lhe o sacrificio de se deixar prender, e prometteu provar-lhe que não seria desmentida a confiança que depositara nelle.

O visconde, entretanto, apressava o desfecho ao processo crime que o ministerio publico instaurara contra o falsificador de firmas. Da Relação do Porto fóra enviada publica-fórma da sentença que o condemnara, e do cartorio respectivo de Cabo-Verde esperava-se cópia do instrumento lavrado por occasião da fuga.

O barão da Penha procurara o visconde. Conhecendo que era recebido com despeito e grosseria, affectou desentendimento.

« Soube hontem — disse elle com affabilidade e respeito — que estava preso Constantino.

— E' verdade; podera não! Tenho-o nas unhas — disse o visconde, curvando os dedos reintrantes como garras.

« Hoje recebi carta delle, pedindo-me a esmola d'uma entrevista, e...

— A apostar que o senhor foi lá!

« Fui.

— Mande-o ao diabo! isso é um tratante de marca de anzol... queria-me roubar... O maroto!

« Roubar!

— Pois então! o senhor não ouviu o que elle me disse nas proprias bochechas?!

« Ouvi; mas v. exc.^a não receia que elle repita as... as aleivosias que lhe disse n'um tribunal?

— Agora receio! que me prove o que disse... quero provas, e, se não provar, heide leval-o a uma forca.

« Provar é impossivel. V. exc.^a tem a opinião publica a seu favor.

— Justamente, a opinião publica é que hade decidir.

« Já decidi. V. exc.^a é um honrado capitalista, houve o que possui com o seu genio emprehendedor e trabalho de vinte e seis annos; não ha um só documento que faça vacillar a opinião publica ácerca da probidade e lizura dos seus cabedaes.

— Ora ahi está! e vem cá o troca-tintas lá do inferno pedir-me o dinheiro do pai! Arre com elle, que hade ir acabar de cumprir a sentença ás Pedras Negras, ou eu não heide ser Antonio!

« Attenda-me, snr. visconde. V. exc.^a tem pura a sua consciência ?

— Tenho.

« Não roubou o patrimonio de Constantino de Abreu e Lima ?

— Que diabo de pergunta é essa ? Eu nunca roubei um ceutil a ninguem.

« Pois bem : a pureza da sua consciencia, com a justiça que a opinião publica lhe faz, devem aconselhal-o a ter compaixão d'um homem desesperado ou demente que o calumnia. V. exc.^a aos titulos de nobreza, que tem, ajunta o mais valioso de todos, se perdoar a Constantino de Abreu e Lima, ao filho do desembargador Jeronimo de Abreu e Lima, em cuja casa v. exc.^a comeu o pão da sua mocidade durante dez annos.

— Se comi o pão, trabalhava ; não quero saber de contos, snr. barão ; não me venha cá com lamurias, e endróminas, que eu estou cheio até aqui — replicou o visconde, mettendo o dedo indicador pela bôca dentro até ás fauces.

« O homem faz dó ! — tornou serena e compassivamente o barão — Está arrependido. Quer vir pedir perdão a v. exc.^a, e desdizer-se diante de mim das arguições injuriosas que lhe fez. Promette nunca mais o inquietar. Retira-se immediatamente de Lisboa, e vai procurar o amparo d'uns parentes que tem no Minho. Que lucra v. exc.^a

com fazer tornar Constantino, velho e quebrantado, para os trabalhos? ! Lembre-se de o ter creado ao collo, de o ter visto creancinha nos seus braços, de o ter talvez amado como se ama a innocencia. Já lhe não digo que o favoreça com os sobejos da sua mesa ; isso seria supplicar muito ; peço-lhe, apenas, que lhe conceda a liberdade, que não instigue os rigores da justiça, que o deixe ir morrer descansado sobre umas palhas, abençoando o seu nome por que o resgatou da morte certa do desterro, podendo perdê-lo. Parece-me, snr. visconde, que o seu coração vai responder-me generosamente.

— Isso não é comigo, é lá com a justiça ; eu não lhe sou parte ; o que posso fazer é não me metter em mais nada, se o snr. barão fica por elle.

« Fico por elle ; mas é necessario que v. exc.^a vá directamente mandar sustar o processo.

— Isso não, tenha paciencia. Haviam de cuidar que eu tinha medo ás calumnias desse pinga ! Nada feito ; a cousa hade andar para diante ; quero andar com o meu rosto descoberto, e não admitto ninho atraz das orelhas ; é o que é, e está arrumada a pendencia.

« Quer dizer que o persegue, não é assim ?

— Já disse . . . a justiça hade andar direitinha ; os ladrões mandam-se pela barra fóra . . . E sabe que mais snr. barão ? V. exc.^a se tivesse mais aquella de saber respeitar a nossa classe, não consentia que esse patife lhe fallasse,

nem vinha cá pedir por elle como quem pede por uma pessoa de bem. Ora queira Deus que elle lh'a não pespegue na menina do olho... Lembre-se que elle d'antes roubava firmas, e nunca de mouro bom christão.

A estas ultimas palavras, os cabellos do barão da Penha tremiam irriçados. Os braços, até alli descahidos, fizeram convulsivamente uma curva, e os punhos cerrados estalavam como se entre os dedos lascassem corpos estranhos sob a violencia da pressão. Nos olhos lampejavam-lhe chammas, e deste fogo que lhe crepitava de dentro vinham lavaredas cristar-lhe os beiços. Dera um passo para o visconde, e o visconde recuara outro: era o instincto da vida que o movia como automato; não eram as conturções do hospede que o assustavam.

Supremo esforço de poder sobre si proprio exerceu o barão! Foi de instantes aquella vertigem de raiva. Levou as mãos aos cabellos, e coçou a cabeça com phrenesi por longo tempo. Esfregava os olhos, e cravava os dentes no beiço inferior, dilatando as maçãs do rosto, que premia entre as mãos, querendo esconder a transfiguração do semblante.

O visconde ia reparando nestes movimentos, sem ligar-lhe a mais remota suspeita da verdade.

« Terrivel dôr de cabeça! — murmurou o barão.

— Lá me parecia que o senhor não estava bom — disse o visconde na boa fé da sua prodigiosa estupidez —

Quer ir tomar alguma cousa ? Sem cerimonia ; manda-se fazer uma gotta de chá, ou café. . .

« Obrigado, snr. visconde. . . Eu retiro-me, e recebo as suas ordens.

— Pois meu amigo, nesse caso sinto muito não poder servir-o ; mas ponha-se o senhor no meu lugar. . .

« Não fallemos mais d'isso. A justiça que faça o seu dever. Snr. visconde, adeus.

O barão da Penha parou no pateo, antes de sahir. Limpou o suor que lhe corria da frente. Cravou os olhos apavorados na pedra sobre que tinha os pés, e disse de modo que o poderia ouvir quem estivesse no pateo :

« Eu precisava d'isto. . . »



XXI.

On incorpore la cholere en la cachant; comme Diogenes dict à Demosthenes, lequel de peur d'estre apperceu dans une taverne se reuloit au dedans: « Tant plus tu te recules arriere tant plus tu y entres. »

M. DE MONTAIGNE (*Essais.*)

Estou indeciso se darei aqui uma indigesta estopada ao leitor, historiando-lhe a revolução miliciana de 1851. Se eu soubesse que a posteridade me indemnizava das pragas dos contemporaneos, arcava com o tedio da minha geração. E eu creio que as porvindouras eras viriam aqui beber as aguas puras da historia coeva, enojadas dos enxurros em que vai alagado o jornalismo.

De hoje a cem annos, que documentos contemporaneos illucidarão o historiador? A gazeta de certo, não; a legislação, menos; o drama e o romance sociaes alguma cousa, em quanto os costumes se aliam ás instituições ci-

vis; mas a politica propriamente dita, tacanha e suja como a fazem, essa, só o romance, embora salôbro e fastiiento, a póde transmittir aos evos com tal qual cunho de verdade.

E', por isso, que me não sei bem decidir se o contar aqui a parte comica, ao menos, da nossa ultima revolução regeneratriz, seria legado que o século XXI me tomaria em desconto de muita frivola miuçalha do mundo-patarama, deixadas ahi para attestar a passagem d'um homem, que teve o infortunio de nascer cem annos antes.

A nesga politica vinha a pêlo, encabeçada na historia da influencia que o barão da Penha grangeou sobre o ministerio moribundo.

A despeito de ambições de gloria, pouparei o publico. Aqui lhe faço o sacrificio de rasgar vinte tiras, onde, exauridos os heroismos, descia a explicar-lhe como se póde ser, nesta terra, Coriollano e Fabricio, furando a atmosphaera com dez grosas de foguetes de lagrimas, e apresentando ás assembléas tribunicias o « deve-e-hade-haver » das girandolas, para deshonra do fogueteiro agiota.

.....

O' liberdade da imprensa! santa te chamam alguns devotos, e eu adoro-te como martyr, infernada neste potro dos teus supplicios, chamado *conveniencias sociaes!* Para que vim eu ao mundo antes da hora do teu resgate, se a Providencia me não deu isempção e valor para te sal-

var dos enxovalhos que recibes no atrio dos barões, por onde alcayotes torpes te arrastam, ó « liberdade » da imprensa !

O' deusa esfarrapada que... Leva rumor ! Vamos ao conto.

O barão da Penha, como vimos, sahiu de casa do visconde com o sangue convertido em fel.

Entrou no gabinete d'um ministro, e demorou-se ahí uma hora. Sahiu sombrio como entrára ; mas lá no interno havia motivo para desanuviar-se.

A publica-fôrma do processo em que Constantino de Abreu e Lima fôra sentenciado vinte e seis annos antes, entrou, nesse dia, em casa do ministro. Seis dias depois o processo original entrara tambem, e sahia d'um fogão em faulas, que o barão da Penha sacudia de si com as pontas dos dedos. Ao oitavo dia o ministerio-publico respondia que não se provavam as suspeitas, e respondia ás instancias do visconde que fosse elle parte na accusação. O visconde excedeu os limites da prudencia no gabinete do ministro, e despediram-no como quem despedia o antigo Antonio José. Ao mesmo tempo lavrava-se ordem de soltura para Constantino de Abreu e Lima.

Ainda ha materia para maiores assombros. O chefe de estado agraciava Constantino de Abreu e Lima com o perdão da pena comminada pela Relação do Porto. Esta graça foi passada da mão do ministro para a do barão da Pe-

nha; mas o que da mão do barão da Penha passou para a do ministro, infere-se de duas palavras, que elle soltou, ao rodar a chave d'uma gaveta :

« Cara vingança ! »

E o visconde de Villa-Secca? Experimentou o quarto ataque de gotta, e deu serios cuidados a Maria do Rosario. Visitaram-no os numerosos amigos, e o barão da Penha entre elles. Nenhum se informava mais a miudo das melhoras do visconde. Até aos medicos ia elle inquirir com ansioso interesse a situação do seu nobre amigo, exultando sinceramente com os bons auspicios da cura.

Restaurou-se o visconde; mas a millionesima parte d'alma, que morava naquelle corpo, ficou desatremada. Atormentavam-no figurações noturnas. Saltava em cuecas fóra da cama, e a viscondessa, de habitos menores, ia arrastando o chinelo, com a lamparina em punho, apoz seu marido, atravez das salas. O visionario punha a orelha á porta que abria para o patamar, e chamava os creados, se o rumor da rua reboava no espaçoso pateo.

A figura de Farinho era o seu demonio, noite e dia. Ninguem subia a escada sem ser reconhecido previamente atravez d'um pequeno zimbório aberto no tópo.

Este estado era insustentavel. O visconde, apesar de sua mulher, resolveu sahir de Lisboa temporariamente para o Porto. O barão approvou a resolução, promettendo visital-o no seu passeio ao Minho. A intimidade estava resta-

belecida, por que Antonio José julgava dever ao barão a suspirada paz em que o deixara Constantino, posto que nunca mais entre os dous titulares se travasse conversação a respeito de tal homem.

Partiu o visconde para o Porto. Os jornaes da localidade annunciaram a chegada do desejado ornamento da sociedade portuense, sentindo que motivos de pouca saude obrigassem s. exc.^a a procurar nos sadios ares patrios a convalescença que do coração lhe desejavam os ditos jornaes.

Ao mesmo tempo, porém, os mesmos jornaes, e alguns de Lisboa publicavam o seguinte annuncio :

Alberto Corrêa de Faria, morador em S. Pedro do Sul, precisa saber se existem herdeiros do desembargador Jeronimo de Abreu e Lima, fallecido na cidade do Porto em 1825. Caso existam, pede o annunciante que se declarem para interesse seu delles.

O barão da Penha vira este annuncio ao mesmo tempo que D. Leonor Soares remettia a seu filho a cópia do annuncio, recommendando-lhe que escrevesse ao annunciante.

Roberto Soares perguntou ao barão se devia ir a S. Pedro do Sul. O barão foi de parecer que se annunciasse como neto de Jeronimo de Abreu e Lima ao annunciante, e esperasse resposta.

Alberto Corrêa de Faria respondeu dizendo-lhe que

se habilitasse herdeiro de seu avô para receber cinco contos de reis, que lhe eram restituídos. A habilitação era difficil em quanto Roberto não apresentasse certidão d'obito de seu pai.

O barão encarregou-o de todos os cuidados, tomando a seu cargo a habilitação. Uma tarde foi elle ao convento, e disse a Izaura que sahia de Lisboa por alguns dias. Entregou-a aos cuidados de Roberto, dizendo a ambos que a presença d'um pai era dispensavel a dous irmãos que se queriam tanto. Izaura chorou, e Roberto maravillou-se de resolução tão improvisa.

O annunciante de S. Pedro do Sul foi visitado por um individuo que se dizia procuradór do neto de Jeronimo de Abreu e Lima. Encarregado de saber que restituição era essa de cinco contos de reis, pedia esclarecimentos ao restituidor ou quem as suas vezes fazia para assim o communicar ao seu constituinte.

O homem de S. Pedro do Sul disse ser herdeiro e testamenteiro de um seu tio antigo juiz de fóra da comarca de Villa Real; que á hora da morte seu tio lhe entregara uma carta, pedindo-lhe o cumprimento rigóroso do que nella lhe pedia, para que a sua alma se não perdesse.

O barão da Penha, na qualidade de procurador bastante do legatario, pediu que se legalisasse a carta testamentaria, sellando-a no governo civil. O testamenteiro replicou negando-se á publicidade d'um escandalo, visto que

se promptificava a cumprir o consciencioso legado, menos porém a manchar, sem necessidade, a reputação de seu tio. O barão redarguiu pedindo, ao menos, uma cópia dessa carta. Foi-lhe concedida, com promessa de a não publicar. Perguntou o procurador se elle testamenteiro zelava tanto o renome do juiz de fóra morto como a reputação do ladrão vivo, indicado na carta. Respondeu o sobrinho do testador que desejaria vêr punido o ladrão que tentou a probidade de seu tio. O procurador despediu-se, authorisando o herdeiro, por uma declaração, a empregar os cinco contos de reis em estabelecimentos de caridade. Essa declaração era assignada assim: *Por Constantino de Abreu e Lima, o seu procurador bastante: Barão da Penha.*

Alberto Corrêa quando surgiu da estupefacção em que o deixava a assignatura, já não viu o signatario da concisa renuncia de cinco contos de reis.

Que ridentes sensações são essas que varreram as sombras do semblante do barão? Que radiação d'alma alegre lhe reflecte no olhar irrequieto? Que peso de ferro se ergueu de sobre o peito daquelle homem, que tão desafogado respira agora? Que valor incalculavel deve ser o desse papel que ennebria o espirito d'um homem, cuja felicidade era impossivel sem uma vingança? Por ventura será esse papel o instrumento providencial da punição? estará escripta nelle a sentença da morte moral de Antonio José?

Hade saber-se isso, quando fôr tempo.

XXII.

.... Cuidado novo que lhe enchia o peito de novas alegrias.

F. D'ALVARES DO ORIENTE (*Lásitania Transformada.*)

... Chacun des deux est pour l'autre un type de perfection, une apparition celeste venant répendre sur sa vie en jour tout nouveau, la plus belle moitié de lui-même, ou plutôt le véritable foyer de son existence.

DICTIONAIRE DES SCIENCES PHILOSOPHIQUES (*Amour.*)

Esta Izaura é perfeita de mais para romance.

Um pouco de vicio, desse vicio adoravel das mulheres, chamado galanteio, garridice, logração, ou, no vasconço das salas, « coquettismo » fertilisa a imaginação do romancista analisador, crítico, philosophico, moralista, e, mais que tudo isso, engraçado.

A mulher do romance quer-se aparada pelo molde vulgar daquellas que fazem o relevo da boa sociedade.

Tem immensa graça a mulher que joga o amor como uma partida de wisth: faz rir toda a gente, menos os parceiros.

A monotonia é fastidiosa até na virtude. Um capítulo de romance cheio de encarecimentos á candidez, á pureza, ao amor angelico de uma virgem, agrada. Dous capitulos, batidos na mesma çafra, toleram-se. Tres, impacientam. Quatro atediam, e desacreditam o escriptor.

Dêem-nos a innocencia com todos os seus perfumes; mas, se nos querem variar o interesse do conto, façam que a innocente resvale das flores para os espinhos, até nos apiedar com as suas penas. Nós, os leitores, queremos ter odio a alguém, se não esfriamos. O ente odioso deve ser um seductor, um descarado, um cynico, um verdugo que hade ser punido no ultimo capitulo, ao mesmo tempo que a victima, rodeada de serafins canoros, entra na bem-aventurança, onde ninguem quer entrar, « se lhe é preciso, cá em baixo, primeiramente, *vêr as estrellas*, » como diz um velho escriptor.

Izaura está no caso das predestinadas para um até dous capitulos sómente. E' uma dessas perfeições espirituaes, postas em altura onde se não libra o voejar da phantasia. Um joalheiro observa uma pedra preciosa, uniforme, sem falha, semelhante a si mesma em todas as faces da circumferencia, vê-a, admira-a, aprecia-a estimativamente; mas não a descreve: « é perfeita » diz elle; e porque é perfeita? « porque é perfeita. »

Ora, ha mulheres assim irreprehensiveis como as pedras inestimaveis. São excellentes para tudo que é reflexo

do céu neste vale de lagrimas, menos para o romance que hade reflectir de vez em quando os clarões do reino escuro, — o qual sendo de lume não sei realmente porque é escuro, note-se de passagem. Lastimo-me por não poder adulterar a verdade desta historia, collocando Izaura a pique em dous ou tres naufragios, para, ao cabo de muita angustia, a levar a porto de salvamento, com grande jubilo das almas enternecidas.

Navega em mar bonança o coração da pallida virgem. O seu amor ancêa, mas não de susto nem incerteza. Nem se quer em sonhos a desconfiança a intimida. Adormece nos anhelos de acordar para um dia feliz como o dia que passou. Sofre saltos no seio, calor subito nas faces, sente-os, quando se lhe annuncia Roberto Soares; expansiva alegria, jubilos infantis, experimenta-os quando se lhe annuncia o barão da Penha; melancolia funda, oppressão de lagrimas, doem-lhe quando a imagem de Bernardo da Veiga lhe asombra os contentamentos do novo espirito insurgente nella. Amor, amisade, e saudade, são astres sensações da sua vida.

E o amor do poeta? E' o primeiro amor, porque é o primeiro que elle sente enlaçado com o respeito e com a amisade. Não é o amor cego do fanatismo, é o amor luminoso, o de penetrante vista, que descortina os dotes todos da mulher querida.

Ha um senso intimo, um arbitrio da alma que discrimina a singella verdade da fulgurosa idolatria: esse ma-

ta-o a paixão, enlouquece-o a vertigem, exauthora-o o capricho. Não é esse o amor de Roberto Soares.

Se o visseis ao pé della, imaginal-o-hieis um irmão. Diziam-se palavras de intimo amor; mas tão candidas se depuravam nos labios delle que nem o amor paternal as inventou mais carinhosas.

Izaura sabia que era aquelle o senhor de sua alma, e scismava como sua mãe pôde ser infeliz tendo quem assim lhe governasse os sentimentos, e os desejos. Entremettiam-se instantes de tristeza no seu scismar; queria ter alguém que lhe adivinhasse o segredo; mas dizel-o ella, a quem, se de si propria o queria esconder, para que o magoadado presentimento lhe não descolorisse as *dulcissimas* visões?

Alguém devia merecer-lhe a confiança desse segredo, logo que elle se accusasse em lagrimas: era o seu amigo, o seu pai, o barão da Penha.

E assim succedeu.

Encontrou-a taciturna e concentrada um dia.

« Izaura não é feliz. . . — disse-lhe elle.

— Sou feliz; mais do que mereço; tenho um benefeitor no céu a pedir por mim ao Senhor, e outro na terra, enchendo-me de beneficios e extremos de pai.

« Tem mais alguém — tornou o barão com meigo sorriso — Tem. . . O coração não a accusa de ser injusta com alguém? . . . Accusa, accusa. . . Quem assim córa tem

culpas, e confessa. Izaura tem ainda, além d'um pai no céo, e outro na terra, um irmão, não tem?

— Tenho; é um irmão querido... conheço que é muito meu amigo...

« E'; e agora seisma elle n'uma idéa constante. Diz que não quer sua irmã mais tempo no convento; que a deseja mais perto do seu coração; quer sentir mais intimamente a união das duas almas para toda a vida... Não lhe disse elle isto?!

— Não, senhor... — murmurou ella, incendiada em rubor baixando os olhos.

« Não!? Quer vêr que o pobre moço tem medo de que a sua querida irmã lhe não aceite o offerecimento da alma para toda a vida!... Se é isto, o nosso Roberto é homem de pouca fé, e merece, por isso, ser castigado.

— Castigado!... porquê?

« Porque está a vêr que eu tenciono ir estar algum tempo no Porto, que não posso aqui deixar minha filha em Lisboa, e que, se a levo comigo, de certo a furto aos olhos delle...

— Pois elle não vai connosco? — disse com vehemencia Izaura.

« Não póde ir... Roberto é-me necessario em Lisboa, e talvez saia de Portugal a negocios meus.

Izaura empallideceu. O barão fitou-lhe a luneta atra-

*

vez das grades, e viu rebentarem duas lágrimas que ella, sem reboço, embebeu no lenço.

« Porque chora, minha filha? — tornou o barão enternecido.

— Tenho saudades delle... — soluçou Izaura.

« Pois então, minha filha, eu não a deixo chorar. As saudades são espinhos crueis n'um coração tão bom como o de Izaura, e mau pai seria eu se lh'os não arrancasse. Vamos remediar isto... Roberto hade ir connosco. Está ainda chorando?

— Já não choro, não... — disse ella erguendo a face risonha.

« Mas olhe, minha filha; o amor de irmão que dá a Roberto é um amor que lhe enche o coração? Por outras palavras: crê que uma mulher possa ambicionar uma entre as affeições desta vida, mais intensa, mais forte que a de Izaura a Roberto?...

— Parece-me impossível...

« Uma esposa será mais amiga de seu esposo que a minha filha é de Roberto?

Reaccendeu-se mais vivo o pejo em Izaura, e embargou-se-lhe a voz ao arquejar descompassado.

O barão viu tudo, conheceu tudo. Ergueu-se, e, já com as luvas vestidas, disse:

« Minha filha, nós partimos dentro de quinze dias. Os meus dous filhos vão comigo; eu é que lhes cha-

mo filhos; mas elles entre si hãode chamar-se esposos.

E sahiu.

Izaura ficou longo tempo na grade. Não ria nem chorava. Era um desses extasis de embriagante goso que se afiguram sonhos, e, só depois de convertida em evidencia a surpresa, a alma entende e julga.

Na tarde desse dia, Roberto Soares, alheio ao dialogo que se dera de manhã, visitou Izaura, mas, contra o costume, esperou-a longo tempo. Já admirado da delonga ia repetir a chamada, quando Izaura chegou, mais acanhada que nunca, estranha como se o visse pela primeira vez.

« Não sei que lhe noto hoje, minha amiga! — disse Roberto. — Parece que está constrangida!

Esta admiração maravilhou Izaura. Não podia ella entender o estranhar de Soares. Parecia-lhe desnatural achal-a elle mudada, tendo-se operado tamanha mudança nos sentimentos della. Dizia-lhe tambem o coração que Roberto devia manifestar pejo de a fitar, porque o contemplar uma amiga simples devia ser differente do contemplar uma amiga, em vesperas de ser esposa.

Soares instava pela explicação do olhar timido, do sorriso indefinivel, do pejo extraordinario que lhe via; e Izaura, não podendo combinar estas perguntas tão naturaes com o seu alvoroço della, afoitou-se a dizer:

— Fallou de tarde com o snr. barão?

« Não fallei : elle hoje disse-me que jantava fóra, e só nos veríamos á noite.

— Elle esteve hoje cá . . . — tornou Izaura, a tremer de adiantar alguma palavra que a obrigasse a repetir o dialogo com o barão.

« Esteve ? . . . Disse-me hontem que tencionava aqui vir hoje. Fallou-lhe no projecto de ir ao Porto ?

— Quem . . .

« Elle.

— Ir elle ao Porto ?

« Sim, e nós talvez.

— Nós ? ! . . .

« Disse-me que minha irmã ia ser hospeda de minha mãe. Disse-lh'o tambem ?

— A mim ? . . . não me disse isso.

« E' admiravel . . . pois nem lhe deu alguma idéa de sahir d'aqui ?

— Deu . . . — murmurou ella, cada vez mais confusa.

Roberto Soares comprehendeu por aquelle monossyllabo a significação de tudo. Respirando com difficuldade, fitando-a com aquelle espasmo de olhos que prescrutam um segredo nos olhos estranhos, o poeta balbuciou :

« Diga-me tudo o que se passou, minha amiga. O coração não me engana. Isto que eu sinto é uma alegria que não póde ser falsa. Que foi ? . . . o barão disse-lhe . . . Es-

Sabido é, pois, que se espera Roberto Soares e sua mulher, e, com elles, o barão da Penha.

Já partiram para os *Carvalhos* duas carruagens, que devem recebê-los. Já os jornaes do Porto, quasi todos amigos do poeta, seu collaborador gratuito alguns annos, annunciaram que o distincto litterato se matrimoniara com uma rica herdeira de Cascaes, pupila do honrado capitalista o exc.^{mo} barão da Penha; e acrescentavam que tanto os noivos como o exc.^{mo} barão tinham sahido de Lisboa por terra a fim de visitarem a mãe e tios do noivo, residentes no Porto.

Alguns membros da aristocracia mercieira resolveram entre si fazer uma espera ao barão, já como membro respeitavel da classe, já como accionista distincto do banco de Portugal, e outras companhias capitalistas, que dispensam as formulas da apresentação n'uma sociedade onde a fama do dinheiro vem adiante pregoando as qualidades do forasteiro.

Os viajeiros acharam-se, pois, rodeados, ao apearem da caleça, de dez ou doze homens de chapéo na mão, cabeceando zumbaias a D. Izaura, apertando brutalmente a mão cortez do capitalista, e felicitando Soares pelo seu regresso ao Porto.

O barão voltou-se para Roberto, e disse :

« O' meu amigo, tem a bondade de me dizer os nomes destes cavalheiros que tão urbanamente se apressam a dar-nos provas de amizade e consideração ?

« Meu Deus! — bradou ella — isto é possível! Eu ando, Virgem Santissima, eu tenho força para me suster em pé! . . . Jesus que eu não posso já com o peso da felicidade!

Agora, leitores, depois deste lance, se eu não achar um escriptor esmoler que me continue este capitulo, deixo-o aqui ficar.

Nunca senti tantó como agora a minha pobreza.

Se algum de vós não poder com a imaginação supprir a minha deficiencia, peça a alguem que lhe traduza a epygraphe deste capitulo.



XXIV.

La langue est un fer chaud ; dans ses veines brûlées
Serpentent des fleuves de fiel.

ANDRÉ CHÉNIER.

A magnífica scena, ligeiramente bosquejada no anterior capitulo, não transpirou fóra daquella sala.

O barão da Penha, — recordem-se — prevenira Roberto Soares de que não entrasse alli alguém mais que elle e sua familia. Com a mente fita nesta cautella, ainda no conflicto de abraços e exclamações, fóra elle fechar a porta, e mais d'uma vez pedira a Leonor, e aos outros que abafassem a expansão quanto podessem, por que não queria que algum creado fosse levar a noticia de que o barão da Penha era Constantino de Abreu e Lima. Ninguem o contrariou nesta vontade; mas a tímida Leonor, cuidando

que semelhante precaução lhe agourava a perda da felicidade que a enlouquecia, rogava de mãos erguidas a seu marido lhe desvanecesse o medo de o perder de novo.

« Não me perdereis jámais ; sou vosso para sempre — disse o barão — ter-me-heis sempre comvosco, mulher, filhos, e irmãos ; deixai-me, porém, esconder de todo o mundo, menos de vós, o meu verdadeiro nome. Basta que saibaes que ha uma causa forçosa para isto. Que nos custa o segredo ? Sou vosso, aqui me tendes e tereis sempre. Descobrir-me, meus amigos, era renunciar á esperança de ser mais feliz do que sou. Não me peçam explicações ; esperem, e a ventura completa virá para todos nós, porque ha ainda aqui um desgraçado, e esse sou eu.

— Tu ! — exclamou Leonor — e poderei eu ser feliz se tu me dizes que o não és ? !

« Vinte e seis annos de soffrimento, Leonor — redarguiu Constantino — depositam no fundo do coração veneno que só pôde ser desentranhado pela satisfação de uma vingança mais necessaria hoje á minha vida que o ar, que a consolação de vos ter, que o repouso no seio d'uma familia reapparecida milagrosamente em redor de mim. Não vos aterre este rancor, nem temaes que elle me desvaire até desagradecer a Deus esta prosperidade inesperada. Não, meus amigos. Uma vingança nobre e justa é aceita á Providencia.

Jorge Ribeiro discorreu christanmente ácerca da vin-

gança, e com tanta unção o fez que o barão já não curava mais que de esquivar-se á eloquencia dellè tão singela como persuasiva. Qual, porém, fosse a victima desse odio não o sabia ninguem.

Em uma rua da freguezia de Cedofeita havia uma velha casa onde morara e morrera o desembargador Jeronimo de Abreu e Lima. Ao proprietario della foi um dia proposta a compra por um preço superior á louvação. O proprietario vendeu a casa a um tal Bento Pereira Farinho, e o barão da Penha, de noite, entrou nella com o comprador, e delíneou-lhe as obras de reedificação no todo, excepto no muro onde estava aberto um falso. Essa parede devia ficar intacta formando um dos quátro lados de uma vasta sala de jantar.

Dias depois principiaram as obras, e progrediram com admiravel rapidez. Dizia-se geralmente que o dono das obras era um brasileiro, residente no Rio, que empregara os seus capitaes em predios no Porto. Ninguem viu allí Roberto Soares ou o barão da Penha. O comprador depositara n'uma casa commercial dinheiros que eram de mez a mez reforçados, e sahira do Porto.

E aqui tem cabimento saber-se que Bento Pereira Farinho, de passagem para uma villa de Traz-os-Montes, onde o barão da Penha o fizera collocar escrivão de direito, recebera ordem de fazer a compra do predio, e retirar-se logo para que o visconde de Villa-Secca o não encontrasse.

Apesar da desconfiança, que se engendrara em Antonio José; desde que o barão se mostrara protector do Constantino, preso em Lisboa, o visconde visitou-o, e foi acolhido com mais affabilidade que nunca. Trocaram-se visitas, e a viscondessa travou relações com as senhoras em cuja casa se achava hospedado o barão, a titulo de parente.

Leonor não conhecia Antonio José, e acolhia-o com respeito, e até com amizade, por que seu marido nunca lhe dissera meia palavra suspeita a respeito de tal homem. Antonio José não tinha a menor reminiscencia das feições de Leonor, que vira algumas vezes. Roberto Soares ignorava todos os successos de Lisboa, e, se alguma das suas novas relações acolhia com agrado, a mais bem-quista era o visconde de Villa-Secca. Dir-se-hia que entre estas duas familias existia a mais intima alliança de velha amizade.

Decorreram assim seis mezes.

O barão da Penha disse um dia ao visconde que acabava de comprar uma linda casa, acabada de fresco, na rua de * * *, e, antes das suas viagens ao Oriente, tencionava offerecel-a aos seus parentes, como lembrança da desvelada hospedagem que lhe deram. O nome da rua fez mozza na cortiça moral do visconde; mas a impressão foi de momentos. Convidado a ir vê-la, reconheceu o local, notou a seu modo, a coincidencia; mas a epyderme rugosa daquella physionomia, só amovivel ao susto de ser roubado, não transluziu nada.

Antonio José fôra uma vez ladrão ; tivera a astucia de enriquecer-se ; não tinha outra habilidade ; mas, se querem que eu lhe conceda a transcendencia dessa, tran-sijo, com tanto que me deixem julgal-o tão estúpido que nem velhaco era. E' o mais que posso dizer ; por que a velhacaria está sendo para os ricassos desta geração asquerosa a indemnidade da estupidez.

A familia de Roberto Soares mudou para a casa nova. O visconde de Villa-Secca familiarisou-se com o local para onde viera cincoenta annos antes descalço, e assoldado para carretar agua, e d'onde sahira vinte e sete annos antes com o cofre roubado do escondrijo. A reconstrucção que se dera ao edificio desde os alicerces não lhe espertava imagem alguma da antiga casa.

O barão da Penha disse uma vez, na presença de vinte pessoas, suas habituaes visitas, que era chegada a época da sua projectada viagem ao Oriente, e desejava despedir-se dos seus amigos n'um jantar, para o qual os convidava.

No dia assignalado ás quatro horas da tarde estava no salão de Roberto Soares a nata da melhor sociedade militante do Porto. Avultavam quatro barões, dous viscondes, e o resto eram apenas commendadores. O mais medrado em cabedal e authoridade era o visconde de Villa-Secca que, ainda na vespera, recebera parabens pela nova graça d'uma commenda com que o chefe da nação reconhecida lhe exornava o nobre peito.

Soaram, pois, as quatro horas, e o barão, com mostras de contrariado, disse que faltava alli um convidado, seu intimo amigo da America, chegado a Portugal dias antes.

E acrescentou :

« Magoa-me esta falta por que era esta a mais opportuna occasião de eu apresentar a v. exc.^{ta} um cavalheiro digno, a todos os respeitos, da amisade com que me honram. Paciencia ; outra vez será. . . Deve ser muito imperiosa a causa que me faz sentir a mim a falta delle, e a v. exc.^{ta} o ensejo de conhecerem um capitalista de dinheiros e virtudes. Vamos para a mesa.

Passaram para a sala do jantar. Estavam todos em redor da mesa, em pé, esperando que o barão designasse ás três senhoras da casa os cavalheiros immediatos.

O barão ia sentar-se, quando um creado se apresentou com uma salva de prata e uma carta.

« Deve ser a escusa do meu amigo — disse o barão ; mas a carta é volumosa. Se dão licença, abro.

— Pois não ! — disseram os convidados, conservando-se em pé como o barão. Este abriu a carta, leu mentalmente as primeiras linhas, e fez um signal de espanto, deixando cahir sobre a mesa uma folha de papel dobrada em oitavo.

— A apostar que está doente o seu amigo ! — disse o visconde de Villa-Secca com toda a afoitesa da sua grosse-

ria. O barão continuou a leitura, sem responder de leve á interrogação do hospede.

Izaura e Leonor tinham os olhos da face, e os mais penetrantes da alma, fitos no rosto do barão. Viram-no enrubecer subitamente, e assustaram-se. Viram-lhe o tremor nervoso dos labios, e vaticinaram desgraça. Viram, em fim, no olhar scintillante e profundo do barão, alguma coisa sinistra das que só se manifestam ás pessoas que pensam em nós, que vivem em nossa alma, que folgam ou soffrem sob a influencia magnetica de nossas sensações.

« Que será, meu Deus? — interrogou Izaura com os olhos os não menos attentos de Roberto.

— V. exc.^a recebeu uma nova que o está incommodando muito! — disse Roberto.

« Que é? por que empallideces assim? — exclamou Leonor, aproximando-se do marido, esquecida de que estava na presença de vinte pessoas que deviam reparar naquella *tu* familiar.

O barão da Penha não respondia. Hirto, duro, immovel como estatua, parecia medir com os olhos fascinados um abysmo. O assombro com que todos os olhares convergiam n'elle augmentava a terribilidade do quadro. Fazia medo aquelle silencio. Como o rumor da lava subterranea a partir a crusta, ouvia-se o respirar estertoroso do barão; era o refterver do sangue nas valvulas arquejantes do coração.

Por fim, quando a anciedade de Izaura, de Elena, e

de Leonor desafogava em lagrimas silenciosas o barão, com voz tremida e debil, fallou assim :

« Devo explicar esta angustia que me embarga a palavra, e me fez parar a vida por minutos. O meu amigo escreve-me uma carta, dando a razão por que não vem ao meu jantar. E' uma razão que eu deverei aceitar como um insulto, se todos os cavalheiros presentes erguerem um brado de indignação contra o calumniador que semelhante carta escreve. Eu leio : « *Meu amigo. Sinto amargamente não concorrer ao seu jantar ; e sinto-o mais por vosse que por mim. Eu não concorro a jantares onde tenha de dirigir-me a convivas cuja mão infamada não apertaria sem asco de mim proprio. Como homem delicado, forçaria-me-hia a ser urbano com todos os cavalheiros reunidos sob as telhas d'uma casa aniga ; mas o sacrificio seria enorme, e eu, por amor de mim proprio, devo poupar-me a um desgosto, que poderia transpirar por alguma inconveniencia das que a mais precavida fluma não abasa. Meu caro amigo, tu tens á tua mesa um ladrão. Se o aceitas como digno de tua convivencia, lastimo-te, por que desceste miseravelmente. Se o não conheces, e o admittes, indico-t'o, para que o repillas de ti, ou mais não chames homens honestos onde o ladrão estiver. »*

O barão declinou da carta um olhar terrivel sobre os vinte commensaes. Era geral a estupefacção. Ninguem soltava o grito indignado da honra ferida : não por que

alli não estivesse consciencia pura — digam'ol-o de boa fé — mas por que a surpresa, o aturdimento devia produzir aquelle effeito. De repente rebentaram simultaneas algumas exclamações :

— Saiba-se quem é !

— Isso é uma calumnia infame !

— E' uma offensa a v. exc.ª !

— Aqui não ha ladrões !

— Seja chamado esse homem para apontar dentre nós o ladrão.

« Esperem, senhores — atalhou o barão — Eu não li o ultimo periodo da carta.

E leu :

« *Se esta carta fosse lida na presença dos teus amigos, e algum delles, bastante brioso de seus creditos, exigisse de mim a franca designação do infamado, responder-lhe-hia com a cópia do documento incluso nesta carta.* »

Calaram-se as respirações por instantes ; depois, a mesma perplexidade, o mesmo alarido de vozes simultaneas de ha pouco :

— Leia, leia, snr. barão !

— Saibamos quem é !

— Exijo que se leia esse papel.

— E eu tambem.

— Offende-se a minha honra com a demora.

— E a minha.

— Diz muito bem, e a minha... — bradou o visconde de Villa-Secca batendo um murro estrondoso na mesa.

O barão fitou-o d'um modo indizível, e ergueu de sobre a mesa o papel dobrado em oitavo. Ao abri-lo, Izaura correu impetuosamente ao pé do barão, e exclamou, ajoelhada :

— Meu pai da minha alma, não leia esse papel... não leia pelas chagas de Christo !

Leonor, Elena, e o cego, e Roberto agruparam-se ao pé do barão. Este lançando a todos e a cada um os olhos de revez, ao mesmo tempo que levantava Izaura, murmurou seccamente :

« Retirem-se para onde estavam. »

Obedeceram, excepto Izaura, que não sahio de ao pé d'elle.

« Ouçam, pois, senhores :

« *Meu sobrinho caro. Escrevo-te esta carta com a certeza de que a minha morte está proxima, e o juiz supremo sentado no throno da eterna justiça para me julgar.*

Tu queres a salvação de um tio que te quiz como pai, e como a filho te lega o fructo do trabalho de seus avós, o fructo do seu trabalho, e só te não lega o que possue roubado, para que essa mão-cheia de dinheiro te não envenene o que licitamente é teu.

Era eu juiz de fóra em Villa-Real quando recebi ordem do regedor das justiças do Porto para fazer uma visi-

ta domiciliaria a um homem de Gallafura, suspeito de haver feito no Porto um consideravel roubo ao desembargador Jeronimo de Abreu e Lima na vespera do fallecimento deste.

D. Leonor gemeu um agudo ai. Elena, e Jorge Ribeiro estremeceram, comprehendendo o desfecho daquelle conflicto, sem poderem conjecturar qual entre tantos fosse o ladrão. Roberto Soares, mais vexado que attonito, não ousava fixar os olhos em alguem. O visconde de Villa-Secca, fincado na borda da mesa com os pulsos communicava o seu tremor á cadeira a que encostava as pernas.

O barão proseguiu :

« Fui a Gallafura, e surpreheni na cama o homem suspeito. Abri uma arca, remexi o enxergão, e nada encontrei. Dei-lhe voz de preso, e o homem lançou-se-me aos pés chorando como chora um innocente; mas, exauridas as lagrimas, disse-me, a sós comigo, que me dava cinco contos de reis, e o deixasse.

Eu pratiquei a infamia de aceitar os cinco contos de reis, por que as consideraveis perdas no jogo me tinham obliterado a alma. Deixei-o, sem querer saber a quanto avultava o roubo; disse ao regedor das justiças que o suspeito ladrão era um homem honrado, que vivia do seu trabalho honesto; em fim, meu sobrinho, vendi a minha alma por cinco contos de reis, e nunca a resgatei por que a vergonha de me delatar, mais ainda que a cubiça, abafava em mim o grito do remorso.

Restitue, meu amigo, restitue os cinco contos de reis aos herdeiros do desembargador Jeronimo de Abreu e Lima. Eu sei que esse homem tinha um filho cujos crimes forçados pela pobreza o fizeram degradar para Cabo-Verde ha vinte e tantos annos. Talvez que esse condemnado exista, ou filhos, ou viuva. Procura-os, e restitue esse dinheiro que pôde ir enxugar muitas lagrimas, e matar muita fome. Se ninguem existir dessa familia, dá esse dinheiro á Misericordia, para que a alma de teu tio encontre na presença de Deus o allivio que deres neste mundo aos desgraçados. »

Calou-se o barão. Olhou, encontrou o olhar ansioso de todos, menós o do visconde. A cara deste era a d'um cadaver avermelhada pelo clarão d'uma tocha. O queixo de baixo dependia-lhe como relaxado das articulações pela morte. Falhou-lhe o vigor das pernas convulsivas, e sentou-se, com a cabeça acabrunhada para o seio.

Os hospedes surgiram do atordoamento, bradandô com tanta mais vehemencia quanto estavam certos de que o seu caso não era aquelle :

— Pois bem! agora diga-se qual de nós deu cinco contos de reis a esse juiz de fóra !

— Justamente.

— Vamos! snr. barão! depressa!

— Já!

— Immediatamente!

— Apareça o ladrão!

O barão ergueu o papel que pousara na mesa, e continuou :

« D'aqui em diante sou obrigado a lêr por que m'ò exige a honra de cada um dos meus amigos.

— E' verdade ! — bradaram muitas vozes.

« Pois escutem, senhores :

« Agora, meu sobrinho, se te interessa conhecer a sociedade em que te deixo, se queres vêr como o dinheiro roubado luz-nas trevas d'onde foge espavorida a honra, se queres vêr como um ladrão se eleva ao fastigio da consideração e das honras nobiliarias, dir-te-hei que o ladrão, creado do desembargador Jeronimo de Abreu e Lima, é actualmente um dos homens necessarios neste paiz, um dos capitalistas chamados a curarem as chagas do thesouro publico, um dos que o jornalismo portuguez apresenta como exemplar de probidade, é finalmente. . . .

« Digo, senhores ?

— Diga, diga, — exclamaram dezenove convidados.

— Não, não, por piedade ! — bradaram Leonor, Izaura, e Jorge Ribeiro.

« A vossa negativa, senhoras — disse o barão — é generosa e caritativa ; mas a reputação destes cavalheiros não pôde sacrificar-se a sentimentos de piedade. A compuncção que deixa equívoca a honra não pôde ser grata a Deus. Attendei, pois, senhores : Este ladrão era

então Antonio José, e é hoje o visconde de Villa-Secca !

Houve um ruidoso movimento de cadeiras, uma agitação subita de todas as figuras, uma rapida evolução de cabeças para o visconde. Nem uma palavra, porém, nem uma exclamação fugiu das bôcas entre-abertas. Havia uma face cheia de lagrimas ; era a de Izaura. Estava uma mulher desmaiada nos braços d'outra ; era Leonor nos braços de Elena. Havia um homem de mãos erguidas, encostado á parede ; era o cego Jorge Ribeiro, que pedia a Deus o remedio do desgraçado visconde.

Este... como se hade descrever este ? Imaginai-o sosinho a um lado da mesa, por que todós fugiram agrupando-se nas extremidades. Quer erguer-se da cadeira como um somnambulo arrastado pelo fio magnetico, mas recae prostrado e convulso. O seu pensamento deve ser fugir, por que tres vezes revolve nas orbitas a pupilla baça para o lado da porta ; ao quarto esforço, vê ao pé de si o barão da Penha, que lhe trava do braço, e o faz erguer, e obriga a dar tres passos para a parede, quasi arrastado. O barão áfasta uma cadeira de espalda, tira por um botão de metal entalhado na parede, e destapa um vão profundo de alguns palmos.

« Antonio José — diz elle — entra alli dentro, e vê se reconheces alli os teus vestigios, ladrão ! Foi d'alli que levantaste um cofre onde ia fechado o teu diploma de visconde. Diz a estes cavalheiros que sensações tiveste quan-

do sahiste d'alli com o patrimonio de Constantino, que a justiça de Portugal mandou morrer nos presidios de Africa. Entra, Antonio José, entra no recinto d'onde sahiste rico, honrado, e titular ! »

Antonio José, impellido por um empuxão, foi bater com a cara á entrada do falso. O barão ia empurrar-o com o pé para o interior, quando Izaura se interpoz de joelhos, exclamando :

— Tenha misericordia, meu pai ! Seja a imagem da justiça divina !

« Misericordia ! — bradou o barão — não enxovalhe essa palavra, minha filha. Esse homem que ahi está fez de mim um ladrão.

— Que diz, senhor !? — atalhou ella.

« Esse homem não me deixou um bocadinho de pão do meu patrimonio. Eu tive fome, e minha mulher teve fome, fome e deshonra, a deshonra do pobre, que é o ser mais vil da creação. Forçado pela fome, delinqui, vendi-me aos que a roubaram, minha filha, fui eu o que fiz annullar o testamento de seu pai, Izaura ; fui eu o que fiz as lagrimas e as fomes de sua mãe ; fui eu o que a puz á mercê da caridade d'um amigo que por sua morte a deixaria rodeada dos abysmos abertos em redor d'uma mulher pobre e innocente. Que heide eu fazer ao homem que me cravou no coração tantos espinhos de remorso ? Como heide eu dizer as lagrimas que este malvado me tem feito cho-

rar? Quantas vidas precisa ter este infame para me pagar a deshonra da minha?

Leonor, tornando a si, viera ajoelhar-se ao lado de Izaura. Jorge Ribeiro, conduzido pela mão de Roberto ao pé do barão, abraçara-o com phrenesi, humedecendo-lhe o rosto com as suas lagrimas.

« Agora é o cego que pede — disse elle com um tom de voz que apiedava os mais indignados — E' o cego que pede em nome de vinte e seis annos de angustias de Leonor. Essa pobre mulher deve de estar morta, por que eu não a ouço supplicar. Onde estás, Leonor, que não ajoelhas aos pés de teu marido? Elena vem aqui chorar comigo; Roberto abraça os joelhos de teu pai, e diz á tua esposa que lhe falle a linguagem d'uma santa. Constantino, olha que Deus vê as vinganças dos homens, e pune aquellas que se anticipam á justiça divina. Constantino, eu receio que te caiam na consciencia como ferro fundido as minhas lagrimas, se as não attenderes. Perdôa, Constantino, perdôa! Diz-me onde está o desgraçado, meu Roberto! Sou eu, quero ser eu que o leve d'aqui. . .

E Jorge Ribeiro, guiado pelo sobrinho, deu a mão ao visconde, e atravessou com elle a sala. Ouvia-se o soluçar das mulheres, e alguns circumstantes não escondiam as lagrimas compassivas. O barão, enleado nos braços de Leonor e Izaura, parecia estranho á sahida do visconde. Passados alguns segundos de espasmo, o barão ergue a

fronte, respira como se esportasse d'um pesadello, descerra dos labios descorados um sorriso que se irradiava em contentamento por toda a face, aliza-se-lhe a fronte, cobram suave expressão os olhos, e diz com jovialidade :

« Meus amigos ! aqui lhes apresento minha mulher, a irmã de minha mulher, casada com esse santo que pôde mais que eu ; aqui tem meu filho, e a esposa de meu filho. Resta-me apresentar-me a mim. Quando precisei passar desconhecido na sociedade, comprei uma mascara, e consegui que me chamassem barão. Agora, meus amigos, desafivelo a mascara, regeito-a com tedio, e a vós me offereço e recommendo como Constantino de Abreu e Lima...

Os hospedes, atordoados com tantas commoções, não gaguejavam sequer um lugar-commum. O barão proseguiu :

« A carta do meu amigo não resa de mais algum ladrão na nossa pequena sociedade. Se entendem em sua consciencia que ella está limpa de peçonha, queiram sentar-se. Os suspeitosos podem sahir, se lhes aprouver.

Sentou-se o barão, e sentaram-se todos. O jantar correu triste ; mas, não obstante, os hospedes provaram que as commoções do espirito não prejudicam os direitos inalienaveis do estomago. Comeram bem.

EPILOGO.

O visconde de Villa-Secca sahio do Porto, dias depois daquelle banquete onde o seu quinhão foi de peçonhá, que, mais tarde, se lhe converteu nos intestinos em inflamação aguda. Soccorreu-se á philosophia do cynismo alvar, esgotou os recursos todos da medicina dos grandes miseraveis, mas nunca mais teve uma hora de descanso. A primeira distracção, que procurou, foi a das vindimas, nas suas quintas do Alto-Douro. Por lá esteve mez e meio, ralado de tristeza lenta, assalteado de sustos, aterrado por sonhos, intractavel, colerico, rabugento, repugnante á propria viscondessa que o desamparou, e volveu para os banhos de S. João da Foz.

O romancista, amigo do defunto Guilherme do Amaral, e de Roberto Soares, esse está ainda no Rio de Janeiro arcando com a dificuldade de accumular cabedães com que comprar um preto — sua derradeira aspiração

FIM.



